

Daniel Nogueira Cortez

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES  
ACAUTELADOS E NÃO ACAUTELADOS SOBRE  
VIOLÊNCIA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde  
Saúde da Criança e do Adolescente**

Belo Horizonte - MG

2010

Daniel Nogueira Cortez

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES  
ACAUTELADOS E NÃO ACAUTELADOS SOBRE  
VIOLÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde, área de concentração em Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientador: Prof. Dr. Alysson Massote Carvalho  
Co-orientador: Prof. Dr. Joel Alves Lamounier

Belo Horizonte - MG

2010



**FACULDADE DE MEDICINA  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100  
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640  
[cpg@medicina.ufmg.br](mailto:cpg@medicina.ufmg.br)



**DECLARAÇÃO**

A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelos Professores Doutores: Alysson Massote Carvalho, Joel Alves Lamounier, Cristina Gonçalves Alvim, e Maria Isabel da Silva Leme, aprovou a defesa da dissertação intitulada: **“REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES ACAUTELADOS E NÃO ACAUTELADOS SOBRE VIOLÊNCIA”** apresentada pelo mestrando **DANIEL NOGUEIRA CORTEZ**, para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 28 de maio de 2010.

  
Prof. Alysson Massote Carvalho  
Orientador

  
Prof. Joel Alves Lamounier  
Coorientador

  
Profª. Cristina Gonçalves Alvim

  
Profª. Maria Isabel da Silva Leme



**FACULDADE DE MEDICINA  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
 Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533  
 Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100  
 Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640  
 cpg@medicina.ufmg.br



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DANIEL NOGUEIRA CORTEZ, nº de registro 2008657234. Às quatorze horas, do dia vinte e oito de maio de dois mil e dez, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de dissertação indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **“REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES ACAUTELADOS E NÃO ACAUTELADOS SOBRE VIOLÊNCIA”**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Alysson Massote Carvalho, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do trabalho final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do candidato e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Prof. Alysson Massote Carvalho/ Orientador	Instituição: Instituto Presbiteriano Gammon	Indicação: <u>Aprovado</u>
Prof. Joel Alves Lamounier/Coorientador	Instituição: UFMG	Indicação: <u>Aprovado</u>
Profa. Cristina Gonçalves Alvim	Instituição: UFMG	Indicação: <u>aprovado</u>
Profa. Maria Isabel da Silva Leme	Instituição: USP	Indicação: <u>aprovado</u>

Pelas indicações o candidato foi considerado Aprovado  
 O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 28 de maio de 2010.

Prof. Alysson Massote Carvalho/ Orientador \_\_\_\_\_  
 Prof. Joel Alves Lamounier/Coorientador \_\_\_\_\_  
 Profa. Cristina Gonçalves Alvim Cristina G. Alvim  
 Profa. Maria Isabel da Silva Leme Isabel Leme  
 Prof. Joel Alves Lamounier/Coordenador \_\_\_\_\_

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador.

**Prof. Joel Alves Lamounier**  
 Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente  
 Faculdade de Medicina - UFMG

**CONFERE COM O ORIGINAL**  
 Centro de Pós-Graduação

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Reitor: Ronaldo Tadêu Pena

Vice-Reitora: Heloisa Maria Murgel Starling

Pró-Reitora de Pós-graduação: Prof<sup>a</sup>. Elizabeth Ribeiro da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Carlos Alberto Pereira Tavares

**FACULDADE DE MEDICINA**

Diretor: Francisco José Penna

Vice-Diretor: Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Carlos Faria Santos Amaral

Subcoordenador do Centro de Pós-Graduação: João Lúcio dos Santos Jr.

Chefe do Departamento de Pediatria: Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Martins

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE – ÁREA DE  
CONCENTRAÇÃO SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Coordenador: Prof. Joel Alves Lamounier

Subcoordenador: Prof<sup>a</sup>. Ana Cristina Simões e Silva

Colegiado:

Prof<sup>a</sup>. Ivani Novato Silva

Prof. Jorge Andrade Pinto

Prof<sup>a</sup>. Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart

Prof<sup>a</sup>. Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof<sup>a</sup>. Regina Lunardi Rocha

Gustavo Sena Sousa (Repr. Discente)

### **Dedico estes passos...**

À Andreza, pelo amor, paciência e cumplicidade. Sem seu incentivo, talvez não tivesse conseguido esta conquista.

Aos meus pais, Lourdinha e Mário, por ensinarem que na simplicidade da vida se encontram os melhores momentos...

Aos meus irmãos, Eduardo e Fabiano pelo exemplo de esforço e honestidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por manter Sua luz sobre meus passos. Sem Ele não sou nada.

Ao Professor Dr. Alysso Massote Carvalho, meu orientador, por identificar o projeto como algo possível e apoiar e nortear minha trajetória nos momentos necessários.

Ao Professor Dr. Joel A. Lamounier, pelo amparo nos momentos difíceis.

Aos professores da pós-graduação e colegas, principalmente ao amigo Sixpense por dispensar palavras e momentos de amparo que me fizeram persistir nesta caminhada.

À Karina, Diretora do Centro Socioeducativo, pelo apoio e receptividade à pesquisa.

À Irene, Diretora da Escola, pela abertura e colaboração ao projeto.

À Fabíola e demais pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste estudo.

Aos adolescentes, por permitirem adentrar em seus espaços e entender um pouco de seus significados.

À minha família, que, antes desta trajetória, eram duas e, durante, se tornou uma. Vocês sabem o motivo e o quanto me fazem bem.

Aos meus sobrinhos, Gabriel, Filipe, Júlia, Luiza, Pedro e Caio, por permitirem o sorriso, o abraço e a terapia de estar juntos.

Ao INESP, UNIPAC, UPA, pacientes e alunos pelo apoio, aprendizado e incentivo.

Aos amigos, por entenderem os momentos de ausência, principalmente, ao George e Tarcísio pelo apoio e orientação.

Podemos acreditar que tudo que a vida nos oferecerá no futuro é repetir o que fizemos ontem e hoje. Mas, se prestarmos atenção, vamos nos dar conta de que nenhum dia é igual a outro. Cada manhã traz uma benção escondida; uma benção que só serve para esse dia e que não se pode guardar nem desaproveitar. Se não usamos este milagre hoje, ele vai se perder. Este milagre está nos detalhes do cotidiano; é preciso viver cada minuto porque ali encontramos a saída de nossas confusões, a alegria de nossos bons momentos, a pista correta para a decisão que tomaremos. Nunca podemos deixar que cada dia pareça igual ao anterior porque todos os dias são diferentes, porque estamos em constante processo de mudança.

Paulo Coelho



## RESUMO

O presente trabalho é um estudo descritivo com abordagem qualitativa, que tem como objetivo descrever as representações sociais de violência de adolescentes em conflitos com a lei, em um Centro Socioeducativo de Minas Gerais e comparar com adolescentes livres, alunos de uma escola, considerados não infratores. A pesquisa foi previamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Foram adotados como instrumentos a entrevista semiestruturada e a coleta da história de vida. Participaram da pesquisa onze adolescentes de cada ambiente, totalizando vinte e dois participantes. Submeteram-se os dados à análise de conteúdo na vertente análise temática, sem a determinação prévia das categorias. Os temas que emergiram foram: Percepção da violência: o que é violência?, Envolvimento da família dos adolescentes em situações de violência e/ou uso de drogas, Influências para prática de violência e/ou uso de drogas, Imediatismo e banalização da violência e Futuro do adolescente e possibilidades de mudança. Os adolescentes da escola retratam a violência de uma forma mais ampla, abrangendo mais tipos de violência, enquanto os adolescentes do Centro Socioeducativo deixam claro que a violência está, principalmente, relacionada àquela de maior risco em que a morte pode estar presente. Talvez essas diferenças sejam representadas pelo percurso de vida que cada grupo apresenta. Os principais fatores que influenciaram a prática de violência e/ou uso de drogas foram: a necessidade do dinheiro para a subsistência devido à pobreza, à falta de trabalho e, principalmente, para a compra de drogas; a via fácil da aquisição do dinheiro e bens materiais; o abandono escolar; a influência de amigos; a falta de supervisão dos pais e a ausência paterna e a família como exemplo negativo.

## **ABSTRACT**

This paper presents a qualitative descriptive study which aims to describe and compare the social representations of violence manifested by adolescent offenders from a Juvenile Development Center in Minas Gerais and by apperceived law-abiding nonoffenders from a regular school. Prior approval for this study was granted by the Federal University of Minas Gerais Research Ethics Committee. The data-collection instruments were a semi-structured interview and a self-reported life history. A total of twenty-two adolescents (eleven from each environment) participated in the study. The data were submitted to thematic content analysis without previous categorization. The themes revealed were: perception of violence: what is violence?; family involvement in violent situations and/or drug use; influences to the perpetration of violence and/or drug use; the immediacy and banality of violence; the juvenile's future and the possibility of change. The regular school adolescents view violence across a broader spectrum, seeing it as spanning more types of violence, whereas the Juvenile Development Center ones render it clear that violence is mainly related to that which involves higher, potentially lethal, risk. The diverging representations likely arise on account of the life courses the groups presented. The main contributing factors to the perpetration of violence and/or drug use were: poverty-related lack of money to meet basic needs, labor market detachment due to job skill/opportunity deficits, and, primarily, the need to obtain money to buy drugs; easy means of financial and material gain; school dropout; negative peer influences; lack of parental supervision and father absence; and negative family role models.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Adolescentes em privação de liberdade.....	27
QUADRO 2	Adolescentes da Escola.....	28

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CSE – Centro Socioeducativo

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

DST – Doença Sexualmente transmissível

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – Literatura Internacional em Ciências da Saúde

OMS – Organização Mundial de Saúde

OPAS – Organização Panamericana de Saúde

PROSAD – Programa Saúde do Adolescente

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

WHO – World Health Organization

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	18
2.1	Objetivo geral.....	19
2.2	Objetivos específicos.....	19
<b>3</b>	<b>MÉTODO</b> .....	20
3.1	Tipo de estudo.....	21
3.2	Instrumentos.....	21
3.3	Cenário de estudo.....	22
3.4	Participantes da pesquisa.....	25
3.5	Procedimentos.....	29
3.5.1	Entrevista semiestruturada.....	29
3.5.2	História de vida.....	30
3.5.3	Procedimentos de análise.....	30
3.6	Aspectos éticos.....	32
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	34
<b>4</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – Artigo 1</b> .....	38
	Adolescência e representação social de violência: uma revisão de literatura.....	39
<b>5</b>	<b>RESULTADOS – Artigos 2 e 3</b> .....	58
	Adolescentes em conflito com a lei: influências para o envolvimento com a violência.....	59
	Representação social de adolescentes acautelados e não acautelados sobre violência: um estudo comparativo.....	84
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
	<b>APÊNDICES</b> .....	113
	<b>ANEXOS</b> .....	120



## 1 INTRODUÇÃO

Lidar com a adolescência sempre me despertou interesse desde a trajetória acadêmica até os dias atuais. Durante a graduação em enfermagem, na Faculdade Federal de Diamantina, dentre várias práticas, participei de atividades na Estratégia de Saúde da Família e em escolas de comunidades carentes da cidade. Uma atividade que me chamava a atenção era a abordagem a adolescentes para atendimento individual e coletivo sobre temas diversos como sexualidade, DSTs, autoestima, perspectivas de trabalho e estudo, violência, entre outros.

Após o término da graduação, continuei o contato com esse público, ao trabalhar por quatro anos na Estratégia de Saúde da Família, em municípios do interior de Minas Gerais. Posteriormente, ao iniciar minha carreira como professor universitário, fui convidado a trabalhar com a disciplina de Saúde da Criança e do Adolescente.

Em minha experiência como professor, nas atividades relacionadas a estágios e extensão, desenvolvi trabalhos com adolescentes em privação de liberdade, assim como com adolescentes de diversas escolas públicas e privadas. A partir desses contatos, surgiram indagações relacionadas à visão e perspectiva de vida de adolescentes envolvidos com a criminalidade e de outros que, teoricamente, ainda não tinham o mesmo envolvimento. Particularmente, fiquei intrigado se haveria, por partes dos adolescentes envolvidos com violência, uma forma diferente de percebê-la. Neste sentido, busquei no Mestrado pela Pós Graduação em Saúde da Criança e Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) trabalhar estes e outros questionamentos que me incentivaram à realização deste estudo.

Nesta pesquisa, a abordagem adotada sobre adolescência tem direcionamento voltado à área da saúde. Como campo da área da saúde, a adolescência é vista também como um período natural do desenvolvimento do ser humano. No interior das práticas de saúde, a adolescência enquanto objeto de intervenção, apresenta uma natureza estereotipada e naturalizada, situada como conjunto de fenômenos biológicos (apresentada como puberdade) e universais do processo de crescimento e desenvolvimento (RAMOS, 2001). Mas, mesmo sendo

natural, apresenta características próprias do período e que podem trazer particularidades que influenciarão o seu presente e o seu futuro.

Outra abordagem que será utilizada, que é paralela e ao mesmo tempo interligada ao setor saúde, são as demarcações sociais que também caracterizam a adolescência. É nesta perspectiva que Ferreira *et al.* (2007) consideram a adolescência uma categoria sociocultural, historicamente construída a partir de critérios múltiplos que abrangem tanto a dimensão bio-psicológica, quanto à cronológica e a social. Segundo diversos autores, os fatos sociais que surgem na adolescência podem permitir atribuições de significados para esta faixa etária e passam a estabelecer marcas ou até referências que compõem a constituição destes sujeitos. Talvez, podemos afirmar que as condições sociais construirão uma determinada adolescência.

Dentro desse contexto, fazendo uma combinação entre o setor saúde e o setor social, destaca-se que a adolescência é inerente ao desenvolvimento do ser humano e também ao contexto social no qual os adolescentes estão inseridos, fazendo parte da construção de suas histórias.

Estudar a adolescência por si só já caracteriza importância ímpar. Em termos prospectivos, a população adolescente continuará a apresentar contingente significativo, mesmo com a redução na representatividade na população total do país (BAENINGER, 1999). Em 1999, existiam 30 milhões de crianças e 36 milhões de adolescentes no Brasil. Em 2007, o número de adolescentes diminuiu para cerca de 33 milhões correspondendo a 18% da população (DATASUS, 2008).

Essa parcela da população, enquanto cidadãos, merece atenção especial às suas necessidades específicas e eventos típicos desta fase, como conflitos interpessoais, agressividade, sexualidade, gravidez, uso de drogas e bebidas alcoólicas, violência, entre tantas outras situações. Todos esses temas são peculiares à adolescência e importantes, mas a violência, envolvendo adolescentes apresenta-se em destaque, seja por ser um campo de difícil intervenção que exige o envolvimento de vários setores, seja por se apresentar estatisticamente crescente no Brasil (DATASUS, 2008; PRIULLI; MORAES, 2007).

A World Health Organization - WHO (2002) coloca que, no Brasil, altos índices de criminalidade relacionam-se à violência envolvendo jovens. No período de 1995, ocorreu um total de 25.591 óbitos na faixa etária de 10 a 19 anos, sendo 5.644 de óbitos específicos por homicídios na mesma faixa etária, correspondendo a 22%



do total de óbitos. Já no período de 2005, ocorreu um total de 24.764 óbitos na faixa etária de 10 a 19 anos, sendo que, para causa específica por homicídios, houve um total de 8.255 óbitos, que representa 33% do total destes (DATASUS, 2008). Assim, ao compararmos o ano de 1995 com 2005 percebemos um aumento de quase 50% no número de óbitos por homicídios de adolescentes. No estado de Minas Gerais, ocorreu aumento de 390% no número de óbitos por homicídios de adolescentes, passando de 161, em 1995, para 789, em 2005 (DATASUS, 2008).

Os avanços da violência homicida das últimas décadas, no Brasil, são explicados, exclusivamente, pelos incrementos dos homicídios contra a juventude. Se as taxas de homicídios entre os jovens pularam de 30,0, em 1980 para 54,5 (em 100 mil jovens), em 2002, as taxas para o restante da população permaneceram estáveis, passando de 21,3 para 21,7 (em 100 mil habitantes) (WAISELFISZ, 2004).

Diante de um chamativo aumento da violência relacionada aos adolescentes, evidenciado nesse estudo, principalmente pelo aumento de homicídios, vale ressaltar que a violência não é um fenômeno recente e restrito às sociedades urbanas, mas tem despertado interesse por vários estudiosos de campos diversos, pelas suas diferentes manifestações e, especialmente, pelo envolvimento dos jovens em atos infracionais (ABRAMOVAY *et al.*, 1999; ABRAMOVAY, 2002; ABRAMOVAY; CUNHA; CALAF, 2009; GALLO; WILLIAMS, 2005).

A violência urbana preocupa, hoje em dia, pelo nível que atingiu tanto em termos de frequência quanto de intensidade. Exige uma análise aprofundada de suas causas, as quais, como todos sabemos, são múltiplas, e convoca aqueles a quem interessa o psíquico, o relacional, o político e o social (TARTER *et al.*, 2002; WHO, 2002).

A violência não se restringe a um conjunto de práticas objetivas, pois também engloba representações pessoais e estes fatos são fatores complicadores para sua compreensão e o entendimento de suas consequências. As representações pessoais (percepções individuais e sociais) da violência são elos cruciais na compreensão da gênese do problema. Por se constituir no âmbito das relações humanas, a violência pode, muitas vezes, ser encarada como parte da natureza do ser humano (MINAYO; SOUZA, 1998).

Diante do exposto, aprofundar nesse campo da violência, através da compreensão do que foi vivenciado pelos adolescentes que se encontram em

privação de liberdade, poderia ser possível a partir da percepção desses sujeitos que viveram a experiência de algum ato infracional em algum momento de suas vidas.

Para tanto, o presente trabalho é organizado no formato de artigos, sendo a fundamentação teórica apresentada como um artigo de revisão de literatura (1), e os resultados da pesquisa como dois outros artigos (2 e 3). Suas formatações estão de acordo com as normas de publicação das revistas a que serão submetidos.

**2 OBJETIVOS**

---

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Descrever as representações sociais de violência de adolescentes em conflito com a lei em um Centro Socioeducativo (CSE) de Minas Gerais

### **2.2 Objetivos específicos**

Identificar o perfil dos adolescentes da pesquisa

Comparar as representações sociais de violência entre os adolescentes acautelados e não acautelados

Caracterizar as esferas de convívio dos adolescentes antes do acautelamento

Subsidiar a elaboração de políticas de atendimento aos adolescentes acautelados



### **3 MÉTODO**

#### **3.1 Tipo de estudo**

A presente pesquisa trata de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, por meio da identificação das representações sociais. Apoiando-se nas recomendações de Minayo (2006), para a realização criteriosa de uma investigação qualitativa é necessário tentar multiplicar as formas de abordar o campo. Seguindo essas orientações, este trabalho apresenta dois instrumentos para abordagem dos participantes que são a história de vida e a entrevista semiestruturada.

A pesquisa qualitativa apresenta-se como uma possibilidade de escolha na qual o pesquisador lida com categorias analíticas e explicativas que extrapolam os dados quantitativos. Tais categorias são alcançadas na interface do teórico com o empírico, “na tentativa de colocar em evidência as possibilidades de interpretação dos fatos estudados e não exclusivamente demonstrar sua evidência” (TITTONI; JACQUES, 2001, p.78).

Minayo (2006) ratifica a pesquisa qualitativa como sendo capaz de incorporar os significados e a intencionalidade inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais das construções humanas significativas, visando compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores, quanto aos valores culturais e representações sobre sua história e, ainda, as relações entre os indivíduos, instituições e movimentos sociais, além de processos sociais e de implementação de políticas.

#### **3.2 Instrumentos**

Os instrumentos para a coleta dos dados foram entrevista semiestruturada e história de vida.

Para a entrevista, elaborou-se um roteiro (APÊNDICE A). A entrevista semiestruturada, como modalidade na coleta de dados para identificação das

representações sociais, obedece a um roteiro construído pelo pesquisador e considera a interação pesquisador/pesquisado também como dado a ser analisado. É eleita por sua flexibilidade e possibilidade de se obter informações através do contato direto com os participantes (MINAYO, 2006).

Segundo Triviños (1995), a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.

No tocante à história de vida, também foi seguido um roteiro para orientação do participante conforme APÊNDICE B. A história de vida, como modalidade na coleta de dados para identificação das representações sociais, pode ser a melhor abordagem para se compreender o processo de socialização. As narrativas de vida nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos e, sim, uma versão possível que lhes atribuem os que vivenciaram os fatos, a partir dos dados de sua biografia, de sua experiência, de seu conhecimento e de sua visão do futuro (CARVALHO; FONSECA; IMAI, 2003; MINAYO, 2006).

Tanto no CSE quanto na escola, a entrevista e a coleta da história de vida foram realizadas de forma individual, em sala segura, o que ao mesmo tempo permitiu a espontaneidade dos adolescentes.

### **3.3 Cenário de estudo**

A pesquisa foi realizada em um CSE de Minas Gerais, sob gestão da Secretaria de Estado de Defesa Social. Para comparação, conforme objetivo descrito, a pesquisa também ocorreu em uma escola com o mesmo perfil do adolescente acautelado, em relação ao gênero, faixa etária e classe social, sendo ambos os locais do mesmo município.

O CSE utilizado como cenário desta pesquisa trabalha com adolescentes do sexo masculino, entre 12 e 18 anos incompletos, acautelados para cumprimento de Medida Socioeducativa de Internação e Internação Provisória, conforme orienta o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Trata-se de unidade regionalizada do sistema de atendimento, com capacidade prevista para 48 adolescentes, distribuídas

28 vagas para o Núcleo de Internação e 20 para o Núcleo Provisório. A medida de internação só poderá ser aplicada quando tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa; por reiteração no cometimento de outras infrações e por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta (Art.122, ECA). A Internação Provisória por sua vez, pressupõe o prazo máximo de 45 dias conforme determina o art.108 do ECA (BRASIL, 2006).

A pessoa até 18 anos de idade é considerada inimputável, sendo sujeita a um conjunto de prerrogativas do ECA, mas não está sob os preceitos do Código Penal (BRASIL, 2006). Ao adolescente autor de ato infracional, considerado inimputável, são aplicadas medidas socioeducativas. O ECA elenca as seguintes medidas socioeducativas em ordem crescente de severidade:

- *Advertência*: admoestação verbal por parte da autoridade judiciária.
- *Obrigação de Reparar o Dano*: restituição do bem, promoção do ressarcimento do dano ou compensação do prejuízo da vítima.
- *Prestação de Serviços à Comunidade*: realização de tarefas gratuitas, de interesse geral, por período não excedente a seis meses.
- *Liberdade Assistida*: acompanhamento psicossocial, em um prazo mínimo de seis meses e máximo de três anos, é a última medida em regime aberto.
- *Semi-liberdade*: residência do adolescente no local da medida, tendo seu direito de ir e vir restrito às normas da instituição e condicional ao seu desempenho no processo socioeducativo.
- *Internação*: suspensão, por tempo indeterminado, do direito de ir e vir.

O CSE em questão é composto pelo diretor geral, diretor de atendimento e diretor de segurança. A equipe de segurança é composta por sessenta e quatro agentes de segurança socioeducativos. A equipe técnica é composta por um analista jurídico, dois psicólogos, dois assistentes sociais, dois pedagogos, um terapeuta ocupacional, um médico clínico geral, um cirurgião dentista, dois técnicos de enfermagem e quatro auxiliares educacionais. A equipe administrativa é composta por quatro auxiliares administrativos, três auxiliares de serviços gerais, dois motoristas e quatro porteiros.

Os fundamentos legais que orientam o trabalho da Unidade estão elencados no SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo, ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069 de 13 de julho de 1990,



Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Lei 8.742 de 7 de dezembro de 1993, Lei 9.394 de 20 dezembro de 1996, Portaria Interministerial nº 1.426 de julho de 2004, dentre outros (BRASIL, 2006).

As atividades desenvolvidas no Centro abrangem a atuação dos diversos setores. São realizadas oficinas pedagógicas e terapêuticas, atividades esportivas, artísticas, culturais e de lazer. São oferecidos atendimentos psicológicos, pedagógicos, jurídicos, sociais e de saúde, com ações diversas que visam a assistência e promoção do desenvolvimento integral do adolescente. Dentre as atividades internas, a Unidade conta com o funcionamento da Escola Estadual Vida Nova, escola regular para adolescentes do Núcleo da Internação e reforço pedagógico para os adolescentes do Núcleo do Provisório.

O funcionamento da Escola Estadual Vida Nova ocorre nos turnos matutino e vespertino. A Escola adotou o PAV “Projeto Aceleração pra Vencer” que trabalha numa perspectiva de valorização dos conteúdos já assimilados pelo aluno através de um processo que agiliza sua escolaridade.

Os cursos profissionalizantes oferecidos são frutos de parcerias com Universidades, o Judiciário e outros segmentos da comunidade local.

As oficinas realizadas na Unidade são coordenadas pela terapeuta ocupacional e pelas pedagogas e executadas pelos auxiliares educacionais. Atualmente são oferecidas as oficinas de Artes, Atividades Esportivas, Projeto Cultura Hip Hop, Oficina de Talentos - Teatro, Desenvolvendo Habilidades-Sanando Dificuldades, Coleta Seletiva, Projeto Semear e Auto-cuidado.

A atividade esportiva acontece diariamente e aos fins de semana. A Unidade também promove campeonatos, torneios entre os adolescentes e com parceiros.

A Unidade busca parcerias com empresários do ramo cultural, lazer e esportivo, através de ofícios, visitas, ligações e reuniões. A equipe se empenha e atualmente mantém inúmeras parcerias como teatro, cinemas, lojas de esportes, supermercados, restaurantes, Biblioteca Pública dentre outros.

Algumas comemorações são elaboradas seguindo o calendário convencional: como Carnaval, Páscoa, Férias Escolares, Semana Especial do recesso escolar por ocasião do Dia das crianças, Natal e Ano Novo e outras como Comemoração do aniversário da Unidade e da Escola Estadual Vida Nova.

É fundamental a participação dos educadores na construção e elaboração dos estudos de casos, contribuindo com informações a respeito da participação dos adolescentes nas atividades de cultura, esporte, lazer, oficinas e autocuidado, considerando suas potencialidades, dificuldades, interesses e necessidades.

É importante destacar ainda que o serviço social na Unidade acompanha sistematicamente o adolescente e seu grupo familiar, através dos atendimentos individuais mensais ao adolescente, atendimento familiar, acompanhamento da visita da família à Unidade, entrevista familiar, visitas domiciliares e grupo de famílias realizado mensalmente, coordenado pela assistente social e psicólogas.

A Escola Estadual escolhida pertence a uma região periférica do município. De acordo com dados de 2009 do Sistema de Informação da Atenção Básica, essa região apresenta baixo poder aquisitivo, moradias precárias, ruas sem calçamento e sem saneamento básico completo, poucas opções de lazer e famílias incompletas, ora com ausência da mãe, ora com ausência do pai, o que para o setor saúde é considerado uma área de alta vulnerabilidade social (MELO *et al.*, 2007). Esta escola também foi sugerida e autorizada pela Direção da Superintendência Regional de Ensino, conforme ANEXO B. No momento da pesquisa, a escola estava com 180 alunos entre 13 e 17 anos.

### **3.4 Participantes da pesquisa**

De acordo com Minayo (2006) e Turato (2008), no estudo qualitativo, a definição da amostra deve estar voltada para a possibilidade do aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo social, em detrimento da representatividade numérica que leve à generalização dos resultados.

Foram entrevistados 11 adolescentes do CSE e 11 adolescentes da escola. No CSE, como primeiro critério de inclusão, o adolescente deveria possuir idade compreendida entre 13 e 17 anos. Em seguida, concordar em participar de forma livre e espontânea após entender a pesquisa explicada pelo pesquisador e, por último, assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), visto que seus responsáveis já haviam autorizado (ANEXO A e APÊNDICE D). A direção do CSE solicitou que a entrevista fosse realizada com os

adolescentes que estivessem em regime de medida socioeducativa de internação por já estarem em processo de reconhecimento de sua privação de liberdade e assim foi feito.

Em uma lista de trinta e cinco internos, não organizada por ordem alfabética, escolheram-se os números ímpares para que ocorresse a aleatoriedade. As entrevistas foram realizadas e interrompidas até o adolescente décimo primeiro, pois neste momento, percebeu-se a saturação de dados. Segundo Turato (2008, p. 363) na amostragem por saturação “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições de conteúdo.” Durante o processo de entrevista dois adolescentes não aceitaram participar da pesquisa. O primeiro alegou que já dialogava o assunto com sua psicóloga e não gostaria de participar. O segundo, sem motivo específico, não quis responder à entrevista. Esta possibilidade já era prevista.

Na escola, o objetivo era entrevistar o mesmo número de adolescentes e de mesmo gênero do CSE. Primeiramente, a diretora da escola, após assinatura da carta de autorização da pesquisa conforme ANEXO C, indicou quais turmas se encontravam na faixa etária pretendida. As salas indicadas foram abordadas coletivamente para explicação da pesquisa e escolha, conforme lista de chamada, dos alunos de números ímpares de cada turma para permitir a aleatoriedade. Participaram os interessados num total de 11 adolescentes que assinaram o TCLE (APÊNDICE E) e que trouxeram o TCLE (APÊNDICE F) assinado por seus pais.

Assim, o número final de participantes da pesquisa foram 22 adolescentes. Estes estão organizados em dois quadros de acordo com o local a que pertencem, identificados por “A” os adolescentes em privação de liberdade do CSE e “E” os adolescentes da escola.

## QUADRO 1

### Adolescentes em privação de liberdade

Participantes	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11
<b>Idade</b>	14	17	17	15	17	13	17	16	17	17	15
<b>Ano escolar no CSE</b>	4º	6º	4º	6º	1º Ano	4º	6º	4º	7º	4º	7º
<b>Atraso escolar</b>	5 anos	6 anos	8 anos	4 anos	2 anos	4 anos	6 anos	7 anos	5 anos	8 anos	3 anos
<b>Trabalho antes da privação</b>	Não	Em ferro velho	Corte de pano para fábricas	Propaganda de compra de ouro	Servente de pedreiro	Venda de picolé	Supermercado	Venda de picolé	Sorveteria	Fábrica de tênis	Fábrica de gaiola
<b>Tempo de privação de liberdade</b>	1 ano e 10 meses	10 meses	6 meses	9 meses	1 ano e 2 meses	4 meses	4 meses	7 meses	8 meses	8 meses	3 meses
<b>Motivo de privação de liberdade</b>	Furto e roubo	Tráfico de drogas	Furto e roubo	Tráfico de drogas, furto e roubo	Tráfico de drogas, furto e roubo	Tráfico de drogas, furto e roubo	Furto e roubo	Furto e roubo	Furto e roubo	Furto e roubo	Tráfico de drogas, furto e roubo
<b>Ausência de pai na infância</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	A partir de 14 anos	Sim	Sim	Sim	A partir de 14 anos
<b>Ausência de mãe na infância</b>	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Tem ou teve padrasto</b>	Não	Sim (até 16 anos)	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Não
<b>Usuário de drogas</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim
<b>Idade de início de uso de drogas</b>	11	13	9	13	15	12	-	8	-	12	12
<b>Qual droga utiliza ou utilizou</b>	Maconha	Maconha	Cola, tiner, cigarro, maconha e crack	Maconha e cocaína	Maconha e cocaína	Maconha, cocaína e crack	-	Maconha e cola	-	Maconha, cocaína e crack	Maconha, cocaína e crack
<b>Presença de familiares próximos envolvidos com alcoolismo, drogas, crime e/ou violência</b>	Pai e irmão tráfico	Padrasto agressão física	Pai Alcoolismo	Pai Alcoolismo	Irmão Tráfico	Mãe Alcoolismo	Não	Pai Uso de droga ilícita	Não	Mãe e Pai Alcoolismo e irmão Uso de droga ilícita	Pai Tráfico, assassinato
<b>Residia com a família</b>	Sim	Sim	Não (rua)	Sim	Não (sozinho)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>Composição da família atual que residem na casa de referência</b>	Mãe, 1 irmã, 1 irmão, 1 cunhada e 2 sobrinhos	Mãe, 1 irmã gêmea e 1 irmão	Mãe e 7 irmãos	Mãe, 3 irmãs, 1 irmão e 1 sobrinho	Mãe, 1 irmã e 1 irmão	Avó, tia e 1 irmão	Mãe e 2 irmãos	Mãe, padrasto, 1 irmão e 1 irmã	Mãe, padrasto, irmão do padrasto e 1 irmão.	Mãe, padrasto 2 irmãs e 5 irmãos	Mãe, 2 irmãs e 1 irmão gêmeo

## QUADRO 2

### Adolescentes da Escola

Participantes	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11
<b>Idade</b>	15	15	15	13	14	16	17	16	17	16	16
<b>Ano escolar</b>	9º	6º	7º	7º	8º	9º	9º	9º	9º	9º	8º
<b>Nº de reprovações escolares</b>	1	4	3	1	1	2	3	2	3	2	3
<b>Trabalha</b>	Reformado- ra pneus	Não	Não	Venda de picolé	Não	Não	Não	Fundi- ção	Office boy	Estam- paria	Lan- cho- nete
<b>Reside com a família</b>	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>Composição da família atual que reside na casa de referência</b>	Mãe, pai, avô pater- no, 1 irmã, 2 irmãos	Mãe, pai, 1 irmã, 1 irmão	Madra- sta, pai, 1 irmã (filha da ma- drasta) , (1 irmão mora com a mãe)	Mãe, padras- to, 2 irmãos	Mãe, pai, 3 irmãos	Mãe, avós e bisavó mater- na	Mãe, padras- to, 1 irmão, (1 irmão preso)	Mãe, pai, 3 irmãs	Mãe, padras- to, 1 irmã	Mãe, pai, 1 irmão (2 irmãos e 1 irmã casa- dos)	Mãe, padras- to, 2 irmãos
<b>Ausência de pai na infância</b>	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não
<b>Ausência de mãe na infância</b>	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Tem padrasto ou madrastra</b>	Não	Não	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
<b>Experiência com uso de drogas</b>	Não	Maco- nha e cocaí- na	Maco- nha e cocaí- na	Não	Maco- nha Obs: foi detido por uso	Não	Não	Não	Não	Não	Maco- nha e cocaí- na
<b>Experiência com uso de bebida alcoólica</b>	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
<b>Presença de familiares próximos envolvidos com alcoolismo, drogas, crime e/ou violência</b>	Não	Tio Alco- olismo e uso de crack	Pai Alco- olismo e tio uso de droga ilícita	2 tios Uso de droga ilícita	Não	Primo Agres- são física grave	Irmão Uso de droga ilícita	Não	Não	Não	Não

### **3.5 Procedimentos**

O trabalho exploratório foi iniciado em outubro de 2008, com os primeiros contatos com a Direção do CSE do município da pesquisa. Em novembro de 2008, o projeto foi encaminhado para a Diretoria da Gestão de Informação e Pesquisa e Diretoria de Orientação Socioeducativo da Secretaria de Estado de Defesa Social e foi aprovado em maio de 2009 (ANEXO A).

Ainda em maio de 2009 houve contato com a Diretora da Superintendência Regional de Ensino e, depois, com a Diretora da Escola Estadual que, no mesmo mês, aprovaram a realização da pesquisa (ANEXO B e C). Assinadas as cartas de autorização, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG).

É importante destacar que a Diretoria da Gestão de Informação e Pesquisa e Diretoria de Orientação Socioeducativo da Secretaria de Estado de Defesa Social foram rigorosos e restritivos no tocante à realização da pesquisa em vários aspectos e em relação à não exposição ou identificação da instituição/município e até interferências no método da pesquisa, o que exigiu vários reajustes no projeto causando atraso no início da coleta de dados.

#### **3.5.1 Entrevista Semiestruturada**

Depois de descritos os passos de escolha dos sujeitos e seguidos os preceitos éticos, realizou-se, tanto no CSE quanto na escola, o procedimento de coleta de dados.

Foram elaborados dois roteiros de entrevistas (APÊNDICE A) com a maioria das perguntas comuns aos dois grupos de pesquisa. A construção do roteiro baseou-se nos objetivos da pesquisa assim como na teoria das representações sociais.

Os dias e horários das entrevistas foram agendados com as diretorias do CSE e da escola de forma a não atrapalhar as atividades dos adolescentes. A duração de cada entrevista foi, em média, 20 minutos.

### 3.5.2 História de vida

Imediatamente após as entrevistas, os participantes descreveram, para gravação, da forma como conseguiram, suas próprias histórias, desde as lembranças mais antigas até os dias atuais, conforme APÊNDICE B. A realização da coleta da história de vida ocorreu individualmente e no mesmo momento das entrevistas, para seguir as exigências da Diretoria do CSE. Tal descrição, apesar de em alguns momentos repetir dados já coletados na entrevista semiestruturada, contribuiu para complementá-la e atingir parte dos objetivos, principalmente no que tange às esferas de convívio antes do acautelamento.

É importante reforçar que, como o adolescente, muitas vezes, não responde a tudo numa dada pergunta, sua história contribuiu para tal complementação. Portanto, a história de vida possibilitou uma riqueza de informações como forma de triangulação metodológica descrita no tipo de estudo.

### 3.5.3 Procedimentos de análise

Neste estudo, a violência foi idealizada como construção social, que ultrapassa as questões puramente biológicas ou emocionais. Com a finalidade de resgatar o contexto de como as representações sobre violência são construídas, tomou-se, como ponto de partida, a percepção dos adolescentes sobre a expressão violência em situações do seu cotidiano. Para efetivar a construção destas representações foi referência a observação de Minayo (2006, p.174) em que

as representações sociais não são necessariamente conscientes. Perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz e se manifesta a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos.

Para conhecer e inferir as representações sociais dos adolescentes desta pesquisa é necessário perceber suas histórias dentro de um contexto onde estão inseridos, seja a escola, a rua, a família, igreja e os grupos de convivência.

É importante ressaltar que as representações sociais são formadas por dois processos que são a objetivação e a ancoragem.

A objetivação relaciona-se em transformar em objeto o que é representado e realizar uma construção seletiva da realidade. O indivíduo ou um grupo social tem a capacidade de apropriar-se dos conhecimentos que envolvem determinado objeto. Este objeto pode modificar o seu texto inicial originando uma nova forma de explicá-lo a partir das crenças, valores, preconceitos e paradigmas vividos pelo grupo no qual se está inserido. Neste sentido, ocorre a transformação do abstrato em concreto e os pensamentos convertidos em figuras são conduzidos para dentro da realidade. A ancoragem permite que o objeto estranho se transforme em algo familiar. Ela direciona a orientação dos comportamentos dentro de um grupo social, assim como contribui para exprimir e constituir as relações sociais deste grupo (MOSCOVICI, 1978).

Terminada a etapa de trabalho de campo, as entrevistas e as histórias de vida foram transcritas conforme regras do ANEXO E. O processamento das informações contidas nas entrevistas foi efetuado por meio da organização dos dados para a aplicação da técnica de análise de conteúdo na sua vertente análise temática, como proposto por Bardin (1979).

A análise de conteúdo é definida por Bardin (1979, p.42) como

um conjunto de técnicas de análises de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo nas mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/percepção destas mensagens.

Esta análise é organizada em três fases sequenciais. A primeira, a pré-análise, é a fase de organização dos dados, em que leituras sistematizadas das entrevistas são realizadas e se determinam as unidades de análise; a segunda é a exploração do material, que consiste na organização dessas unidades nos temas com vista a alcançar o núcleo de compreensão do texto; a terceira é o momento de interpretação, quando são feitas análises, relacionando-as ao referencial teórico (BARDIN, 1979; MINAYO, 2006).

No presente estudo, os dados foram organizados em seis temas. Os dois primeiros temas utilizaram dados dos dois grupos de adolescentes e os quatro últimos, utilizaram dados apenas dos adolescentes do CSE:



- Caracterização dos adolescentes da pesquisa
- Percepção de violência: O que é violência?
- Envolvimento da família dos adolescentes em situações de violência e/ou uso de drogas
- Influências para prática de violência e/ou uso de drogas
- Imediatismo e banalização da violência
- Futuro do adolescente e possibilidades de mudança

Para a caracterização dos adolescentes da pesquisa, utilizaram-se dados apenas da entrevista semiestruturada. Os demais temas surgiram de ambos os meios de coletas de dados: entrevista semiestruturada e história de vida.

A partir da dissertação, foram elaborados três artigos: 1- **“Adolescência e representação social de violência: uma revisão de literatura”**, 2- **“Adolescentes em conflito com a lei: influências para o envolvimento com a violência”** e 3- **“Representação social de adolescentes acautelados e não acautelados sobre violência”**.

### **3.6 Aspectos éticos**

Para atender os critérios éticos, seguiram-se as recomendações da Resolução n. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, e os responsáveis/participantes foram esclarecidos sobre os objetivos e a metodologia do estudo, bem como assegurado o direito de acesso aos dados pelo pesquisador e seu orientador.

A assinatura do TCLE se deu com o propósito de validar a participação e a utilização das informações contidas na entrevista e história de vida, garantindo-se o sigilo da identidade de cada um e assegurada a liberdade de qualquer integrante optar por deixar de participar, a qualquer momento, sem prejuízos ou constrangimentos.

Foram seguidos os preceitos éticos protocolados e aprovados no COEP/UFMG, enfatizando-se o TCLE e o sigilo das informações.

Também foram seguidas as normas e determinações da Diretoria da Gestão de Informação e Pesquisa, da Diretoria de Orientação Socioeducativo da Secretaria de Estado de Defesa Social, da Direção da Superintendência Regional de Ensino e da diretora da escola escolhida.

**REFERÊNCIAS**

---

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). *Escolas e violência*. Brasília: UNESCO, 2002. 156p.

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A.L.; CALAF, P.P. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009. 496 p.

ABRAMOVAY, M.; WAISELFISZ, J.J.; ANDRADE, C.C.; RUA, M.G. *Gangues, galeras, chegados e rappers*. Rio de Janeiro. 1999. 171p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130864eo.pdf>. Acessado em: 19 Dez. 2009.

BAENINGER, R. Demografia da população jovem. In: BRASIL, Ministério da Saúde. *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. v.1, p. 19-29.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 281p.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. *Lei 8069/90*. Ministério da Saúde. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 96p. (Série E. Legislação de Saúde).

CARVALHO, A.M.; IMAI, C.A.P.; FONSECA, D.G. *Histórias de vida*. Belo Horizonte: Proex – UFMG, 2003. 123p.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Resolução nº 196/96 de 10 de outubro de 1996*. Disponível em: [www.coep.ufmg.br](http://www.coep.ufmg.br). Acessado em 26 Set. 2008.

DATASUS. *Indicadores de Mortalidade*. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtuf.def>. Acessado em: 25 Ago. 2008.

GALLO, A.; WILLIAMS, L. Adolescentes em conflito com a lei: fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*. São Paulo, v.7, n.1, p. 87-97, 2005.

FERREIRA, M.A.; ALVIM, N.A.T.; TEIXEIRA, M.L.O.; VELOSO, R.C. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. *Texto contexto - enfermagem*, Florianópolis, v.16, n.2, p. 217-224, abr./jun. 2007.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. 406p.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p. 513-531, 1998.

MINAS GERAIS. Departamento de Atenção Básica. Sistema de Informação da Atenção Básica. 2009. Secretaria Municipal de Saúde; 2009.

MELO, E.M.; MELO, M.A.M.; PIMENTA, S.M.O.; LEMOS, S.M.A; CHAVES, A.B; PINTO, L.M.N. A violência rompendo interações. As interações superando a violência. *Rev. Bras Saúde Matern Infant*, Recife, v.7, n.1, p. 89-98, jan./mar., 2007.

PRIULLI, R.; MORAES, M. Adolescente em conflito com a lei. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p. 1185-1192, 2007.

RAMOS, F.R.S. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: BRASIL. Ministério da Saúde. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília: Aben, 2001. Cap 1, p. 11-18.

TARTER, R.E.; KIRISCI, L.; VANYUKOV, M.; CORNELIUS, J.; PAJER, K.; SHOAL, G.D.; GIANCOLA, P.R. Predicting Adolescent Violence: Impact of Family History, Substance Use, Psychiatric History, and Social Adjustment. *American Journal of Psychiatry*. USA, v.159, n.9, p. 1541-1547, 2002.

TITTONI, J.; JACQUES, M.G.C. Pesquisa. In: JACQUES, M.G.C. *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 73-85.

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995. 175p.

TURATO, E.R. Decidindo quais indivíduos estudar. In: TURATO, E.R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 351-367.

WASELFISZ, J.J. *Mapa da violência IV: Os jovens do Brasil*. Brasília. 2004. Disponível em: <http://www.coav.org.br/publique/media/Mapa>. Acessado em 22 Jan. 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud-Oficina Regional para las Américas de la Organización Mundial de la Salud, 2002. 62p. Disponível em: [http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9275324220\\_spa.pdf](http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9275324220_spa.pdf). Acessado em 28 Out. 2009.

**4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**  
**(Artigo 1)**

---

**Adolescência e representação social de violência: uma revisão de literatura<sup>1</sup>**

**Adolescence and social representations of violence: a review of the literature<sup>1</sup>**

**Adolescencia y la representación social de la violencia: una revisión de la literatura<sup>1</sup>**

Daniel Nogueira Cortez<sup>2</sup>  
Alysson Massote Carvalho<sup>3</sup>  
Joel Alves Lamounier<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup>Texto extraído da dissertação de mestrado em ciências da saúde realizado na Faculdade de Medicina da UFMG.

<sup>2</sup>Enfermeiro, Mestre em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor da Universidade Estadual de Minas Gerais/Campus Fundação Educacional de Divinópolis MG – UEMG/FUNEDI.

<sup>3</sup>Pós-Doutor em Psicologia, Orientador no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

<sup>4</sup>Médico Pediatra, Doutor em Pediatria, Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.



## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo identificar, na literatura, estudos que abordassem a representação social sobre violência de adolescentes em conflito com a lei, caracterizando sua importância. Trata-se de revisão de literatura, do período de 2000 a 2009, nas bases Scielo e Adolec, utilizando a combinação dos descritores Adolescência, Adolescente Institucionalizado, Violência e Educação, assim como revisão não sistemática em outras bases bibliográficas. Identificaram-se cinco temáticas: Adolescência; Risco e proteção na adolescência para a conduta infracional; Aspectos da violência e o adolescente; O adolescente em conflito com a lei; A Representação Social e a violência. O baixo número de publicações encontradas sinaliza a importância da presente revisão e a necessidade de mais estudos sobre esta temática.

Descritores: Adolescência, Adolescente Institucionalizado, Violência, Educação

## ABSTRACT

This paper aims to identify studies in the literature which address adolescent offenders' social representations of violence, characterizing its importance. It presents a review of the literature from 2000 to 2009 based on Scielo and Adolec, using the keyword combination Adolescence, Adolescent Offender, Violence and Education, as well as a non-systematic review based on other bibliographies. Five themes were identified: Adolescence; Risk and protection in face of law infringement in adolescence; Aspects of violence and the adolescent; Adolescent offenders; Social Representations and violence. The small number of publications found indicates the importance of the current review and the need for further studies on the theme.

Descriptors: Adolescence, Institutionalized Adolescents, Violence, Education

## RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo identificar los estudios en la literatura que abordan la representación social de la violencia por parte de adolescentes en conflicto con la ley, resaltando su importancia. Presenta una revisión de la literatura en el período 2000 a 2009 basado en Scielo y Adolec, utilizando la combinación de descriptores Adolescencia, Adolescente institucionalizado, Violencia y Educación, así como una revisión no-sistemática basado en otras bibliografías. Cinco temas fueron detectados: Adolescencia; Riesgo y protección ante las infracciones en la adolescencia; Aspectos de la violencia y el adolescente; Adolescente institucionalizado; Representación social y la violencia. El bajo número de publicaciones encontrado señala la importancia de esta revisión actual y la necesidad de más estudios sobre el tema.

Descriptores: Adolescencia, Adolescente institucionalizado, Violencia, Educación

## INTRODUÇÃO

Nos diversos contextos existentes, como escola, família, Igreja e comunidade em geral, a adolescência, considerada como época de transição e passível de influências sociais importantes, é uma fase em que pode aparecer o fenômeno da violência como uma situação na qual os adolescentes estão expostos e com a qual devem lidar <sup>(1,2)</sup>.

Segundo Michaud <sup>(3:11)</sup> considera-se que existe violência quando

em uma situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Segundo alguns autores<sup>(4)</sup>, a violência entre adolescentes é especialmente grave, pois, contraditoriamente ao fato de estarem numa fase da vida que demanda relações saudáveis com o mundo, são eles mesmos os mais ameaçados pelos riscos e é entre eles que mais se concentra a violência, porque são os adolescentes e jovens os que mais matam e os que mais morrem. Eles sofrem os efeitos das formas estruturais de violência que comprometem o seu futuro e impedem a realização do seu potencial criativo <sup>(5)</sup>. Essa violência estrutural se refere aos processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem e cronificam a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero, de etnia e mantêm o domínio adultocêntrico sobre crianças e adolescentes <sup>(6)</sup>.

No estado de Minas Gerais, ocorreu aumento de 390% no número de óbitos por homicídios de adolescentes, passando de 161, em 1995, para 789, em 2005 <sup>(7)</sup>. Diante de um chamativo aumento da violência relacionada aos adolescentes, evidenciado nestes dados, principalmente pelo aumento de homicídios, vale ressaltar que a violência não é um fenômeno recente e restrito às sociedades urbanas, mas tem despertado interesse em vários estudiosos de campos diversos, pelas suas diferentes manifestações e, especialmente, pelo envolvimento dos adolescentes em atos infracionais <sup>(2,8-10)</sup>.

A violência não se restringe a um conjunto de práticas objetivas, pois também engloba representações pessoais e estes fatos são fatores complicadores para sua compreensão e o entendimento de suas conseqüências. As representações

pessoais (percepções individuais e sociais) da violência são elos cruciais na compreensão da gênese do problema <sup>(11)</sup>.

A partir dessa perspectiva, o objetivo desta revisão foi buscar, na literatura, estudos sobre a violência que abordassem a representação social de adolescentes em conflito com a lei e caracterizar a importância da representação social para o entendimento da violência, nesta etapa do ciclo vital.

## **MÉTODO**

A coleta de dados compreendeu o período de 2000 a 2009 e foi realizada nas bases de dados SCIELO e ADOLEC (Saúde na Adolescência). Essa última, utiliza referências extraídas das bases MEDLINE E LILACS. Utilizando-se os descritores Adolescência, Adolescente Institucionalizado, Violência e Educação para a língua portuguesa e Adolescence, Institutionalized Adolescents, Violence and Education para a língua inglesa foram encontrados 81 artigos. Excluíram-se 54 artigos que tratavam a adolescência com outro enfoque que não a violência. Foram selecionados 27 artigos que abordavam o tema de interesse, tendo sido incluídos artigos relacionados a adolescentes em conflito com a lei e fatores de risco para a violência. Além desses artigos, utilizaram-se livros-texto e documentos governamentais. Alguns artigos, citados na revisão, anteriores ao período de busca, foram utilizados devido à relevância para o tema. Os artigos e os textos para este estudo foram organizados em cinco temáticas, a serem discutidos nesta revisão: Adolescência; Risco e proteção na adolescência para a conduta infracional; Aspectos da violência e o adolescente; O adolescente em conflito com a lei; e A Representação Social e a violência.

## DISCUSSÃO

### Adolescência

A adolescência se constitui como eixo central que orienta as ações do Programa Saúde do Adolescente (PROSAD) do Ministério da Saúde. Com a promulgação da Lei 8069/90 - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Brasil, em consonância com as diretrizes aprovadas na Convenção Internacional dos Direitos da Criança, em 20 de novembro de 1989, fez que o país adotasse uma nova doutrina em relação à formulação e implementação das políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes. Pela primeira vez, na história constitucional brasileira, foi conferida à criança e ao adolescente a condição de sujeito de direito e de prioridade absoluta, responsabilizando pela sua proteção, a família, a sociedade e o Estado. Com a promulgação do ECA, houve uma verdadeira transformação paradigmática no plano jurídico-legal, que passou a se basear, especificamente, na definição das medidas socioeducativas (restritivas e não restritivas de liberdade) e na doutrina da proteção integral, garantia (promoção e defesa) dos direitos da criança e do adolescente, como parte da política de direitos humanos<sup>(12)</sup>.

O termo adolescência, além de complexa determinação conceitual, encontra entraves também na sua demarcação temporal como forma de classificação. Para a Organização Panamericana de Saúde (OPS) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos<sup>(13)</sup>. Já o Art. 2º do ECA, Lei 8069/90, considera a pessoa adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade<sup>(12)</sup>.

Dentro de uma perspectiva para a saúde, Eisenstein e Coelho<sup>(14)</sup>, em seu texto sobre competências e habilidades nas Ações Programáticas Estratégicas da Saúde do Adolescente, do Ministério da Saúde, colocam a adolescência como uma fase dinâmica e complexa, uma vez que o desenvolvimento ocorrido define padrões biológicos e de comportamentos que irão se manifestar durante o resto da vida do indivíduo. Em relação às alterações físicas, a etapa inicial ou biológica da adolescência caracteriza-se pela ocorrência de mudanças no sistema reprodutivo sexual.

Outra observação realizada por Menezes <sup>(15)</sup>, são pontuações sobre as transformações cognitivas que podem ocorrer nesta fase, em que, gradativamente, o adolescente modifica suas percepções sobre o mundo a sua volta. Nestas mudanças, surgem sentimentos conflituosos, com dúvidas e certezas, radicalismos, pensamentos de impunidade, onipotência e imediatismo. Eles passam a supervalorizar o presente e minimizar o futuro.

Nas práticas de saúde, a adolescência, compreendida para além da demarcação temporal, incorpora a idéia do adolescente como protagonista na construção de seu processo de vida pessoal e coletivo, o que lhe confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social <sup>(16)</sup>. Paralelamente, numa perspectiva biomédica, Peres e Rosenberg <sup>(17:56)</sup>, em seu estudo sobre a concepção da adolescência na saúde pública, consideram a “adolescência uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta, tendo como base as transformações puberais, de caráter biológico, que, por sua vez, desencadeariam mudanças psicológicas e sociais, até atingir a maturidade”.

Fazendo um enfoque social e cronológico, outros autores <sup>(5:9)</sup> colocam que “as transformações da adolescência proporcionam novas relações do adolescente com sua família, sociedade e consigo mesmo. Gradativamente ele sai da infância e passa para a vida adulta inserindo-se na sociedade”.

Da mesma forma, no estudo de Gonini *et al.* <sup>(18)</sup> a adolescência é considerada um processo de mudança bio-psicossocial que pode ser permeada por crises, dificuldades e angústias que marcam essa fase. Neste período, o adolescente sofre acréscimos em seu rendimento psíquico, contribuindo para a transposição da infância para o mundo adulto. Ocorre acréscimo em seu desempenho geral, já que seu intelecto apresenta maior eficácia, rapidez e complexidade de elaborações. Dessa forma, o adolescente pode formar condições de independência da experiência dos mais velhos. Acreditando que podem tudo, os adolescentes se rebelam e começam a elaborar valores inusitados, muitas vezes contrários aos, até então, tidos como corretos.

Complementando esta visão sobre adolescência, outros autores <sup>(19)</sup> colocam que, no aspecto psicológico, são muitas transformações ocorridas, principalmente nas alterações de humor. É quando surgem questionamentos e incertezas, desde como viver a vida, como se portar diante dos outros, até o que fazer sobre suas escolhas quando preocupado com o seu futuro.

Num sentido histórico, estudos <sup>(20)</sup> sobre concepções da adolescência, referem que ela é criada pelo homem, como representação e como fato social e psicológico. Ela é constituída dos fatos sociais que surgem nas relações em que são atribuídos significados pelos homens, criando conceitos que expressam esses fatos. Esses autores afirmam que, quando definimos a adolescência, estamos atribuindo significações baseadas em realidades sociais que serão referências para a construção destes sujeitos.

Finalizando, Priulli e Moraes <sup>(21)</sup> propõem que os adolescentes merecem atenção especial às suas necessidades específicas e eventos típicos desta fase, como conflitos interpessoais, agressividade, sexualidade, gravidez, uso de drogas e bebidas alcoólicas, violência, entre tantas outras situações. Esses autores enfatizam a importância que deve ser dada à violência, envolvendo esses adolescentes seja por ser um campo de difícil intervenção que exige o envolvimento de vários setores, seja por se apresentar, estatisticamente, crescente no Brasil.

### **Risco e proteção na adolescência para a conduta infracional**

É importante enfatizar que existem fatores de risco assim como de proteção presentes nas vidas das pessoas que são importantes e possíveis desencadeadores de problemas ou defesa para suas vidas <sup>(22)</sup>.

Diversos autores <sup>(23-27)</sup> são congruentes ao colocarem que o que define um fator como de risco ou de proteção é a combinação de variáveis do contexto específico em que se está inserido, bem como a percepção deste.

Os fatores ou mecanismos de proteção são condições do ambiente capazes de favorecer o indivíduo ou um grupo e de reduzir efeitos ou circunstâncias desfavoráveis a ele. Fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de não adaptação. É na medida em que o sujeito transforma sua trajetória de risco em resultados socialmente válidos, superando-a, que os mecanismos protetores estão atuando <sup>(27)</sup>. Há um grande contingente de adolescentes que foram ou são expostos a uma série de fatores de risco, mas são socialmente adaptados, não exibindo comportamentos

agressivos. Nesse caso, pode-se dizer que fatores de proteção estão atuando na determinação dos comportamentos <sup>(24)</sup>.

Já em relação aos fatores de risco, outros autores <sup>(27)</sup> afirmam que a somatória de variáveis vai aumentar a exposição de uma criança ao risco: quanto mais numerosos forem os fatores de risco piores serão os resultados. As pessoas que confrontam com algum tipo de adversidade em um contexto, geralmente estarão sujeitas a se confrontarem com adversidades em outras áreas também. É o caso de uma criança que está crescendo em uma área de alta criminalidade. Pode estar sujeita a uma escola de recursos inadequados ou limitados pela exposição à violência e confrontar-se-á com inúmeras adversidades adicionais provenientes desse contexto.

Os mesmos autores <sup>(27)</sup> argumentam, ainda, que podem ocorrer conexões entre variáveis de risco, formando as chamadas “cadeias de risco”. Pobreza, por exemplo, pode vir a coincidir com desemprego dos pais, família monoparental, alto nível de estresse dos pais, baixo índice de escolaridade e outros fatores de riscos associados. Uma criança, desafiada por uma dessas adversidades na infância, provavelmente, será confrontada com as mesmas adversidades durante os anos escolares do ensino fundamental e médio e durante a adolescência, caso não haja nenhuma intervenção.

Portanto, os fatores ambientais como família desestruturada e envolvida com algum tipo de violência, condições precárias de moradia, abandono escolar, pobreza extrema, entre outros, são fatores que podem motivar situações de violência e, conseqüentemente, a conduta infracional no caso do adolescente <sup>(24)</sup>.

### **Aspectos da violência e o Adolescente**

O estudo de Njaine *et al.* <sup>(28)</sup> mostra que, a partir de 1980, a violência mudou o perfil da mortalidade para todas faixas etárias no país e passou a ser considerada a segunda causa de morte no Brasil, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares. Esta segunda colocação permaneceu até o ano de 1999, passando então a ocupar o terceiro lugar, mas com valores significantes em relação às demais causas de óbitos <sup>(29)</sup>. No período de 1980 a 2006, o Brasil registrou

963.572 homicídios; 230.962, nos anos de 1980; 384.433, nos anos de 1990; e 348.177, nos últimos 7 anos. Entre 1980 e 2006, a frequência de homicídio aumentou de 20% para 38%. De segunda causa de morte, passou para a principal entre as externas, com aumento de 249% <sup>(30)</sup>.

A World Health Organization - WHO coloca que, no Brasil, altos índices de criminalidade relacionam-se à violência envolvendo jovens <sup>(31)</sup>. No período de 1995, ocorreu um total de 25.591 óbitos para a faixa etária de 10 a 19 anos, sendo 5.644 de óbitos específicos por homicídios para a mesma faixa etária, correspondendo a 22% do total de óbitos. Já no período de 2005, ocorreu um total de 24.764 óbitos para a faixa etária de 10 a 19 anos, sendo que, para causa específica por homicídios, um total de 8.255 óbitos, que representa 33% do total destes <sup>(7)</sup>. Assim, ao compararmos o ano de 1995 com 2005, percebemos um aumento de quase 50% no número de óbitos por homicídios de adolescentes.

De acordo com Minayo <sup>(11)</sup>, o setor saúde apresenta duas vertentes sobre o tema violência: uma explicativa, partindo de uma reflexão filosófica e teórica; outra operacional que se fundamenta na constatação dos transtornos biológicos, emocionais e físicos que sua dinâmica provoca no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas. Ou seja, em geral, o setor saúde e seus profissionais consideram as manifestações da violência como negativas para a sociedade e para os indivíduos.

Nesse mesmo aspecto, outros autores <sup>(32)</sup> destacam as consequências de quem sofre a violência. Eles citam as orgânicas com sequelas temporárias ou permanentes; psicológicas que se caracterizam pela raiva, medo, ansiedade, revolta frente ao agressor, resultando em desconfiança, diminuição do aprendizado, entre outros; e comportamentais como o autoritarismo, revelando que a pessoa passou por momentos de sofrimento.

Para alguns autores <sup>(1,6,33)</sup>, a violência pode ser dividida em 4 eixos: Violência/acidentes no trânsito; Violência auto-infligida (suicídios); Violência interpessoal (agressões/homicídios); Violência interpessoal (doméstica ou comunitária) envolvendo gênero (contra a mulher), e grupos etários mais vulneráveis (criança, adolescente e idoso).

Outros autores <sup>(5,11,34,35)</sup> colocam a violência como qualquer situação em que um ator social perde a sua condição de sujeito frente a outro, sendo então rebaixado à condição de objeto, ocorrendo a imposição das necessidades,



expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades e vontades de outro ator.

No contexto brasileiro, o adolescente pode viver duas condições de violência, passando de vítima da violência, pelas condições escolares, familiares, pobreza e da comunidade em que vive, para agressor, tentando dar resposta a todos os agravos que vem sofrendo ao longo de sua infância até os dias atuais <sup>(34,36-38)</sup>.

### **O adolescente em conflito com a lei**

Muitos adolescentes vivem uma realidade desprivilegiada. Ele pode, além de apresentar uma família de risco para atos infracionais, sofrer com as falhas escolares em relação à qualidade e incentivo para sua permanência nos estudos <sup>(39)</sup>. Este mesmo adolescente, muitas vezes, para suprir a subsistência pessoal e da família procura trabalhar e percebe que o dinheiro ganho no fim do mês é insuficiente. De acordo com International Labour Office (ILO) <sup>(40)</sup> esse fato é agravado onde há concentrações de pobreza, como em alguns locais do Brasil. Muitos autores <sup>(23,24,41)</sup> destacam estes momentos como potenciais para o ato infracional. O adolescente deseja mais, para suprir suas fantasias ou necessidades reais ou imaginárias e para isto, em sua maioria, a aquisição do dinheiro com o trabalho não é condizente com seus desejos e o adolescente percebe outras possibilidades de consegui-lo, começando seu conflito com a lei.

Os adolescentes considerados infratores, têm, também, muitas vezes, suas escolhas por atos violentos, determinadas pelo não reconhecimento que o acompanha desde a infância. Ele reproduz o que o crime lhe dá como opção. Esse não reconhecimento pode levar o jovem para o crime convencido pelo material (imediatismo do dinheiro fácil) e pelo simbólico (poder pela sua nova posição na sociedade). De desconhecido, ele passa a ser reconhecido e “respeitado” pelos colegas, vizinhos e sociedade de um modo geral <sup>(41)</sup>.

Outros autores <sup>(35)</sup> destacam que, na maioria das vezes, o adolescente agressor torna-se vítima e novamente agressor. Para isto, diversos tipos de violência contra a criança e o adolescente são destacados. As formas mais comuns são o

abuso físico, sexual, psicológico e a negligência <sup>(35)</sup>. Enquanto vítima, o desenvolvimento psicológico, da personalidade, da moral e da cognição da criança é diretamente afetado, quando ela é submetida a qualquer forma de violência <sup>(42)</sup>. Por serem mais vulneráveis, as crianças estão mais susceptíveis aos impactos negativos da violência, principalmente nas que apresentam maior exposição e/ou testemunho a ela. Ou seja, se a violência faz parte de suas vidas, torna-se um hábito não questionado e, portanto, naturalizado <sup>(35)</sup>.

No estudos de Garbarino <sup>(43)</sup>, esta “naturalização da violência” pode ser um indicativo do porquê os adolescentes se tornam violentos. Às vezes, eles se tornam violentos porque, enquanto crianças não aprendem a ter sucesso em estratégias não-violentas, para satisfazer as suas necessidades e responder às emoções, como raiva, frustração e medo. Claro que a maioria dos adolescentes, assim como a maioria dos seres humanos de qualquer idade, são capazes de comportamento violento. Para este ponto de vista descrito, a história principal, quando se trata de violência do adolescente, inicia na infância.

Congruente com esse fato outros autores <sup>(44,45)</sup>, afirmam que filhos de pais autoritários e severos e que não têm apoio dos mesmos, podem apresentar maiores níveis de delinquência, piores rendimentos escolares e saúde física e mental prejudicadas. Estes mesmo autores discutem também o inverso, que alguns adolescentes ao sofrerem e conviverem com agressões se tornam mais passíveis. Foi constatado, em outros estudos, que mães estressadas mencionam filhos mais problemáticos, o que pode ter como causa um erro de percepção das próprias mães, pelo nível de estresse em que se encontravam, o que contribui para um ambiente doméstico estressante, exarcebando comportamentos problemáticos das crianças <sup>(47,48)</sup>. Isto pode significar que a condição emocional do cuidador também pode exercer influência sobre os filhos, assim como a estrutura familiar <sup>(39)</sup>.

A criança ou adolescente pode ter a formação de sua autoconfiança e da confiança nos outros, abalada se não houver boa comunicação familiar e/ou se qualquer tipo de violência estiver presente no ambiente domiciliar, seja violência verbal, psicológica, física ou sexual. Crianças e adolescentes que sofrem violência por parte de quem gostam e respeitam estão predispostos a desvios no desenvolvimento de sua auto-estima e capacidade de socialização, o que potencializa sua fixação pessoal numa auto-imagem negativa e em uma visão pessimista do mundo. Todos esses pontos negativos são fatores de risco às

crianças e adolescentes e não podem ser desconsiderados para o desenvolvimento da violência <sup>(36,23)</sup>.

## **A Representação Social e a Violência**

A noção de Representação Social foi sistematizada na Psicologia Social, principalmente por Moscovici <sup>(48)</sup>. Nesta revisão, adotaremos os estudos de Moscovici como referência principal.

Para Moscovici <sup>(48)</sup>, as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, ou seja, nossas representações que concebemos a todo instante apresentam uma elaboração para, posteriormente, remeter a uma ação desta elaboração. Este mesmo autor <sup>(48:41)</sup> ainda diz que “se a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não o é o conceito”.

Juntamente com Moscovici, outros autores <sup>(49:162)</sup> colocam que

as representações sociais se apresentam como formas de pensamento utilizadas na comunicação, na compreensão e no ensino do meio social, material e ideativo, que surgem das observações dos atores sociais (sujeito) e de seus relatos de fatos e fenômenos sociais (objeto) ocorridos.

Complementando esta idéia, a representação social é “um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” <sup>(48:28)</sup>.

As condutas e compreensão da realidade social dos grupos que compõem nossa sociedade funcionam como um sistema de referências, que são elaboradas a partir das representações sociais para o manejo de situações sociais complexas <sup>(34)</sup>.

Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade social. O modo da sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais. Quando as pessoas

se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas<sup>(50)</sup>.

De acordo com Gonini *et al.*<sup>(18)</sup>, as representações são criadas para permitir a interação das pessoas com o mundo de forma física e/ou intelectual. Por partilhar o mundo com os outros, principalmente através da comunicação, as representações sociais se tornam fundamentais na vida cotidiana das pessoas.

Uma representação produz e determina os comportamentos, pois define a natureza dos estímulos que nos cercam e o significado das respostas a dar-lhes. Em outras palavras, a representação social tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos<sup>(48)</sup>. Uma representação social é, alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado.

Os meios de comunicação de massa, como jornais e televisão, têm sido objeto de investigação para a teoria das representações sociais. Na sociedade em geral, em que a comunicação cotidiana é, em grande parte, mediada pelos canais de comunicação de massa, representações tornam-se o próprio conteúdo sobre os quais ações são definidas e o poder é ou não exercido<sup>(50)</sup>.

Estudos<sup>(51)</sup> revelam que essas situações podem ser alguns dos elementos que dão à Teoria das Representações Sociais seu caráter inovador. A produção contemporânea ligada a este campo oferece uma série de possibilidades para pensarmos a realidade social com a qual nos deparamos.

Guareschi e Jovchelovitch<sup>(50)</sup> colocam que, na América Latina, pensar esta realidade social ainda é, especialmente, necessário. Nossa realidade apresenta desafios quase inacreditáveis. Pobreza, fome, miséria, violência e exploração ainda são significantes poderosos a construir nossas sociedades. Estes fatos sobrevivem e perpetuam uma ordem social que deve ser radicalmente questionada. Questionada quanto a suas condições históricas de produção e reprodução, quanto aos efeitos catastróficos que produz no cotidiano das vidas de milhares de pessoas e, também, quanto aos seus efeitos simbólicos.

Ainda de acordo com os mesmos autores<sup>(50:21)</sup>

matar e morrer – qualquer um: crianças, jovens, velhos – é uma atividade quase banal no Brasil, e essa banalidade e trivialização do trágico devem

nos alertar para a necessidade de não se deixar levar para uma banalização destes problemas.

Mas o caráter inovador das representações sociais que pode ajudar a elucidar tais problemas citados anteriormente, não é fácil de ser decifrado. Representar não consiste somente em selecionar e completar um ser objetivamente determinado <sup>(52)</sup>. Para isto é essencial identificar o grupo que veicula as representações de alguma coisa qualquer, situar seu conteúdo simbólico no espaço e no tempo, e relacioná-lo funcionalmente a um contexto intergrupar específico, que neste trabalho se relaciona ao adolescente em conflito com a lei <sup>(52)</sup>.

Uma representação particular pode mudar de grupo hospedeiro e vagar por entre grupos sociais, assumindo vida própria. Outro componente a ser considerado na análise centrada em representações sociais é o fato de estas expressarem visões de mundo, explicando e atribuindo sentido aos fenômenos dos quais se ocupam. Trata-se de compreender as relações entre representações sociais e a compreensão do mundo por parte dos agentes sociais: tais relações supõem solidariedade entre o fenômeno e sua representação <sup>(37)</sup>.

Esta relação íntima entre o fenômeno e sua representação, passa por alguns passos em que Moscovici <sup>(48:58)</sup> relata que

de fato, representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repetí-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificá-lo o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de "realismo", de materialidade das abstrações, visto que podemos agir com elas de uma forma mais precisa.

Pensando-se no uso das representações sociais para o estudo da violência, o conhecimento via representações sociais é um tipo de conhecimento a que se chega interrogando a realidade através do que se pensa sobre ela. Ao invés de centrar a análise nos dados brutos da violência, interroga-se o imaginário construído sobre a violência. Faz ainda mais sentido quando está em questão a reflexão sobre a violência, a qual não é um conceito apenas teórico, mas um fenômeno empírico <sup>(37)</sup>.

A abordagem da violência, através das representações sociais na percepção do adolescente infrator, permite apreender os sentidos que os sujeitos, vítimas ou protagonistas, conferem às suas representações e às suas práticas,

envolvendo o ambiente, o contexto e a situação em que está envolta, do qual estes sujeitos fazem parte e onde atos violentos são praticados <sup>(50)</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem ao adolescente, por si só, já apresenta relevância. De acordo com diversos autores <sup>(1,2,4,5,11)</sup>, esta é uma faixa etária que merece atenção especial, pois podem surgir diversos problemas advindos dessa fase. Quando se trata do adolescente envolvido com a violência, a problemática se multiplica. Vários estudos <sup>(25-27,43,46)</sup> comprovam que lidar com o adolescente infrator é um desafio, pois as motivações e influências para o ato infracional começam desde a infância. Alguns autores <sup>(22-24)</sup> propõem fatores de risco que podem desencadear a violência por parte dos adolescentes, como a pobreza familiar, família monoparental, baixa escolaridade dos pais, escolas de má qualidade, pais envolvidos com a criminalidade e uso de drogas, entre outros.

O adolescente reproduz aquilo que aprende através dos exemplos, nos seus meios de convivência. São escassos os limites que deveriam ser impostos que poderiam determinar certa ordem e educação para condutas consideradas corretas por parte deste público.

Outra constatação relevante nesta revisão <sup>(48,50,51)</sup>, é que uma das formas de abordar o adolescente envolvido com a violência é a escuta e identificação da representação social do mundo que ele apresenta a sua volta no que tange à violência. Conhecer sua história de vida, seu perfil e o que pensa sobre suas atitudes pode ser uma forma de abarcar a violência praticada e intervir nela.

Poucos estudos <sup>(18,32,34,36-38)</sup> foram encontrados a respeito da representação social da violência de adolescentes não infratores como os de escola, por exemplo. A maioria dos estudos que abordavam o adolescente em conflito com a lei, abarcava discussões em torno das possibilidades de prevenção e detecção de fatores de risco que pudessem prever o desenvolvimento da violência.

Portanto, pode-se concluir que novos estudos sobre a representação social de violência de adolescentes infratores e não infratores são necessários para aumentar as possibilidades de intervenção nesta problemática, assim como prover

subsídios que possam colaborar com políticas públicas de atenção para esse público e a população de forma geral.

## REFERÊNCIAS

1. Marty F. Adolescência, Violência e Sociedade. *Ágora* 2006 jan-jun; 9(1): 119-131.
2. Abramovay M, Cunha AL, Calaf PP. Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF; 2009.
3. Michaud Y. A Violência. São Paulo: Ática; 1989.
4. Assis SG, Deslandes SF, Santos NC. Violência na adolescência. Sementes e frutos de uma Sociedade desigual. In: Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. p.79-117.
5. Melo EM, Melo MAM, Pimenta SMO, Lemos SMA, Chaves AB, Pinto LMN. A violência rompendo interações. As interações superando a violência. *Rev Bras Saúde Matern Infant* 2007; 7(1): 89-98.
6. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial sobre violência e saúde. Brasília: OMS/OPAS; 2002.
7. Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Indicadores de Mortalidade. 1995 e 2005. [citado em: 25 ago 2008]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtuf.def>.
8. Abramovay M, Waiselfisz JJ, Andrade CC, Rua MG. Gangues, galeras, chegados e rappers. Rio de Janeiro. 1999. [citado em: 19 dez 2009]. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130864eo.pdf>.
9. Abramovay M, org. Escolas e violência. Brasília: UNESCO; 2002.
10. Gallo A, Willians L. Adolescentes em conflito com a lei: fatores de risco para a conduta infracional. *Psicol teor Prat* 2005; 7(1): 87-97.
11. Minayo MCS. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. p.9-43.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Lei 8069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente. 3ª ed. (Série E. Legislação de Saúde). Brasília: Ministério da Saúde; 2006.

13. World Health Organization (WHO). Adolescent health. 2010. [citado em: 03 jan 2010]. Disponível em: [http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/).
14. Eisenstein E, Coelho K. Crescimento e Desenvolvimento Puberal. In: Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do Adolescente: competências e habilidades. Série B. Textos Básicos da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde. 2008. p.57-77
15. Menezes ES. Da informação à formação para a autonomia: o olhar do adolescente sobre a prevenção das DST/aids. [Dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Enfermagem da UFMG; 2007. Mestrado em Enfermagem.
- 16 Ramos FRS. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: Brasil. Ministério da Saúde. Adolescer: compreender, atuar, acolher. Brasília: Aben; 2001. p.11-18.
17. Peres F, Rosenburg CP. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. Saúde e Sociedade 1998; 7(1): 53-86.
18. Gonini FAC, Petrenas RC, Mokwa VMNF, Lima RCP. Representações sociais da violência entre alunos do Ciclo I do Ensino Fundamental em duas escolas públicas do interior de São Paulo. Simpósio Internacional do Adolescente 2005, [citado em: 15 out 2006]. Disponível em: [www.proceedings.scielo.br/scielo](http://www.proceedings.scielo.br/scielo).
19. Ferreira MA, Alvim NAT, Teixeira MLO, Veloso RC. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. Texto contexto enferm 2007 abr-maio; 16(2): 217-224.
20. Ozella S, Aguiar WMJ. Desmistificando a Concepção de Adolescência. Cad Pesqui 2008 jan-abr; 38(133): 97-125.
21. Priulli R, Moraes M. Adolescente em conflito com a lei. Ciên Saúde Colet 2007 set-out; 12(5): 1185-1192.
22. Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. Ciênc Saúde Colet 2005; 10(3): 707-717.
23. Assis SG, Constantino P. Perspectiva de prevenção da infração juvenil masculina. Ciênc Saúde Colet 2005; 10(1): 81-90.
24. Gallo A, Willians L. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. Cad Pesqui 2008 jan-abr; 38(133): 41- 59.
25. Rutter M. Psychosocial Resilience and Protective Mechanisms. Am J Orthopsychiatry 1987; 57(3): 316-331.
26. Tarter RE, Kirisci L, Vanyukov M, Cornelius J, Pajer K, Shoal GD, Giancola PR. Predicting Adolescent Violence: Impact of Family History, Substance Use, Psychiatric History, and Social Adjustment. Am J Psychiatry 2002; 159(9): 1541-1547.



27. Wasserman CA, Keenan K, Tremblay E, Coie JD, Herrenkohl TI, Loeber R, Peterchuk D. Risk and protective factors of child delinquency. *Child Delinquency Bulletin* [serial online] 2003 April [cited 2010 Jan 5]; Available from: [www.ojjdp.ncjrs.org/publications](http://www.ojjdp.ncjrs.org/publications).
28. Njaine K, Souza ER; Minayo MCS, Assis SG. A produção da (des)informação sobre violência: análise de uma prática discriminatória. *Cad Saúde Pública* 1997 jul-set; 13(3): 405-414.
29. Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Indicadores de Mortalidade. [citado em: 07 fev 2010]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtuf.def>.
30. Brasil. Vigilância Epidemiológica de Violências e Acidentes. 2010. [citado em: 03 jan 2010]. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar\\_texto](http://portal.saude.gov.br/saude/visualizar_texto).
31. World Health Organization (WHO). Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud-Oficina Regional para las Américas de la Organización Mundial de la Salud; 2002.
32. Balista C, Basso E, Cocco M, Geib LTC. Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Rev Eletrônica Enferm* 2004; 6(3): 350-357.
33. Brasil. Violência: uma epidemia silenciosa. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília: CONASS; 2007.
34. Guimarães SP, Campos, PHF. Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicol Reflex Crítica* 2007; 20(2): 188-196.
35. Paludo SS, Koller SH. Quem são as crianças que estão nas ruas: vítimas ou vitimizadoras? *Inter Psicol* 2005 jan-jun; 9(1): 65-76.
36. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Rev Panam Salud Publica* 2004; 16(1): 43-51.
37. Porto MSG. Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias* 2006 jul-dez; 8(16): 250-273.
38. Ribolla MB, Fiamenghi Jr GA. Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. *Rev Psicol Escolar Educ* 2007 jan-jun; 11(1): 111-121.
39. Branco BM, Wagner A. Os adolescentes infratores e o empobrecimento da rede social quando do retorno à comunidade. *Ciê Saúde Colet* 2009; 14(2): 557-566.
40. International Labour Office (ILO). Every child counts: new global estimates on child labour. Geneva: ILO; 2002.

41. Silva E, Gueresi S. Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil. Texto para discussão nº979. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2003.
42. Pinheiro PS. Relatório do especialista independente para o Estudo das Nações Unidas sobre a Violência Contra Crianças. Assembléia das Nações Unidas. 2006. [citado em: 25 set 2009]. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/Estudo\\_PSP\\_Portugues.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Estudo_PSP_Portugues.pdf).
43. Garbarino J. Why are adolescents violent? *Ciênc Saúde Colet* 2009; 14(2): 533-538.
44. Caputo RK. Parent religiosity, family processes, and adolescent outcomes. *Fam Soc* 2004; 85(4): 495-510.
45. Kim J, McCullough ME, Cicchetti D. Parents' and Children's Religiosity and Child Behavioral Adjustment Among Maltreated and Nonmaltreated Children. *J Child Fam Stud* 2009; 18: 594-605.
46. Barry TD, Dunlap ST, Cotten SJ, Lochman JE, Wells KC. The influence of maternal stress and distress on disruptive behavior problems in boys. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry* 2005; 44 (3): 265-273.
47. Paulilo MÂS, Dal Bello MG. Jovens no Contexto Contemporâneo: Vulnerabilidade, Risco e Violência. *Serv Social Revista* [periódico online]. 2002 jan-jun [citado em: 22 jan 2010]; 4(2). Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/cv4n2.htm>.
48. Moscovici S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.
49. Monteiro MCN, Cabral MAA, Jodelet D. As representações sociais da violência doméstica: uma abordagem preventiva. *Ciênc. Saúde Colet* 1999; 4(1): 161-170.
50. Guareschi PA, Jovchelovitch S. 2008. Introdução. In: Guareschi PA, Jovchelovitch S, orgs. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes; 2008. p.17-25.
51. Moscovici S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes; 2005.
52. Bauer M. A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das Representações Sociais. In: Guareschi PA, Jovchelovitch S, orgs. *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Editora Vozes; 2008. p. 229-257.

**5 RESULTADOS**  
**(Artigo 2 e 3)**

---

**Adolescentes em conflito com a lei:  
influências para o envolvimento com a violência**

**Adolescent offenders:  
contributing factors to violence involvement**

**Daniel Nogueira Cortez\*, Alysson Massote Carvalho, Joel Alves Lamounier**

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Medicina, UFMG. Av. Prof. Alfredo Balena, 190, sl. 533. Belo Horizonte - MG - Brasil Cep 30130-100.

\*Corresponding author.

*E-mail address:* [danielncortez@yahoo.com.br](mailto:danielncortez@yahoo.com.br) (D.N. Cortez)

## RESUMO

A violência preocupa hoje em dia pelo nível que atingiu tanto em termos de frequência quanto de intensidade. Analisando o contexto de vida de adolescentes em conflito com a lei, pretendeu-se verificar as influências que determinam suas práticas de violência. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa realizado com 11 adolescentes de um Centro Socioeducativo de Minas Gerais/Brasil. Realizou-se entrevista semiestruturada e coleta da história de vida para a abordagem do contexto de vida dos participantes e descrição do seu envolvimento com a violência. Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Com este estudo, pode-se elencar os principais fatores que influenciaram estes adolescentes à prática de violência e/ou uso de drogas, sendo eles: a necessidade do dinheiro para a subsistência devido à pobreza, pela falta de trabalho e, principalmente, para a compra de drogas; a via fácil da aquisição do dinheiro e bens materiais; o abandono escolar; a influência de amigos; a falta de supervisão dos pais e a ausência paterna; e a família como exemplo negativo. Concluiu-se que os atos de violência dos adolescentes do Centro Socioeducativo podem ser derivados de suas vivências desde a infância até os dias atuais no que tange à família, comunidade da qual fazem parte e situação socioeconômica e cultural. Tanto o perfil dos adolescentes quanto seus discursos demonstraram fatos de suas vidas que repercutem suas condutas.

Palavras-chave: Adolescência, Adolescente Institucionalizado, Violência.

## ABSTRACT

Today violence is a major concern owing to the escalation in its frequency and intensity. By means of an examination of the lives of adolescent offenders, this research aimed to investigate what factors contribute to violence perpetration. This is a qualitative descriptive study carried out with 11 adolescents from a juvenile development center in Minas Gerais, Brazil. A semi-structured interview was conducted and a self-reported life history recorded in order to garner life-context data about the participants and to describe their violence involvement. Data were analyzed using the Bardin content analysis technique (1979). This investigation pinpointed the major contributing factors to these adolescents' violence perpetration and/or drug use: poverty-related lack of money to meet basic needs, labor market detachment due to job skill/opportunity deficits, and, primarily, the need to obtain money to buy drugs; easy means of financial and material gain; school dropout; negative peer pressure; lack of parental supervision and father absence; and negative family role models. It was concluded that the violent acts perpetrated by the adolescents from the juvenile center may be attributable to the life-course experience presented, from childhood to the present, the communities they integrate, and socioeconomic and cultural status. Both the profiles and discourse of these adolescents demonstrated that life events had impacted their behavior.

Keywords: Adolescence, Institutionalized Adolescents, Violence.

## INTRODUÇÃO

A violência pode ser considerada qualquer situação em que um ator social perde a sua condição de sujeito frente a outro, sendo então rebaixado à condição de objeto ocorrendo a imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades e vontades de outro ator (Guimarães, & Campos, 2007; Melo, Melo, Pimenta, Lemos, Chaves, & Pinto, 2007; Minayo, 2005; Paludo, & Koller, 2005).

Para Zaluar (2001), a violência é a perda de reconhecimento pelo outro, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer forma de coerção, ou seja, sendo considerada tanto a violência física como a violência simbólica. A violência física é aquela que oprime pelo excesso da força corporal ou armada e a violência simbólica é aquela que exclui e domina por meio da linguagem (Zaluar, 2003).

Os avanços da violência homicida das últimas décadas no Brasil são explicados, exclusivamente, pelos incrementos dos homicídios contra adolescentes. Se as taxas de homicídios para esse público pulou de 30,0 em 1980 para 54,5 (em 100 mil jovens) em 2002, as taxas para o restante da população permaneceram estáveis, passando de 21,3 para 21,7 (em 100 mil habitantes) (Waiselfisz, 2004).

Através do Departamento de informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), pode-se fazer um paralelo entre a violência e óbitos de adolescentes. Direta ou indiretamente, se a proporção de óbitos por homicídios nesta faixa etária encontra-se aumentada, é porque de alguma forma a violência entre estes indivíduos está aumentando, seja enquanto vítima, seja enquanto agressor. No Brasil, no período de 1996, 23% dos óbitos da população adolescente entre 10 a 19 anos correspondiam a homicídios. Comparativamente, 10 anos depois, em 2006, a proporção de óbitos por homicídio correspondeu a 33% do total de óbitos para esta idade (DATASUS, 2010).

Diante de um chamativo aumento da violência relacionada aos adolescentes, principalmente pelo aumento de homicídios, evidenciado pelos dados descritos acima, vale ressaltar que a violência não é um fenômeno atual e restrito às sociedades urbanas, mas tem despertado interesse de vários estudiosos de campos diversos, pelas suas diferentes manifestações e, especialmente, pelo envolvimento

dos jovens em atos infracionais (Abramovay, 2002; Abramovay, Cunha, & Calaf, 2009; Gallo, & Williams, 2005).

A violência preocupa hoje em dia pelo nível que atingiu tanto em termos de frequência quanto de intensidade. Exige uma análise aprofundada de suas causas, as quais, como todos sabemos, são múltiplas, e convoca aqueles a quem interessa o psíquico, o relacional, o político e o social (Tarter, Kirisci, Vanyukov, Cornelius, Pajer, & Shoal et al., 2002; WHO, 2002).

Neste período de vida, além das características advindas do desenvolvimento do sujeito adolescente, soma-se agora o fator violência, principalmente em se tratando do adolescente em conflito com a lei. Para Ramos (2001), a adolescência, compreendida para além da demarcação temporal, incorpora a idéia do adolescente como protagonista na construção de seu processo de vida pessoal e coletivo, o que lhe confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social.

Lidar com esse segmento da população é um desafio, pois a adolescência é uma fase marcada por mudanças intensas e multidimensionais, que abarcam a esfera física, psicológica e sócio-cultural (Ozella, & Aguiar, 2008; Peres, & Rosenburg, 1998). O adolescente vivencia essas mudanças e enfrenta processos conflituosos que, muitas vezes, não ganham uma escuta sensível, nem por parte da família, nem por parte dos profissionais.

A partir dessas discussões e analisando o contexto de vida de adolescentes em conflito com a lei, pretende-se, neste estudo, verificar as influências que determinam suas práticas de violência.

## **MÉTODO**

A presente pesquisa foi um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Este tipo de pesquisa “visa compreender a lógica interna de grupos, quanto aos valores culturais e percepções sobre sua história, as relações entre os indivíduos, instituições e movimentos sociais, além de processos sociais e de implementação de políticas” (Minayo, 2006, p. 23).

O ponto de partida para o entendimento da violência na vida do adolescente, foi a pesquisa das diversas situações em torno do seu dia a dia quanto à família e amigos, as influências para a violência e seu ponto de vista sobre o futuro.

Realizou-se a pesquisa em um Centro Socioeducativo (CSE) de Minas Gerais/Brasil, sob gestão da Secretaria de Estado de Defesa Social, que é responsável pela execução de medidas socioeducativas de internação e de semi-liberdade, determinadas pelo Poder Judiciário, a adolescentes autores de ato infracional. Trata-se de unidade regionalizada do sistema de atendimento e se destina apenas aos jovens do sexo masculino. Possui capacidade total para 48 adolescentes, incluindo aqueles que cumprem internação determinada pela justiça (considerados internos) e adolescentes novatos que aguardam decisão judicial para privação de liberdade ou outras condutas.

Apoiando-se nas recomendações de Minayo (2006), para a realização criteriosa de uma investigação qualitativa, é necessário tentar multiplicar as formas de abordar o campo. Seguindo essas orientações, este trabalho utilizou dois instrumentos para abordagem dos participantes: história de vida e entrevista semiestruturada. É importante reforçar que, como o adolescente muitas vezes não fala tudo em uma dada pergunta, sua história contribuiu para tal complementação.

Para cada participante foi realizada a coleta de dados por meio da entrevista semiestruturada e da história de vida, sendo ambas as etapas gravadas e posteriormente transcritas. A partir do material obtido foram organizadas quatro categorias de análise.

Antes da apresentação das categorias de análises deste estudo, caracterizou-se o perfil do adolescente acautelado que foi construído, exclusivamente, a partir da entrevista semiestruturada. As categorias tiveram como referência os dois instrumentos de coleta de dados sendo elas: 1) Envolvimento da família dos adolescentes em situações de violência e/ou uso de drogas; 2) Fatores que influenciam a prática de violência e/ou uso de drogas; 3) Imediatismo e banalização da violência; e 4) Futuro do adolescente e possibilidades de mudança. A primeira categoria descreve a esfera de convivência do adolescente em relação à família, desde a sua infância, abordando recordações sobre envolvimento de sua família com a violência de forma geral, incluindo o uso de drogas. A segunda identifica possíveis fatores que mostrem a influência do envolvimento do



adolescente com a criminalidade. A terceira analisa algumas motivações para o desenvolvimento da violência e como esta é banalizada ao longo da vida do adolescente. E a quarta trata das perspectivas de futuro para o adolescente.

O processamento das informações contidas nas entrevistas e histórias de vida foi efetuado por meio da organização dos dados para a aplicação da técnica de análise de conteúdo na sua vertente análise temática, como proposto por Bardin (1979). Esta análise é organizada em três fases sequenciais. A primeira, a pré-análise, é a fase de organização dos dados, em que leituras sistematizadas das entrevistas e história de vida são realizadas e se determinam as unidades de análise. A segunda é a exploração do material, que consiste na organização dessas unidades nos temas com vistas a alcançar o núcleo de compreensão do texto. A terceira é o momento de interpretação, quando são feitas análises relacionando-as ao referencial teórico (Bardin, 1979; Minayo, 2006).

Os participantes foram adolescentes com idades entre 13 e 17 anos. Em uma lista de trinta e cinco internos do CSE, não organizada por ordem alfabética, foram escolhidos os números ímpares para que ocorresse a aleatoriedade. As entrevistas e as histórias de vida foram realizadas e interrompidas até o décimo primeiro adolescente, pois, neste momento percebeu-se a saturação de dados. Segundo Turato (2008, p. 363) nesta amostragem por saturação “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições de conteúdo.” Assim, houve 11 participantes ao final.

Para atender os critérios éticos seguiram-se as recomendações da Resolução n. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, bem como aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

### **Caracterização dos adolescentes**

A análise do perfil dos adolescentes revelou que 55% dos adolescentes estavam com 17 anos; 9%, com 16 anos; 18%, com 15 anos; e 9%, com 14 e 13 anos respectivamente. A idade média foi de 15,9 anos (desvio padrão de 1,45). O adolescente com maior idade tinha 17 anos e o de menor tinha 13 anos. Esses

dados demonstram que a maioria dos adolescentes internos estavam na faixa etária próxima ao limite (18 anos) de abrangência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) Lei 8069/90 (artigo 2º e parágrafo único do ECA), que talvez possa ser explicado pelo fato de a medida de internação ser aplicada em último caso, conforme princípio da excepcionalidade, o que não significa que estes adolescentes não estivessem envolvidos em atos infracionais desde o início da adolescência, aos 12 anos (Brasil, 2006).

Com relação à escolaridade dos internos, verificou-se um atraso bastante acentuado, principalmente se considerada a idade que apresentavam. Destes, 82% apresentaram atraso escolar igual ou maior de 4 anos, principalmente por indisciplina, desinteresse, abandono ou troca pela criminalidade, conforme relato dos mesmos. Apenas um dos participantes obteve a conclusão do ensino fundamental, mas nenhum, nem mesmo os matriculados, frequentavam efetivamente a escola antes da internação. Visando a modificações nesse quadro e atendendo às prerrogativas do ECA, a instituição pesquisada abriga uma escola em suas dependências, na qual é exigida, obrigatoriamente, a frequência dos adolescentes internos. Na escola do CSE, 46% cursavam o 4º ano do ensino fundamental, 27% o 6º, 18% o 7º e 9% o 1º ano do ensino médio. A ausência desse adolescente na escola demonstra a exclusão social já vivenciada antes da internação, sendo que a fragilidade no vínculo escolar pode aumentar ainda mais sua vulnerabilidade para o envolvimento com delitos (Assis, & Constantino, 2005).

Relacionado aos vínculos familiares, anteriormente à medida de internação, 82% residiam com familiares, 9% moravam na rua e 9% residiam só. As configurações familiares revelaram 100% de ausência do pai biológico. 91% eram chefiadas pela mãe (monoparentais) sendo que destas, 36% apresentavam a presença do padrasto e 9% era chefiada pela avó. Isso revela que a presença da figura materna ainda assume uma alta prevalência nas famílias desses adolescentes (Gallo, & Williams, 2005). De acordo com Gallo, & Williams (2008), famílias monoparentais chefiadas por mulheres podem representar um fator de risco para o envolvimento dos adolescentes com os delitos, uma vez que a renda de um único adulto possa não ser suficiente para atender às necessidades de toda a família. É importante salientar que esse fator de risco vem, muitas vezes, acompanhado de outros, como por exemplo, baixa escolaridade materna e/ou trabalho pouco qualificado e pouco remunerado. Tal fato pode contribuir para a inserção dos filhos

no mercado informal de trabalho, aumentando assim a possibilidade de ruptura com a escola e o envolvimento com a vida nas ruas. Os mesmos autores colocam em seus estudos que os adolescentes em conflito com a lei, que viviam com famílias monoparentais, apresentavam escolaridade mais baixa, quando comparados com os que viviam com ambos os pais.

De outra forma, também foi apurado nas entrevistas que a natureza das interações existentes entre os filhos e a família, de forma geral, tem sido consistentemente relacionada à criminalidade e à violência. Dos participantes, 82% informaram que têm ou já tiveram familiares envolvidos com situações de criminalidade.

Em relação aos motivos que levaram os participantes à medida de internação, 100% estavam relacionadas a furto e roubo, mesmo que, em alguns casos, outros delitos também estavam associados, como por exemplo, o uso e tráfico de drogas. Estes dados são congruentes com os encontrados no estudo de Silva, & Guerresi (2003), em que, para o estado do Espírito Santo, os motivos para a privação de liberdade de adolescentes, 70% correspondiam a roubo, furto e outros delitos não especificados.

Sobre o uso de drogas, constatou-se que 82% dos participantes da pesquisa são usuários de algum tipo de drogas ilícitas, sendo que a média de idade de início para o uso foi de 11,5 anos. O estudo de Priulli, & Moraes (2007) mostrou que os adolescentes, em sua maioria, eram usuários de um ou mais tipos de drogas. Esses altos índices de frequência se tornam mais preocupantes quando o início desse hábito ocorre no período da infância. É importante destacar que nesse estudo o termo “droga” é utilizado para as chamadas drogas psicoativas utilizadas em desconformidade com a indicação terapêutica medicinal e/ou não autorizadas por órgão competente.

Dos 11 adolescentes, 91% já trabalharam alguma vez para ajudar em casa ou para uso do dinheiro em necessidades pessoais como diversão e roupa. Destes, em 90% o emprego era informal e de pouco tempo de durabilidade como venda de picolé, servente de pedreiro, propaganda de compra de ouro, ajuda em ferro velho, entre outros. Talvez os adolescentes se inserissem em algum tipo de trabalho, porque suas famílias apresentam condições de baixa renda para manutenção do lar.

Após caracterização do perfil dos adolescentes deste estudo, deu-se a discussão das categorias que se seguem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Envolvimento da família dos adolescentes em situações de violência e/ou uso de drogas

meu pai morreu... ele tomou uma facada e bateu a cabeça... aí deu traumatismo craniano... eu não sei por que não... mas que ele mexia com droga... A11

A violência apresentada nessa fala está presente nos mais diferentes espaços da nossa sociedade, ocupando lugar de destaque na vida cotidiana das pessoas (Guimarães, & Campos, 2007). A droga também está muito presente no mundo atual, tanto em espaços de lazer, trabalho ou escolas, envolvendo as mais diversas camadas da população (Abramovay, Cunha, & Calaf, 2009).

Nesse estudo, observou-se o envolvimento das famílias dos onze participantes entrevistados com uso drogas, bebidas alcoólicas, tráfico e/ou violência como situações comuns ao convívio no decorrer de suas infâncias e adolescências. Isto é congruente com os resultados obtidos por Melo et al. (2007), que afirmam que as condições de vida inadequadas das famílias, o desemprego, o alcoolismo, a perda da autoridade dos pais, as brigas conjugais, o restrito espaço onde vivem, constituem um conjunto de fatores a gerar na família a violência e incentivo ao uso de drogas e a comprometer o processo de socialização das crianças e adolescentes.

A maioria dos adolescentes da pesquisa (82%) afirmaram que tinham familiares próximos como pai, mãe, irmãos, tios e primos envolvidos com alcoolismo, tabaco e/ou uso de drogas:

ela ((mãe)) botava agente pra dormi... saía de madrugada... na ora que nós acordava começava até a chorá... gritano a vovó... ela chegava no outro dia tonta e saía de novo... A6

((pai)) ele usava ((maconha))... então... tipo assim... ele não incentivava... ele não fumava na minha frente... sempre quando ele ia fumá ele falava assim pra mim... "sai vazado... não fica aqui não... faz o que eu tô falano...

vai pra lá pra dentro... quero que cê fica veno isso aqui não... entendeu?" se eu ficasse lá ele dava uns cutucão... entendeu? eu tinha que ir pra dentro... só que eu ficava registrano... né? só que depois que eu conheci outras pessoa que fumava... que era amiga nossa... aí eu fumava com os caras tamém... aí pegava o dele... A8

Nestas falas, verifica-se que a infância e a adolescência dos sujeitos entrevistados foram permeadas por exemplos relacionados ao uso de drogas, constituindo fator de risco, uma vez que muitas vezes se espelham em ações e palavras de entes queridos e próximos.

Já a violência praticada e sofrida por familiares pode ser percebida pelas descrições a seguir:

meu irmão já ficou preso... por causa de tráfico de drogas... minha irmã já ficou presa na delegacia... só que ela saiu... mas hoje em dia tá sossegado... meu pai morreu... foi de tiro... mas ninguém fala porque... ah... ele mexia com droga... meu irmão tomô quatro tiro ... de quem eu não sei não... meu primo que mexia morreu... tem pouco tempo... A1

que minha mãe contava pra mim... eu morava aqui antes... aí meu pai ia lá em casa... batia na minha mãe... quebrava tudo... molhava o colchão... roupa... revirava tudo... tacava fogo... aí eu lembro que ele tentô me matá eu duas vez... uma vez ele tentô jogar eu da ponte... e outra vez ele colocô o revólver na minha cabeça... aí depois o meu pai começou a envolvê com muita treta... aparecia viatura demais... da polícia... aí foi vê quem que era... era meu pai... aí meu pai chegava lá em casa baleado... machucado... tudo inchado... porque apanhava na rua... polícia ia lá em casa direto... A11

Percebe-se pelas falas dos adolescentes que, no meio familiar de convivência próxima, a violência existia de alguma forma, nem sempre diretamente contra os adolescentes, mas como experiências vividas ao longo do desenvolvimento infantil e também na adolescência. Talvez estas experiências tenham algum tipo de relação com suas práticas atuais, como modos e exemplos de comportamento. De acordo com Balista, Basso, Cocco, & Geib (2004), os adolescentes recebem e transmitem culturalmente as condutas que fazem parte de suas vidas, gerando para si próprios conflitos interpessoais, baixa auto-estima e risco de se tornarem vítimas e/ou agressores, com a chance de manter e perpetuar a violência entre as gerações futuras.

Pela análise das falas desse estudo, verifica-se que estes adolescentes cresceram em um ambiente em que o pai, mãe, irmão, tio, primo, entre outros cometiam delitos e as pessoas do ambiente familiar estavam cientes deles. As crianças e os adolescentes podem entender tais circunstâncias como habituais. Os adolescentes percebem um ambiente familiar carente de respeito, afeto, aceitação e

acima de tudo conflituoso. Balista et al. (2004) afirmam que as falas e comportamentos dos adolescentes que convivem neste tipo de ambiente procuram chamar a atenção expondo, de alguma forma, as situações vivenciadas em casa e com a família.

A maioria dos adolescentes (81%) morava com a família na época em que praticaram o delito que resultou na sua sentença de privação de liberdade. Este dado coloca em questionamento o mito de que os adolescentes infratores são “meninos de rua” que foram abandonados ou que, por opção, deixaram suas famílias. Fica claro também que não é a ausência de convivência familiar o fator determinante do ingresso no mundo infracional. Segundo Silva, & Guerresi (2003) a motivação para o ingresso está muito mais relacionada à qualidade do vínculo familiar mantido com o adolescente.

O impacto que a convivência familiar apresenta em relação ao crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente tem ligação fundamental para a formação do indivíduo. Isto está diretamente relacionado à violência vivida e é um determinante na forma como o adolescente se vê, assim como o mundo a sua volta. (Assis, Avanci, Santos, Malaquias, & Oliveira, 2004; Tarter et al., 2002).

Nota-se que a violência se manifesta e se torna habitual na vida das famílias dos participantes da pesquisa, tornando-se a principal estratégia para a resolução de conflitos:

discutia muito por causa de mim... por causa do meu outro irmão... começava a brigá... teve uma vez aí que meu padrasto avançou na minha mãe já... ih... um podia mais que o outro... o outro não podia fazer muita coisa... aí eles começava a brigá... A9

ah... eu mais meu irmão brincano assim... aí meu tio foi... veio me batê neu... fui chamei meu pai... aí ele foi e pegô a barra de ferro e foi batê no meu tio... assim que eu tinha saído ele tinha matado ele... A11

Algumas crianças e adolescentes recebem orientações consistentes sobre não agredir o outro (como por exemplo não bater), enquanto outras recebem orientações para realizar a agressão (voltar e revidar ao ataque). Da mesma forma, algumas crianças observam os pais, irmãos e seus pares não resolverem conflitos de forma agressiva, enquanto outros observam abusos e luta. Este mapeamento pode mostrar padrões de estruturação cognitiva e comportamental que ajudem a

compreender por que algumas crianças chegam à adolescência com um elevado nível de comportamento agressivo, enquanto outras não (Garbarino, 2009).

Apesar de os fatos serem alarmantes e assustadores, os adolescentes contam suas histórias sem dificuldades. O pai e a mãe bêbados, as brigas e agressões constantes, até a tentativa ou efetivação de um assassinato, fazem parte da história da vida de cada adolescente. Em vários casos onde um diálogo resolveria o conflito, nas famílias teoricamente desestruturadas e com falhas de convívio, as soluções encontradas são baseadas na prática de algum tipo de violência, seja verbal, psicológica ou física. Esta análise está em consonância com o estudo de Melo et al. (2007, p. 94) em que se discute que

o argumento mais forte para conferir legitimidade às normas violentas é a presença permanente da violência, marcando a vida das pessoas, construindo as suas personalidades, definindo os seus caminhos, produzindo uma nova cultura, uma nova concepção, um novo jeito de se relacionar com o outro - é a violência assumindo o papel de norma e rompendo as interações, colonizando o mundo da vida.

Conclui-se, assim, que pais envolvidos com algum tipo de criminalidade, com uso excessivo de bebidas alcoólicas e drogas, que praticam violência física, psicológica e sexual ou mesmo a violência verbal constante com os filhos, podem comprometer suas funções de pais no controle, na disciplina e no envolvimento com os filhos, além de servir como exemplos negativos para suas vidas (Gallo, & Williams, 2005). Adolescentes, principalmente do gênero masculino, que crescem numa família em que o diálogo, a educação e o lazer são substituídos por algum tipo de violência e/ou uso de drogas e que a agressão familiar é regra para a resolução de conflitos podem estar mais propensos ao desenvolvimento de atos infracionais.

### **Influências para prática de violência e/ou uso de drogas**

comecei tipo assim... fumano... uso droga... tipo assim...((riso)) ... amigo... amigo né? fora da escola... ah... às vezes precisava de roubá pra (...) roubá assim pra... ((riso)) pelo dinheiro ué... A4

A vida em torno da criminalidade parece ter uma ordem de ascensão, como se fosse em uma empresa onde os funcionários galgam novos cargos por

melhores salários. Parecido com esta questão, o adolescente A4, de 15 anos, expõe sua “subida” na vida do crime: “entrei no crime... tipo assim... usano droga... que mais? roubano... depois eu já fui piorano... eh... eu já fui subino... fui vendeno droga... fazeno assalto... aí eu caí...”.

Os adolescentes, de forma geral, argumentaram variados motivos que influenciam a prática de atos infracionais. De acordo com Guimarães, & Campos (2007, p. 193)

quando os adolescentes são solicitados a falar das motivações para o uso de violência, percebe-se uma tendência a buscar na pobreza e nas necessidades financeiras a justificativa para assaltos e roubos. Outras explicações para a violência estão ligadas ao descontrole causado pelo álcool ou pelas drogas, a “fraqueza” moral, a falta de estrutura familiar e o prazer em usar a violência.

Da mesma forma, Minayo (2005) coloca que o crescimento das taxas de criminalidade e das consequências da violência estão relacionados à falta de oportunidade e perspectiva dos adolescentes, principalmente por estarem rodeados pelos apelos de consumo e pela falta de reconhecimento e chances sociais.

Normalmente, para adolescentes iniciando uma vida laboral, as perspectivas de salários em um trabalho são baixas ao mesmo tempo em que o mercado de trabalho apresenta altas exigências em relação a horários, qualificações e regras. Desta forma, os adolescentes consideram os delitos mais vantajosos que o trabalho formal devido às suas supostas facilidades e por possibilitarem a aquisição de um montante maior de dinheiro em menor tempo.

Como as necessidades de compra, muitas vezes, não podem ser satisfeitas pelo adolescente e sua família, a via ilegal é utilizada para a sua efetivação:

foi... aí olhano os outro menino eu pensei assim... nó... tá dano dinheiro demais... eles tá vendeno... tá ganhano dinheiro demais e eu entrei no embalo... A2

eu pensava assim... que eu ví meu pai com arma... aí desde pequeno eu ví... chegava muito dinheiro em casa... arma... droga... assim... aí eu via... “nó... ele tem tudo”... eu pensava assim... “não... porque que eu vô trabaia se eu posso fazê o memo que ele? pra quê?”... aí eu fui e comecei a roubá... vendê... A11

A via delituosa, para o adolescente, não é apenas uma forma fácil de sustentar seus desejos materiais, mas também suas necessidades de subsistência,



como pode ser exemplificado na fala a seguir do adolescente A10: “ah... eu não sei o que veio na minha cabeça... eu peguei e fiz... eu fui no supermercado ali... roubei um biscoito... me deu fome... eu fui lá e peguei... e fui praticano...”.

A oportunidade para a violência é também fortemente percebida em contextos em que quando na falta de supervisão dos pais, os amigos são poderosos na influência do comportamento violento (Tarter et al., 2002). Os adolescentes descrevem sua entrada na criminalidade a partir do envolvimento ou convite de colegas que já estavam envolvidos:

foi um colega meu que me chamô pra roubá... aí eu fui / fui e comecei a roubá com ele... aí do rôbo ali já... colocô as droga... aí eu comecei vendê... vendí primeiro... mas aí depois que eu comecei a usá... eu robava demais... celular... dinheiro... loja... roupa... tudo... carro... moto... era adrenalina demais... adrenalina e emoção... que aquilo ali que me incentivava memo... dava luz... A5

No estudo de Balista et al. (2004), discute-se que a rejeição afetiva e abandono físico por parte dos pais, fazem que os adolescentes apelem para condutas antissociais como roubo, uso de drogas e violência em geral. Da mesma forma, a falta de supervisão dos pais proporciona meios para condutas antissociais dos filhos. Quando estes pais praticam crimes passam a ser exemplos negativos na vida dos adolescentes, como é visto neste relato do adolescente A11 de 15 anos: “às vezes eu pensava por que ele podia fazê e eu não... aí eu fui e comecei a envolvê com crime...”.

Outro adolescente coloca sua versão sobre a caracterização da figura paterna e materna na família:

vô te falá a posição do pai e da mãe na vida da gente... a posição da mãe é a posição materna... carinho e nunca te qué mal pro cê... se a pessoa sofrê alguma coisa a mãe sofre demais porque a mãe é apaixonada pelo filho... já o pai... o pai qué vê a criação do filho... qué que o filho seja home... de um jeito ou de outro que o filho seja trabalhadô... não com muito cuidado... é o jeito do pai... o pai dá carinho mas não do jeito que a mãe dá... por isso que todas as pessoa gosta mais da mãe porque o pai é... é... tipo assim... castigos e a mãe não... a mãe passa a mão na cabeça da gente... A7

A figura paterna é lembrada como um vazio pelo adolescente A8, de 16 anos: “não tinha pai né... engraçado... todo mundo tem pai... você não vai com ninguém... todo mundo com o pai andano... tomano um picolé... andano com pai e com a mãe... engraçado né?”. Já para o adolescente A6, de 13 anos, a figura

paterna é lembrada pelo desprezo: “não converso com ele... principalmente quando minha mãe tava viva... ele passava perto e não falava nem oi cachorro comigo...”.

Ribolla, & Fiamenghi Junior (2007) colocam que a figura paterna pode contemplar a ordem e a segurança, como fontes de identificação para a construção de um mundo interno menos conflitante. Da mesma forma Balista et al. (2004, p. 355) discutem que o

exercício de poder no interior das relações familiares que se configura como abuso psicológico não deve ser confundido com autoridade paterna, entendida como a função socializadora exercida pelos pais dos adolescentes, a qual inclui a transmissão de valores sociais e a definição dos limites das ações individuais, que canaliza e estabelece a contenção dos instintos, necessária à civilidade.

Os adolescentes também descrevem os fatores motivacionais para o uso de drogas. De acordo com Paludo, & Koller (2005) o uso de drogas é bastante complexo e ocorre por diversos motivos, tais como acompanhar os amigos, fazer parte de um grupo, curiosidade, diversão, amenizar a fome e o frio, esquecer a tristeza, entre outros. Nesse estudo é perceptível que a maioria deles iniciam ou aprendem sobre este delito por influência e convivência com “amigos” que também são usuários:

ficava muito na rua... primeiro foi cola... depois comecei a cherá tiner... cola... cigarro... maconha... e depois fui e cheguei no crack... tipo assim... aí vê os outro usano e... dá vontade de usá... experimenta... acaba que... do jeito que tá lá no mundo dele gosta... aí continua... A3

((riso))... droga (...) tráfico... tipo assim... colega né? má influência ((riso))... ajudô eu entrá assim...eu tamém quis... né? curiosidade tamém... A4

Alguns adolescentes têm o discernimento de que o mesmo amigo que os convida e lhes oferece a droga, não é uma pessoa que vai ajudá-los quando eles precisarem e quiserem algum tipo de recuperação ou mesmo para a compra de mais drogas para manutenção do vício. Os ditos “amigos” não o são verdadeiramente. O adolescente A6, de 13 anos, relata que “pra ajudá a te viciá todo mundo vai... na hora que ocê vicia ninguém tem compromisso pra nada... tem que se virá...”.

Branco, & Wagner (2009, p. 563) identificam a mesma circunstância nas entrevistas de sua pesquisa:

todos os jovens entrevistados falaram da influência dos pares na iniciativa do ato delincente, bem como do ressentimento com estes amigos, que só se apresentaram enquanto parceria para uso de drogas e para a prática de atos delinquentes, mas que “sumiram” quando deste momento de dificuldade, com restrição da liberdade e afastamento da família.

Ao mesmo tempo ocorre um ciclo vicioso, em que para sustentar o vício é necessária a prática de algum delito como forma de conseguir dinheiro para a compra de mais drogas. Tais fatos são apresentados no exemplo a seguir:

comecei tem pouco tempo... uns doze ...ah... maconha... pedra... cocaína...ah... eu comecei a envolvê com os outro... aí tava fumano cigarro... aí comecei a inalá... da cola passei pra pedra... de pedra passei pra cocaína... comecei a robá... pra sustentá o vício... A6

comecei foi roubano memo... pra mantê o vício... A8

Outros já apontam o uso da droga como um destino ou hereditariedade como é descrito pelo adolescente, A8 de 16 anos, “((uso de drogas)) então eu puxei do meu pai... né... tipo assim... modo de falá... né?...”. Se os pais são usuários, eles têm maior chance de ser.

Todavia, existe algum tipo de relação entre o cometimento de delito e uso de drogas como já apontado na discussão sobre Caracterização do Adolescente do CSE, em que 82% dos adolescentes acautelados eram usuários de drogas. Silva, & Guerresi (2003) já mostravam esta analogia em seu estudo, no qual 85,6% dos adolescentes eram usuários antes da internação. Esta mesma relação é apontada na pesquisa de Priuli, & Moraes (2007).

Os relatos apresentados até aqui são congruentes com o estudo de Guimarães, & Campos (2007, p.193) que discutem que os sujeitos entrevistados “apontam a miséria, a fome, as drogas, a criação familiar dentre outros, como elementos que levam as pessoas a usarem a violência”. Eles sugerem que se a violência apresenta sucesso para a obtenção de benefícios, passa a ser um meio simples, banal e corriqueiro que, dificilmente, é deixado.

Dentre as motivações para diversos delitos apontados pelos adolescentes, podemos levar em consideração diferentes variáveis e pensar no caráter que determina o ato infracional. Eles podem sofrer influências do meio externo, mas sabemos que não é apenas isto que influenciará sua formação.

Nesta perspectiva, Assis, & Constantino (2005) descrevem em seus estudos os fatores potenciais internos e externos que podem determinar maior risco

do adolescente envolver-se em atos infracionais, destacando-se o sexo masculino, a pobreza, as características psicológicas e biológicas, a vulnerabilidade, a exclusão social, a violência familiar, o abandono da escola e o uso de drogas.

### **Imediatismo e banalização da violência**

Muitas vezes, o adolescente busca na violência a aquisição material ou de dinheiro para ter o poder de compra e de diversão. Talvez, ele fique encantado com tanta informação a sua volta em outdoors, televisão e no próprio corpo de outros adolescentes com maior poder aquisitivo. Este imediatismo pelo dinheiro, para a construção de uma vida diferente do que sua família possa oferecer, é percebido nas descrições a seguir:

pra comprá roupa... cê qué comprá uma moto cê compra a moto... cê qué comprá um vídeo game... cê compra um vídeo game... A2

eu roubava mais era pra ter carro... moto... bens material... roupa... eu gosto de andá bem vestido... tê uma roupa cara... isso tudo ué... tipo assim... quando eu tava na rua consegui... A7

De acordo com Abramovay, Cunha, & Calaf (2009), o adolescente vive angustiado e pressionado pela realidade, pois se sente limitado frente a impossibilidade de adquirir os bens que almeja, de satisfazer os desejos criados pelo mercado e apresentados como necessidades de consumo:

primeiro foi moto... via uma moto boiano sentava e ia embora... vendia a moto e ganhava um dinheirão e ficava satisfeito... e sempre aquele pouco... aquele dinheiro que ocê ganhava não era muito... aí foi... aí até começá com carro... robava um carro e vendia o carro pú dois três mil reais... robava outro e vendia o carro pú três quatro mil reais... eu cheguei a robá até de Honda Civic... A7

O adolescente também aprende que, além do furto e roubo, o dinheiro pode ser adquirido via tráfico de drogas. Abramovay (2002, p. 57) coloca que “no ambiente de exclusão social a que estão submetidas as comunidades onde vivem os jovens, a atividade no tráfico é uma via para a satisfação de aspirações de consumo para a qual a sociedade não oferece meios legítimos”. Este fato é apresentado a seguir: “eu vendia demais ((droga)) em um dia... dava pra comprar muita coisa...

quando fui crescendo ai eu fui vendo dinheiro... conhecia outras coisa.... coisa errada... depois fui ganhano dinheiro... usano droga..." A1.

Outros relatos estão relacionados à diversão que todo adolescente tem necessidade de desvendar, como a boate, sair para dançar, baile *funk*, entre outros. Para isto é necessário dinheiro e quanto mais se tem, mais destaque apresenta entre os colegas e garotas:

curtição é ir pra show... curtir... gastar dinheiro.... zuá bastante... eu ia pro baile funk... gastar com curtição... roupa... A1

curtir tamém... ((riso)) tipo assim né... se cê tinha dinheiro tinha... muitas coisa... né? cê sem dinheiro cê não é nada... A4

é... pra gastar ele à toa... com férias... esses negócio ué... lá mesmo lá onde é que eu morava... nós roubava dinheiro pra ir nesses show tudo... pra curtir... era pra... ((gesto de fumar))... pra nós bebê memo... A10

Além do dinheiro em si, o tráfico e o crime também representam a possibilidade de atingir um *status* social que vem acompanhado de respeito pelos colegas, namoradas e pela sociedade em geral, principalmente aquela de baixo poder aquisitivo (Abramovay, 2002). Os adolescentes encontram no poder exercido pela arma de fogo, nos crimes cometidos contra a comunidade periférica onde vivem, forma de conseguir prestígio, aceitação social e dinheiro tão importantes numa sociedade embasada em modismos e valores consumistas (Paulilo, & Dal Bello, 2002). O adolescente, A1 de 14 anos, demonstra este poder em sua fala: "depois que eu entrei pro crime ninguém mexia comigo mais não..."

Outro apontamento, diferente dos motivos citados anteriormente, é relatado por um adolescente de 17 anos que se refere ao prazer no ato infracional como "*adrenalina*". O outro adolescente, de 15 anos, relata o prazer em roubar. Eles afirmam que o dinheiro não faz tanta diferença para questões materiais e ao mesmo tempo parece existir uma naturalidade no ato infracional. "*Roubar*" parece normal:

eu não tava nem aí pro dinheiro não... é porque eu gostava memo de roubá... é bom demais... dá adrenalina... só roubano pro cê vê... A5

eu gosto demais ((de roubar))... aí depois a gente foi e começô a comprá arma... aí a gente saía pra fazê assalto... e nisso ia levano muito dinheiro... A11

Outra condição, que praticamente determina o adolescente a considerar normais estes atos de violência contra a sociedade e contra si próprio, é a manutenção do vício em drogas que faz parte do dia a dia da maioria dos adolescentes considerados infratores. Normalmente, o vício faz que o adolescente, tente o dinheiro de variadas formas como, pedir esmola, vigiar carros na rua e em outros casos, realizar furto, assalto, tráfico entre outros.

Neste cotidiano de infrações, a violência se banaliza e passa a fazer parte da vida dos adolescentes como percebido na fala do participante, A11 de 15 anos: “gastá ((dinheiro do tráfico))... como se fosse um emprego normal... mas contra... né?”.

Sobre a naturalização ou banalização da violência, os autores Guimarães, & Campos (2007, p. 189) descrevem que

com a atual mudança cultural e as transformações do sistema de valores e das relações sociais, observa-se que as tensões sociais que anteriormente apresentavam desfechos onde tendiam a predominar acordos e negociações, atualmente encontram na violência física ou verbal uma tendência predominante. Nota-se assim uma disposição cultural de se considerar fenômenos de violência explícita (atos agressivos) como sendo, além de frequentes, “comuns”, “naturais”, “corriqueiros”, “banais”, destituindo a violência do lugar da excepcionalidade, para tornar-se uma marca do cotidiano.

## **Futuro do adolescente e possibilidades de mudança**

Analisando os relatos dos adolescentes sobre o que pensam sobre seu futuro e o que desejariam mudar, as respostas estão quase sempre relacionadas a mudar o estilo de vida e/ou jeito de ser que levavam:

tô sempre tentano ... né? eu quero mudá o meu jeito de ser... sabe? antes eu não conversava... olha pro cê vê... eu já to mudano já porque antes eu não conversava igual assim com cê não... antes eu era mais nervoso... eu hoje tô calmo... assim... eu respeito... A4

eu mudava de tudo... o meu jeito... de estresse... eu mudaria minha história toda... se eu pudesse voltá atrás... nossa... eu tinha arrependido de tudo... A5

As respostas desses adolescentes sobre possibilidades de mudanças são, em sua maioria, respondidas satisfatoriamente, no sentido de um futuro

diferente do que já viveram até então. Se pensarmos que eles teriam receio de responder ao contrário do que responderam, por se tratar de jovens privados de liberdade, participando de uma entrevista com alguém que não é seu advogado, psicólogo ou familiar, poderíamos interpretar erroneamente as respostas. Mas esses relatos, também estão presentes nas histórias de vida, quando eles fazem um resgate da infância de forma espontânea e mais tranquila. Um exemplo é o relato de um adolescente de 17 anos: “porque quando eu saí daqui já vô tê dezoito anos... aí as porta do mundo já vai tê aberto pra mim... aí eu quero fazê um curso de segurança...” A7.

Outra análise importante que pode ser destacada gira em torno do momento vivido pelo adolescente na ocasião da pesquisa. Ele está longe da criminalidade e de seu ciclo de convivência anterior à internação, está praticando esportes semanalmente, frequentando a escola diariamente, realizando aulas de artes, entre outras atividades. É como se a sobriedade da internação permitisse a reflexão que mudanças são necessárias, o que é percebido nos relatos a seguir:

eu quero saí daqui... trabaia e ajuda minha mãe... meus irmão e quero viver outra vida... isso que eu quero... e largá do crime... o crime eu falo em geral... matá... roubá... desde quando eu entrei aqui... no primeiro dia não... demorô uns quinze dia de sobriedade... que a mente foi clareando eu já pus isso na minha mente... que eu quero é isso... A3

meu futuro eu imagino... um grande homem por causa que eu... tirei um exemplo... não sei o tempo que eu vô ficá aqui mais não reclamo se fô muito tempo ou pouco tempo... mais nesse tempo que eu ficá eu vô tirá como exemplo pra minha vida toda... A7

Uma pessoa apontada pelos adolescentes com frequência, que aparece como incentivo para sua recuperação durante e após a internação, é a figura materna. Muitas falas de mudanças e talvez arrependimentos estão relacionadas à família e, principalmente, às mães. Estes dados são equivalentes com a pesquisa de Branco, & Wagner (2009) na qual a família apresenta importância durante a privação de liberdade e é a mãe sempre a mais lembrada como motivo de recuperação:

ah... igual minha mãe sofre pra vim cá... eu mudaria esse tipo... uai... parava de usá... parava de mexê... pra ela não vim... pra ela não tê que passá por um lugar desse aqui mais... A2

eu penso é na minha mãe... se eu não tivesse pensano nisso aí eu ia continuá... mas eu tenho que ajudá ela... então eu tenho que pará... é... minha mãe sempre me deu boas idéias... A5

Apesar dos sujeitos dessa pesquisa estarem na adolescência, alguns apresentam pensamentos idealizados por um adulto como casar, constituir uma família com esposa e filhos e adquirir uma casa. Talvez, estes ideais estejam presentes por terem vivido tantas experiências fortes e enfrentado situações complicadas que os obrigam a amadurecer em algum ponto. Em determinadas questões parecem homens, em corpos de meninos:

tê uma mulhé... tê uma família boa (...) uma casa... é o que eu quero... que... ficá com Deus... a coisa melhó que tem na vida de um homem é essa... A8

trabalhá... arrumá um serviço... uma namorada... ficá mais queto... meu futuro é arranjá uma namorada... um carro... uma casa... A10

Na pesquisa realizada por Abramovay (2002), os adolescentes enfatizam a importância do trabalho e da escola como forma de ocupação do tempo e da mente, o que os impediria de estar pensando em cometer qualquer infração. Continuando essa observação é identificado entre os participantes desta pesquisa, a esperança de possibilidades de estudo, emprego e retorno para a família:

mudá de vida... trabaiá... pará de robá... ficá queto dentro de casa... estudá e trabaiá... sem estudo cê não consegue arrumá serviço... se eu tivesse estudano eu não tava aqui... A6

na hora que eu saí daqui eu quero arrumá um emprego... que eu vô tê dezoito anos... o emprego vai sê fácil nessa idade... de carteira assinada e tudo... A7

Também sobre os estudos e o trabalho, Branco e Wagner (2009) colocam a importância de estar empregado ou na escola, no início da idade adulta, como fator protetor da recaída para o ato infracional e como perspectiva de futuro. Entretanto, de forma geral, o país apresenta condições complicadas de se conseguir emprego e, para piorar a complexidade, a sociedade é preconceituosa e nega ao sujeito com passado criminal oportunidades de trabalho (Abramovay, 2002).

Portanto, por mais que exista o sonho do emprego e aquisição de bens materiais, a tarefa não é fácil. Todas essas circunstâncias tornam a possibilidade de recaída maior e o futuro do adolescente com chances reduzidas, o que pode frustrar seus sonhos.

O que mais nos chama a atenção é que quando perguntamos a um jovem sobre seu futuro e o que gostaria de mudar, facilmente ele relata sobre o abandono



das drogas e da criminalidade, que, realmente, é o fator primordial de mudanças visando a seu futuro. Mas esta mudança depende de um apoio familiar e social. O maior problema está neste ponto.

Se ele tinha uma família com estrutura fragilizada, envolvida em situações de violência, como drogas, assaltos, por mais que apresente sinais de recuperação, o ambiente a que ele retornará continua o mesmo e pode ser crucial para desconstruir o que foi conseguido com a sua privação de liberdade no CSE. Este fato é congruente com os estudos de Branco, & Wagner (2009, p. 563) em que “embora a família ainda seja a instituição que os jovens acreditam poder ajudá-los, esta mostrou-se extremamente fragilizada, vulnerável e com pouca capacidade de atuação”. Isto precisa ser revisto de forma que redes de apoio sejam articuladas, envolvendo, principalmente, a família que o acolherá.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exposição à violência, o envolvimento com drogas, a prática de delitos, a exclusão social, a inadequação das escolas e a baixa escolaridade revelam a fragilidade do cuidado despendido aos adolescentes, tanto pelas famílias quanto pelo Estado. Esses levantamentos são constatações de que pode haver falhas na rede protetiva da criança e adolescente, durante o seu percurso antes da idade adulta.

A partir das análises dos relatos dos adolescentes entrevistados, podem-se elencar os principais fatores que influenciaram a prática de violência e/ou uso de drogas, sendo eles: a necessidade do dinheiro para a subsistência devido à pobreza, pela falta de trabalho e, principalmente, para a compra de drogas; a via fácil da aquisição do dinheiro e bens materiais; o abandono escolar; a influência de amigos; a falta de supervisão dos pais e a ausência paterna; e a família como exemplo negativo.

Os fatores que influenciam a violência favorecem sua naturalização. Os principais exemplos, talvez os mais presentes aos nossos olhos, em que ocorre a banalização da violência estão relacionados à resolução de conflitos, seja na família, com as autoridades, na rua, no tráfico, na escola e em outras diversas instituições

onde as diferenças passam a ser resolvidas através da força física, do grito e até pela presença da arma. Essas situações podem fazer parte do cotidiano dos adolescentes, passando a atos infracionais que se tornam banalizados pelos mesmos e suas famílias.

A falta de alcance pedagógico, socializador e, talvez, até humanizador da escola, família e sociedade na formação da criança e na transmissão das normas e valores gerais da sociedade contribui para que alguns adolescentes construam suas experiências sem um referencial do que se espera como certo ou errado para condutas. Dentre estas experiências, inclui-se a violência, que se dissemina livremente, tendo em vista a ausência de controle parental e escolar sobre as condutas agressivas da criança ou do adolescente. A violência banalizada, talvez permita limites mais tênues por parte de pais, responsáveis, escola e sociedade no tocante à demarcação de limites saudáveis para os adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. (Org.) (2002). *Escolas e violência*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M., Cunha, A.L., & Calaf, P.P. (2009). *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF.
- Assis S.G., Avanci J.Q., Santos N.C., Malaquias J.V., & Oliveira R.V.C. (2004). Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 16(1), 43–51.
- Assis S.G., & Constantino P. (2005). Perspectiva de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 81-90.
- Balista C., Basso E., Cocco M., & Geib L.T.C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 6(3), 350-357.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Branco B.M., & Wagner A. (2009). Os adolescentes infratores e o empobrecimento da rede social quando do retorno à comunidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 557-566.

- Brasil (Eds.). (2006). *Lei 8069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente* / Ministério da Saúde. (3rd ed.). Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. (DATASUS). (2010). *Indicadores de Mortalidade*. Retrieved February 07, 2010, from <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obtuf.def>.
- Gallo A., & Willians L. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: teoria e Prática*, 7(1), 87-97.
- Gallo A., & Willians L. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Caderno Pesquisa*, 38(133), 41- 59.
- Garbarino, J. (2009). Why are adolescents violent? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 533-538.
- Guimarães S.P., & Campos, P.H.F. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 20(2), 188-196.
- Melo E.M., Melo M.A.M., Pimenta S.M.O., Lemos S.M.A., Chaves A.B., & Pinto L.M.N. (2007). A violência rompendo interações. As interações superando a violência. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 7(1), 89-98.
- Minayo M.C.S. (2005). Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In Brasil. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. (pp. 9-43). Brasília: Ministério da Saúde.
- Minayo, M.C.S. (2006). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (9nd ed). São Paulo: HUCITEC.
- Ozella S., & Aguiar W.M.J. (2008). Desmistificando a Concepção de Adolescência. *Caderno de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- Paludo S.S., & Koller S.H. (2005). Quem são as crianças que estão nas ruas: vítimas ou vitimizadoras? *Interação em Psicologia*, 9(1), 65-76.
- Paulilo M.Â.S., & Dal Bello M.G. (2002). Jovens no Contexto Contemporâneo: Vulnerabilidade, Risco e Violência. *Serviço Social em Revista*, 4(2). Retrieved January 22, 2010, from <http://www.ssrevista.uel.br/c-v4n2.htm>.
- Peres F., Rosenburg C.P. (1998). Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. *Saúde e Sociedade*, 7(1), 53-86.
- Priulli R., & Moraes M. (2007). Adolescente em conflito com a lei. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1185-1192.

- Ramos F.R.S. (2001). Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. (pp.11-18). Brasília: Aben.
- Ribolla M.B., & Fiamenghi Jr. G.A. (2007). Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 111-121.
- Silva E., & Guerresi S. (2003). *Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil*. Texto para discussão nº979. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Tarter, R.E., Kirisci, L., Vanyukov, M., Cornelius, J., Pajer, K., Shoal, G.D., & Giancola, P.R. (2002). Predicting Adolescent Violence: Impact of Family History, Substance Use, Psychiatric History, and Social Adjustment. *American Journal of Psychiatry*, 159(9), 1541-1547.
- Turato, E.R. (2008). Decidindo quais indivíduos estudar. In Turato, E.R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. (3rd ed.), (pp. 351- 368). Petrópolis: Vozes.
- Zaluar A.M. (2001). Violência extra e intramuros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(45), 145-64.
- Zaluar, A.M. (2003). *O contexto social e institucional da violência*. Retrieved April 22, 2009, from [http://www.ims.uerj.br/nupevi/artigos\\_periodicos/contexto.pdf](http://www.ims.uerj.br/nupevi/artigos_periodicos/contexto.pdf)
- Waiselfisz, J.J. *Mapa da violência IV: Os jovens do Brasil*. Brasília. (2004). Retrieved January 22, 2009, from <http://www.coav.org.br/publique/media/Mapa>
- World Health Organization (WHO). (2002). *Informe mundial sobre la violencia y la salud: resumen*. Washington, D.C.: Organización Panamericana de la Salud-Oficina Regional para las Américas de la Organización Mundial de la Salud.

**Representação social de adolescentes acautelados e não acautelados sobre  
violência**

**Social Representations of Violence manifested by Adolescent Offenders and  
Nonoffenders**

**Daniel Nogueira Cortez\*; Alysson Massote Carvalho; Joel Alves Lamounier**

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, Faculdade de Medicina, UFMG. Av. Prof. Alfredo Balena, 190, sl. 533. Belo Horizonte - MG - Brasil Cep 30130-100.

\*danielncortez@yahoo.com.br

## RESUMO

O protagonismo de adolescentes envolvidos com a violência tem mobilizado a sociedade para debates e incentivado pesquisas sobre suas causas e consequências. Analisando o contexto de vida de adolescentes acautelados e não acautelados, este estudo pretendeu comparar a representação social que eles apresentam sobre violência. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, por meio da identificação das representações sociais, com dois grupos de adolescentes, sendo 11 de um Centro Socioeducativo de Minas Gerais e 11 de uma escola do mesmo município. Para a análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Os adolescentes da escola retratam a violência de uma forma mais ampla, abrangendo mais tipos de violência. Os adolescentes do Centro socioeducativo deixam claro que a violência está relacionada, principalmente, àquela de maior risco em que a morte pode estar presente. Talvez estas diferenças sejam representadas pelo percurso de vida que cada grupo apresenta. Pode-se concluir que o contexto de vida do adolescente infrator proporciona influência direta na representação social que ele tem de violência e de seu comportamento.

Palavras-chave: Adolescente, Adolescente Institucionalizado, Violência, Representação Social.

## ABSTRACT

The major role adolescents are playing in committing violent acts has sparked public debate and encouraged research into its causes and effects. This study, by an examination of adolescent offenders and nonoffenders' life contexts, aims to compare each group's self-reported social representations of violence. Its qualitative approach enables identification of the social representations manifested by two groups of adolescents, 11 from a juvenile development center in Minas Gerais and 11 from a school in the same municipality. The data were submitted to a Bardin content analysis (1979). Findings showed that the school adolescents viewed violence as broader-ranged, spanning more kinds of violence. Meanwhile, the juvenile center adolescents render it clear that violence is mainly related to that which involves higher, potentially lethal, risk. This suggests that the representations diverge because of the life course each group presented. One can therefore conclude that the adolescent offender's life context directly influences his social representation of violence as well as that of his behavior.

Key-words: Adolescent, Institutionalized adolescents, Violence, Social Representation.

## INTRODUÇÃO

O protagonismo de adolescentes envolvidos com a violência tem mobilizado a sociedade e o legislativo para debates, bem como pesquisas sobre suas causas e consequências. É comum, na mídia e nos diálogos da população, a presença de discussões sobre eventos abarcando adolescentes envolvidos em atos infracionais. Essa temática tem chamado a atenção de todos, mas talvez pouco se conhece sobre seus principais autores. Por esse motivo, o presente estudo teve como objetivo caracterizar as representações sociais que estes adolescentes fazem sobre a violência e o cometimento de delito, relacionando-as ao seu contexto de vida.

O termo adolescência, além de complexa determinação conceitual, encontra entraves também na sua demarcação temporal como forma de classificação. Para a Organização Panamericana de Saúde (OPS) e Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos <sup>1</sup>. Já o Art. 2º do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA), Lei 8069/90, considera a pessoa adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade <sup>2</sup>.

Nas práticas de saúde, a adolescência, compreendida para além da demarcação temporal, incorpora a idéia do adolescente como protagonista na construção de seu processo de vida pessoal e coletivo, o que lhe confere um potencial de emancipação, autonomia e responsabilidade social <sup>3</sup>.

Num sentido histórico, estudos de Ozella e Aguiar <sup>4</sup> sobre concepções da adolescência, afirmam que ela é criada historicamente pelo homem, como representação e como fato social e psicológico. Ela é constituída dos fatos sociais que surgem nas relações em que são atribuídos significados pelos homens, criando conceitos que expressam esses fatos. Esses autores afirmam que, quando definimos a adolescência, estamos atribuindo significações baseadas em realidades sociais que serão referências para a construção destes sujeitos. Para Priulli e Moraes <sup>5</sup>, estas realidades sociais podem ser permeadas por violência, o que aumenta a atenção voltada para os adolescentes.

A violência pode ser considerada qualquer situação em que um ator social perde a sua condição de sujeito frente a outro, sendo então rebaixado à condição de

objeto ocorrendo a imposição das necessidades, expectativas e vontades de um ator social sobre as necessidades e vontades de outro ator <sup>6,7,8,9</sup>.

A violência se apresenta, em sua forma mais aparente, como a agressão verbal e a agressão física com ou sem uso de arma nas relações interpessoais para a resolução de conflitos financeiros, de posses, de sobrevivência, de inimizade, de transtornos psicológicos, entre outros, podendo gerar morte, lesão, agravo psicológico e até alterações de desenvolvimento. A violência também pode se apresentar como aquela que afeta o ente querido, os bens materiais e a própria moral tanto por meio físico, como por meio da linguagem <sup>5,10</sup>.

A violência pode ser considerada polissêmica <sup>11</sup>, mas para analisar esse tema complexo frente a violência que envolve o adolescente, não basta entender seus conceitos, mas compreender o que pensam e vivem os adolescentes e em que contextos esses fenômenos se manifestam.

Uma forma de entender o comportamento violento de adolescentes em conflito com a lei é estudar as representações sociais, para compreender o fenômeno da violência <sup>12,13,14</sup>.

A violência não se restringe a um conjunto de práticas objetivas, pois também engloba representações pessoais e estes fatos são fatores complicadores para sua compreensão e entendimento de suas consequências. As representações pessoais (percepções individuais e sociais) da violência são elos cruciais na compreensão da gênese do problema. Por se constituir no âmbito das relações humanas, a violência pode, muitas vezes, ser encarada como parte da natureza do ser humano <sup>15</sup>.

Neste contexto, no qual se discute a percepção pessoal e coletiva de violência, é importante compreender o que venha a ser tais representações, a que aqui nos referimos como Representação Social, que segundo Moscovici <sup>16:26</sup> é “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.” Ela é elaborada, socialmente, na vida cotidiana e tem como função interpretar e agir sobre a realidade. A representação social prepara a ação, conduz o comportamento, modifica e reconstitui os elementos do ambiente no qual vai ocorrer o comportamento. Quanto à comunicação, o papel da representação social é o de constituir um instrumento por meio do qual os grupos apreendem formas de se envolver e de se relacionar com a mediação da linguagem <sup>17</sup>.



As representações sociais se formam, principalmente, quando as pessoas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação de massa e à herança histórico-cultural da sociedade <sup>18</sup>. São imagens que condensam um conjunto de significações e de sistemas de referências que permitem que se interprete os acontecimentos, que se dê sentido ao inesperado <sup>16</sup>. A finalidade das representações é tornar o desconhecido, familiar e esta relação pode significar a noção de senso comum presente na sociedade <sup>19</sup>. A dinâmica das representações é, portanto, uma dinâmica de familiarização, na qual os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e padrões da sociedade. De acordo com Moscovici <sup>19:55</sup> “a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’”.

Portanto, Representação Social, baseado nas idéias de Moscovici, que aqui adotamos como referência principal, pode ser reelaborações da realidade; representação compartilhada por atores sociais; pode ser capaz de tornar concreto o abstrato; e, normalmente, a representação se encontra com algo que já havia sido pensado, latente ou manifesto. Neste sentido, a forma como um adolescente se vê, seus valores, sua competência e o mundo que o cerca pode ser afetada pelo grau de violência a que é submetido ao longo de sua vida. Esta situação pode determinar a representação que o adolescente apresenta a cerca de violência. Acredita-se que a experiência de violência tenha um importante papel no julgamento que o adolescente faz de si e dos outros <sup>12,20</sup>.

Assim, investigar as representações sociais de adolescentes, em conflito com a lei, sobre violência, possibilitará a obtenção de informações sistematizadas e contribuirá para se repensar as relações que se estabelecem entre os familiares, os profissionais que lidam com esse público, o judiciário e os próprios adolescentes.

Desta forma, pensando na abordagem ao adolescente considerado infrator e suas esferas de convivência e mesmo o que se encontra em risco para tal, pelo seu contexto de vida, podemos pensar que, se há esperança de recuperação para esse público, uma das alternativas é verificar as representações sociais de violência e as possibilidades de intervenção. Assim, procuramos compreender como os adolescentes percebem a realidade violenta que os envolve e orienta suas ações.

Tendo em vista essa premissa, este estudo voltou-se para a escuta dos adolescentes acautelados e também adolescentes não acautelados comparando a representação social que eles apresentam sobre violência.

## **MÉTODO**

A presente pesquisa trata de um estudo de abordagem qualitativa, por meio da identificação das representações sociais. Escolheu-se a representação social com o objetivo de avançar no estudo do fenômeno da violência na perspectiva do adolescente em privação de liberdade.

O ponto de partida para a identificação do que representa a violência para o adolescente foi pesquisar as conceituações acerca do tema. A discussão trata de informações objetivas que retratam a violência com dados brutos sobre o perfil dos participantes, assim como de dados subjetivos que abordam suas histórias de vida e percepções construídas sobre a violência.

A pesquisa foi realizada em um Centro Socioeducativo (CSE) de Minas Gerais, sob gestão da Secretaria de Estado de Defesa Social, que é responsável pela execução de medidas socioeducativas de internação e de semi-liberdade, determinadas pelo Poder Judiciário, a adolescentes autores de ato infracional. Trata-se de unidade regionalizada do sistema Estadual, que se destina apenas ao atendimento dos jovens do sexo masculino e possui capacidade para 48 internos. Para comparação, a pesquisa também ocorreu em uma escola com o mesmo perfil do adolescente acautelado em relação ao gênero, faixa etária e classe social, sendo ambos os locais do mesmo município.

Apoiando-se nas recomendações de Minayo <sup>21</sup>, para a realização criteriosa de uma investigação qualitativa é necessário tentar multiplicar as formas de abordar o campo. Seguindo essas orientações, este trabalho utilizou dois instrumentos para abordagem dos participantes, sendo eles a história de vida e a entrevista semiestruturada. Cada participante respondeu, primeiramente, à entrevista semiestruturada e depois descreveu sua história de vida, sendo ambas as etapas gravadas e, posteriormente, transcritas.

## Participantes

Foram entrevistados 11 adolescentes do CSE e 11 adolescentes da escola entre 13 e 17 anos de idade. No CSE, em uma lista dos internos, não organizada por ordem alfabética, foram escolhidos os números ímpares para que ocorresse a aleatoriedade. As entrevistas foram realizadas e interrompidas até o décimo primeiro participante, pois, neste momento, percebeu-se a saturação de dados. Segundo Turato<sup>22:363</sup>, nesta amostragem por saturação “o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições de conteúdo”.

Na escola, o objetivo era entrevistar o mesmo número de adolescentes e de mesmo gênero do CSE. As salas que tinham alunos na faixa etária pretendida foram abordadas, coletivamente, para explicação da pesquisa e escolha dos entrevistados conforme lista de chamada dos alunos de números ímpares, de cada turma, para permitir a aleatoriedade. Foram entrevistados 11 adolescentes que trouxeram o TCLE assinado por seus pais, de forma a equiparar com o mesmo número de adolescentes do CSE.

Assim, o número final de participantes da pesquisa foi de 22 adolescentes. Estes foram identificadas por “A” os adolescentes do CSE e “E” os adolescentes da escola.

## Instrumentos

A coleta de dados dividiu-se em duas etapas. A primeira foi caracterizar o adolescente acautelado e não acautelado. Para isto foram feitas perguntas que traçassem o perfil dos sujeitos da pesquisa. Este perfil foi complementado com dados presentes na entrevista semiestruturada. Para a segunda etapa, o objetivo era caracterizar a representação social de violência para os adolescentes. Para esta parte, lançou-se mão tanto da entrevista semiestruturada, quanto da história de vida. A entrevista abarcou perguntas sobre o que era violência e como eles a percebiam em sua vida. A história de vida foi uma descrição de tudo que recordavam desde a

infância até os dias atuais, que foi importante para complementar a representação social pretendida.

### **Procedimentos de Análise**

Neste estudo, a violência foi idealizada como construção social, que ultrapassa as questões puramente biológicas ou emocionais. Com a finalidade de resgatar o contexto de como as representações sobre violência são construídas, tomou-se, como ponto de partida, a percepção dos adolescentes sobre a expressão violência em situações do seu cotidiano. Para efetivar a construção destas representações foi referênciada a observação de Minayo <sup>21:174</sup> em que “as representações sociais não são necessariamente conscientes. Perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz e se manifesta a partir das estruturas e das relações coletivas e dos grupos”.

Para conhecer e inferir as representações sociais dos adolescentes desta pesquisa é necessário perceber suas histórias dentro de um contexto onde estão inseridos, seja a escola, a rua, a família, igreja e os grupos de convivência.

É importante ressaltar que as representações sociais são formadas por dois processos que são a objetivação e a ancoragem.

A objetivação relaciona-se em transformar em objeto o que é representado e realizar uma construção seletiva da realidade. O indivíduo ou um grupo social tem a capacidade de apropriar-se dos conhecimentos que envolvem determinado objeto. Este objeto pode modificar o seu texto inicial originando uma nova forma de explicá-lo a partir das crenças, valores, preconceitos e paradigmas vividos pelo grupo no qual se está inserido. Neste sentido, ocorre a transformação do abstrato em concreto e os pensamentos convertidos em figuras são conduzidos para dentro da realidade. A ancoragem permite que o objeto estranho se transforme em algo familiar. Ela direciona a orientação dos comportamentos dentro de um grupo social, assim como contribui para exprimir e constituir as relações sociais deste grupo <sup>16</sup>.

Continuando os passos metodológicos, para a análise das entrevistas e da história de vida, utilizou-se como referencial a Análise de Conteúdo na sua

vertente análise temática. Esta análise é organizada em três fases sequenciais. A primeira, a pré-análise, é a fase de organização dos dados, em que leituras sistematizadas das entrevistas são realizadas e se determinam as unidades de análise; a segunda é a exploração do material, que consiste na organização dessas unidades nos temas com vistas a alcançar o núcleo de compreensão do texto; a terceira é o momento de interpretação, quando são feitas análises, relacionando-as ao referencial teórico<sup>21,23</sup>.

Para atender os critérios éticos, seguiram-se as recomendações da Resolução n. 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, bem como aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.

### **Caracterização dos adolescentes do Centro Socioeducativo**

A análise do perfil dos adolescentes revelou que 55% dos adolescentes estavam com 17 anos; 9% com 16 anos; 18% com 15 anos; e 9% com 14 e 13 anos respectivamente. A idade média foi de 15,9 anos (desvio padrão de 1,45). O adolescente com maior idade tinha 17 anos e o de menor, 13 anos. Estes dados demonstram que a maioria dos adolescentes internos estavam na faixa etária próximo ao limite (18 anos) de abrangência do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069/90 (artigo 2º e parágrafo único do ECA), que talvez possa ser explicado pelo fato de a medida de internação ser aplicada em último caso, conforme princípio da excepcionalidade, o que não significa que estes adolescentes não estavam envolvidos em atos infracionais desde o início da adolescência, aos 12 anos<sup>2</sup>.

Com relação à escolaridade dos internos, verificou-se um atraso bastante acentuado, principalmente se considerada a idade que apresentavam. Desses, 82% apresentaram atraso escolar igual ou maior de 4 anos, principalmente por indisciplina, desinteresse, abandono ou troca pela criminalidade, conforme relato dos mesmos. Apenas um dos participantes obteve a conclusão do ensino fundamental, mas nenhum, nem mesmo os matriculados, frequentavam efetivamente a escola antes da internação. Visando a modificações nesse quadro e atendendo às prerrogativas do ECA, a instituição pesquisada abriga uma escola em

suas dependências, na qual é exigida, obrigatoriamente, a frequência dos adolescentes internos. Na escola do CSE 46% cursavam o 4º ano do ensino fundamental, 27% o 6º, 18% o 7º e 9% o 1º ano do ensino médio. A ausência desse adolescente na escola demonstra a exclusão social já vivenciada antes da internação, sendo que a fragilidade no vínculo escolar pode aumentar ainda mais sua vulnerabilidade para o envolvimento com delitos <sup>24</sup>.

Relacionado aos vínculos familiares, anteriormente à medida de internação, 82% residiam com familiares, 9% moravam na rua e 9% residiam só. As configurações familiares revelaram em 100% de ausência do pai biológico, 91% eram chefiadas pela mãe (monoparentais) sendo que dessas, 36% apresentavam a presença do padrasto e 9% era chefiada pela avó. Isso revela que a presença da figura materna ainda assume uma alta prevalência nas famílias desses adolescentes <sup>25</sup>. De acordo com Gallo e Williams <sup>26</sup> famílias monoparentais chefiadas por mulheres podem representar um fator de risco para o envolvimento dos adolescentes com os delitos, uma vez que a renda de um único adulto possa não ser suficiente para atender às necessidades de toda a família. É importante salientar que este fator de risco vem, muitas vezes, acompanhado de outros, como por exemplo, baixa escolaridade materna e/ou trabalho pouco qualificado e pouco remunerado. Tal fato pode contribuir para a inserção dos filhos no mercado informal de trabalho, aumentando assim a possibilidade de ruptura com a escola e o envolvimento com a vida nas ruas. Os mesmos autores <sup>26</sup> colocam em seus estudos que os adolescentes em conflito com a lei que viviam com famílias monoparentais apresentavam escolaridade mais baixa, quando comparados com os que viviam com ambos os pais.

De outra forma, também foi apurado nas entrevistas que a natureza das interações existentes entre os filhos e a família, de forma geral, tem sido consistentemente relacionada à criminalidade e à violência. Dos participantes, 82% informaram que têm ou já tiveram familiares envolvidos com situações de criminalidade.

Em relação aos motivos que levaram os participantes à medida de internação, 100% estavam relacionadas a furto e roubo, mesmo que em alguns casos outros delitos também estavam associados, como por exemplo, o uso e tráfico de drogas. Estes dados são congruentes com outros estudos <sup>27</sup>, em que para o

estado do Espírito Santo, os motivos para a privação de liberdade de adolescentes, 70% correspondiam a roubo, furto e outros delitos não especificados.

Sobre o uso de drogas, constatamos que 82% dos participantes da pesquisa são usuários de algum tipo de drogas ilícitas, sendo que a média de idade de início para o uso foi de 11,5 anos. O estudo de Priulli e Moraes<sup>5</sup> mostrou que os adolescentes, em sua maioria, eram usuários de um ou mais tipos de drogas. Esses altos índices de frequência se tornam mais preocupantes, quando o início desse hábito ocorre no período da infância. É importante destacar que, nesse estudo, o termo “droga” é utilizado para as chamadas drogas psicoativas utilizadas em desconformidade com a indicação terapêutica medicinal e/ou não autorizadas por órgão competente.

Dos 11 adolescentes, 91% já trabalharam alguma vez para ajudar em casa ou para uso do dinheiro em necessidades pessoais como diversão e roupa. Desses, em 90% o emprego era informal e de pouco tempo de durabilidade como venda de picolé, servente de pedreiro, propaganda de compra de ouro, ajuda em ferro velho, entre outros. Talvez os adolescentes se inserissem em algum tipo de trabalho, porque suas famílias apresentam condições de baixa renda para manutenção do lar.

### **Caracterização dos adolescentes da Escola**

Na escola, foram entrevistados 11 adolescentes entre as idades de 13 a 17 anos equiparando aos adolescentes entrevistados no CSE e de acordo com a proposta metodológica desse estudo. Destes 11 participantes, 27% estavam com 15 anos, 9% com 13 e 14 anos respectivamente, 36% com 16 e 18% com 17 anos. A idade média foi de 15,45 anos (desvio padrão de 1,21). O adolescente com maior idade tinha 17 anos e o de menor, 13 anos.

Em relação ao atraso escolar ou número de reprovações, percebeu-se uma variação entre 1 a 4 anos, que foi justificado por dificuldade de aprendizagem, necessidade de trabalhar, desinteresse ou abandono. Fazendo um paralelo entre a importância da escola no contexto do adolescente e a chance de atos infracionais,

alguns estudos <sup>24</sup> discutem que problemas escolares também contribuem para a entrada no mundo infrator.

Um outro dado importante e que envolve alguns adolescentes brasileiros, é estudar e trabalhar concomitantemente. Dos sujeitos entrevistados, 55% apenas estudavam e 45% realizavam algum tipo de trabalho, seja formal ou informal, além de estudarem. Este dado também é apontado nos estudos de Silva e Guerresi <sup>27</sup>: a maior parte (66%) dos adolescentes só estudava; 17,5% dos adolescentes estudavam e trabalhavam; 7,5% apenas trabalhavam; e 9% não estudavam e nem trabalhavam.

Dos adolescentes da escola, 36% informaram ausência de pai biológico na infância, mas havia a presença do padrasto. O restante (64%) teve a presença do pai na infância e adolescência.

Quando perguntados sobre a experiência com o uso drogas, 36% dos sujeitos desta pesquisa responderam que tiveram contato, tendo como exemplo principal a maconha, seguido de cocaína. Desses, 9% ficaram privados de liberdade em um CSE por uma semana. Já em relação ao uso de bebida alcoólica 55% tinham hábito de consumo. De acordo com estudo de Roque, Ferriani e Silva <sup>28</sup>, no panorama de problemas de saúde, o alcoolismo é o que mais se destaca, aparecendo em membros de todas as famílias tanto no homem, quanto na mulher, nas crianças e nos adolescentes e, ao mesmo tempo, foi verificada associação do álcool com situações de maus-tratos no contexto da família.

Em relação ao envolvimento de familiares próximos com alcoolismo, uso de drogas ou violência, 36% relataram o envolvimento com drogas e 9% com agressão física grave, na maioria tios, pai, primo e irmão.

Fazendo um paralelo entre o perfil dos adolescentes do CSE e os da escola, algumas semelhanças como falhas escolares, necessidade de trabalho precoce para subsistência, uso de drogas e bebidas aparecem e nos permitem inferir que existe, para os adolescentes da escola, risco social para a violência iminente. Ou seja, o contexto de vida e a classe socioeconômica da qual fazem parte trazem aproximações com a realidade vivida pelos adolescentes infratores.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Representação social de violência para adolescentes acautelados e não acautelados**

Os resultados serão apresentados e discutidos de forma a descrever e analisar as representações sociais sobre violência de forma comparativa entre adolescentes acautelados e não acautelados. Com este propósito foram selecionados recortes das falas dos adolescentes que melhor ilustram o tema proposto. É importante destacar que a articulação com a teoria das representações sociais, já promove em si, a explicação das interpretações possibilitadas pela análise dos dados.

Para conhecer as representações sociais dos adolescentes sobre violência é indispensável conhecer a história pessoal dos mesmos e o meio em que estão inseridos, como a família, escola, amigos e comunidade, pois o papel e a origem das representações sociais são definidos pela sociedade onde se encontram. Moscovici <sup>16:59</sup> coloca que “as representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser”.

### ***O que é violência: comparação das percepções***

As percepções atribuídas pelos adolescentes do CSE e da escola sobre a violência, se analisadas isoladamente de seus contextos de vida, podem até ser percebidas com diferença mínima. Na maioria das entrevistas, é importante distinguir que os sujeitos da escola falam de algo que viram na televisão ou nos ambientes de convivência, como a própria escola e também no que ouviram de outros, mas que raramente foram protagonistas. Já os adolescentes do CSE falam de algo que vivenciaram enquanto vítimas ou atores:

violência é matá... batê na pessoa... que mais... dá tiro na pessoa... agredí a pessoa com palavras... tem um monte de coisas que gera violência... tem um monte de coisas que dá pra agredi uma pessoa... A1

violência pra mim é... é morte... destruição de... briga... esses trem aí... pra mim violência é isso... A5

eu vô te falá... violência memo... acho que é matá... cê matá... ocê robá já é uma violência... só de ocê robá já é uma violência... cê tá tirano o que não é seu... que é dos outros... não pode... outra tamém que eu te falei... tipo assim... colocá revolver na cabeça dos outro... atirá nos outros... batê nos outros... tipo assim... tipo assim... como é que eu falo memo... assim...agressão física... machuca a pessoa... é um ato de violência ué... A8

As vivências do que fizeram ou sofreram como violência, retratam os conceitos dos mesmos adolescentes supracitados:

depois eu comecei a roubá junto com eles... ganhava aquele monte de dinheiro... botava a mão no revolver e saia pra roubá... foi por causa do roubo... o cara reagiu... eu peguei e atirei nele... aí peguei e fui preso... A1

eu tava andando de moto com meu primo... aí ele foi revistado e achô droga nele... aí foi uns bicudo só... A5

a cocaína... a cocaína deixava eu fissurado demais... dava vontade de matá os outro... só tráfico... roubo... morte... tava saino pra matá os outros ( )... aí foi até eu matá um cara só... o tiro matô só um... aí foi por causa de tráfico... escolha de boca... aí deu tiro ni nós... nós foi lá e deu tiro no cara... matô o cara... depois dessa morte eu ainda fiquei um ano na rua... aí depois me mandaram pro São Lucas... aí eu parei aqui... A5

é... já fiz... de roubá... igual eu te falei... 155 e 157 ((artigo do código penal brasileiro que se referem a furto e roubo respectivamente))... essas questão aí... A8

o certo é a polícia te pegá e te levá pra cadeia... não é? aqui o cara te pega... te bate... te leva pro hospital... ocê vê como é que é... te leva pro hospital... dá uma liçãozinha... fala... faz ocê até mentí pro médico... falá que cê caiu de algum lugar... dum coreto... é... porque senão depois no meio do caminho te dá uma coça de novo... já aconteceu comigo... o policial falou pra eu mentir... A8

Guimarães e Campos <sup>6</sup>, em estudo sobre a representação social da violência em adolescentes, também observou que seus sujeitos de estudo apresentavam grande proximidade com episódios de violência física, inclusive uso de armas de fogo ou armas brancas e relações sociais, de modo geral, permeadas pelo conflito e pela violência. “Trata-se de modos de interação onde as conflitualidades encontram espaço privilegiado” <sup>6:195</sup>.

Os resultados da pesquisa de Assis et al. <sup>12</sup> também se equiparam ao presente estudo quando afirmam que a representação social que o indivíduo tem de

si próprio na adolescência está associada à experiência de violência no universo relacional.

A convivência com atos agressivos, como citado nas falas dos adolescentes do CSE, vai sendo assimilada e passa a fazer parte da representação social da violência<sup>13</sup>. Os adolescentes constroem seus conceitos a partir do meio do qual fazem parte.

Já na escola, na maioria das entrevistas, o conceito de violência é relatado de forma mais abrangente e talvez mais sutil que dos adolescentes do CSE:

violência... não existe só um tipo de violência né? tem violência verbal... tem violência física... tem um tanto... um monte de tipo de violência né? aí depende... quem pratica violência é uma pessoa ruim... quem tira a vida de alguém por causa de uma violência... batê... xingá... pra que né? E1

violência pra mim é... a pessoa matá... roubar... agredí as pessoa... verbalmente... xingano... é... acho que é só isso... usá droga porque ah... agente tá violentano... tipo assim... a gente mesmo né? fazeno uma coisa que é ruim pra gente... começa a roubá... matá... aí vai gera mais violência... aí se ocê pega... cê pega fiado... cê deve o traficante... o cara... ele vai te mata ocê... não tem dinheiro... cê paga com a vida... E3

violência é agredí um ao outro... xingá palavrão... isso aí... esses trem assim... xingar palavrão é normal... só que falano assim... xingá agredino... E9

igual porque assim é... a pessoa vai alí... arruma... companhia meio... meio ruim né? ou então tá precisano de dinheiro... não tem dinheiro... aí precisa de dinheiro... aí qué roubar... essas coisa assim... consegue o dinheiro mais fácil... igual porque... se hoje em dia... se fô olhá assim... até a droga... ou a prostituição é igual um serviço ultimamente... pra algumas pessoas né? E9

Quando os adolescentes da escola foram indagados sobre o que já fizeram de violência, eles negaram envolvimento. Aparentemente, os conceitos não vêm de suas vivências como protagonistas. Quando têm alguma experiência com violência ou com o uso de drogas, por exemplo, parecem ritos de passagem da adolescência, mas que precisam de uma atenção especial para que não entrem no processo infracional e se tornem novas vítimas ou atores da violência brasileira.

não... sô tranquilo... procuro fazê tudo do melhor... não / não procuro encrenca com os outro... procuro viver bem... E1

caso que morreu... assim? por causa de droga? eu ouço falar muito aí... na cidade aqui... era... assim... tio de colega meu... daqui da escola mesmo... aconteceu isso tem bem pouco tempo... mataro ele... mataro dois da família dele... uma vez que eu fumei maconha eu... tipo assim... nós fala é travá... passei muito mal... cheguei lem casa... contei pra minha mãe... nem ví o que eu tava fazeno não... chorei pra ela... aí eu comecei a entrá em depressão... E3

eu parei tamém por causa do efeito da maconha tamém... fiquei ruim... eu comecei a ir na igreja... eu tava pensano o que que podia acontecê comigo... fui parano... minha mãe foi me aconselhano eu... aí arrumei um serviço pra mim e fui e parei de mexê com esses trem... E3

nunca pratiquei violência... E9

## De acordo com Guimarães e Campos<sup>6:190</sup> a

maior parte das dificuldades para conceituar a violência vem do fato dela ser um fenômeno da ordem do vivido e cujas manifestações provocam ou são provocados por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Por isso, para entender sua dinâmica na realidade brasileira é importante compreender a visão que a sociedade projeta sobre o tema, recorrendo-se à filosofia popular.

Retomando as falas dos adolescentes do CSE, fica destacado que, em sua maioria, a violência física, principalmente aquela que gera risco à vida das pessoas é a mais identificada. A agressão verbal, algumas vezes, não é considerada como um ato de violência. Isto é percebido nas descrições dos dois adolescentes a seguir:

violência que eu saiba é ocê matá os outros... isso aí pra mim que é violência... agredí né não... agredí é uma briga sempre da mesma... simples igual uma briga de um casal... A2

cê matá... cê esfaquiá... isso aí pra mim que é violência... cê atirá e não mata... cê agredi... pancada... dá tudo certo uai... ocê tomô e ele tamém tomo... aí sai na mesma desvantagem... violência é cê matá... esfaquiá alí pra roubá o dinheiro dele pra fumá... violência não é porque ocê roubô... violência é ocê agredí a pessoa... isso pra mim que é violência... A2

icá xingano... não... xingá até que não é violência... cê tá desacatano a pessoa... não... xingar não... porque não é eu que ofendo... é a palavra que te ofende... ocê que se sente ofendido... A8

Quando a agressão verbal é considerada como violência pelos adolescentes do CSE, uma das formas de apresentá-la é a ofensa direcionada às pessoas mais próximas, principalmente à figura materna. Eles defendem a família a qualquer custo, talvez, por entenderem que é a instituição (família) que dá força e motivo para sua recuperação e saída do CSE:

até que pra mim o cara pode falá o que fô né? se eu vê que eu tô certo... não tô errado... o cara pode falá o que fô pra mim... em certos ponto né? desde que ele esteja falando só de mim... não envolvendo outras pessoas que eu goste... tipo assim... aí é outra conversa... A3

a violência verbal é ocê falá palavrão... uma coisa que intriga muito a pessoa é ocê falá da mãe da pessoa... inda mais nos lugá que agente tá e...

cê falá da sua família... da sua pessoa física... da sua namorada... de qualquer pessoa que ocê gosta é uma violência verbal... A7

Nos relatos dos adolescentes da escola, tal consideração específica não é percebida, talvez por conviverem com suas famílias habitual e teoricamente, com relação mais estável considerando que não apenas a agressão verbal à mãe ou outra pessoa querida, mas toda agressão verbal é uma violência:

respondê à mãe... os vizinho... pessoas mais velha... acho que isso é um tipo de violência...E2

a violência... é... xingá tamém... tem a violência de xingá tamém... xingá esses palavrões... que lá em casa todo mundo fala palavrão... não tem nenhum que escapole... E4

ocê batê na pessoa e também.... verbal também... cê xingá... gritá... e a verbal...E7

cê matá uma pessoa... cê batê... assim... pra mim... maltrautá... xingá... maltrautá os outro... E11

A representação social provém da flexibilidade do grupo e da rapidez da comunicação do conhecimento e de crenças na sociedade <sup>19</sup>. Dentro do imaginário do que é a violência mais severa e não aceita, considerada pelos adultos infratores e muito divulgada na mídia, está a violência sexual contra mulheres ou crianças. Os adolescentes infratores têm esta mesma representação e relatam desprezo como descrito na fala do adolescente A3, de 17 anos: “o pior é violência sexual... ah... outras coisas é violência né? matá os outro... briga... isso tudo é violência...” e também na fala do adolescente A11, de 15 anos: “jack ((aquele que estupra)) também a gente mata...”.

Os adolescentes da escola reconhecem a violência sexual, mas, aparentemente, com um tom de igualdade às outras violências:

onde eu morava tinha uma menina... que todo dia ela... ela saía pra rua... ninguém sabia pra onde essa menina ia... aí quando a mãe dessa menina foi descobrí... ela tava teno... a menina tinha dez anos... tava teno um caso com um velho... um caso... aí ela... aí tava a mãe da menina e o pai da menina... nussa... a menina apanhó tanto... mas esse velho tamém apanhou... viu? ... isso é violência... porque ele tá abusano do corpo da menina... dano dinheiro pra menina... todo dia a menina chegava com uma coisa diferente... E4

A determinação social do que representa ou o que é considerado como violência, pelos grupos que compõem nossa sociedade pode variar conforme o contexto, a estrutura, a cultura local e a instituição envolvida. Segundo Moscovici <sup>19</sup>,

os conteúdos e sentidos representados variam dentro da mesma sociedade e da mesma cultura. A partir da perspectiva da teoria das representações sociais, Minayo<sup>8:14</sup> ratifica que

a violência, enquanto fenômeno cultural, é objeto social que suscita representações as quais intervêm em uma dada realidade social. A representação social da violência não deve, portanto, ser tomada isoladamente, e sim analisada em sua relação direta com as comunicações e a pragmática, uma vez que ela está em íntima relação com as práticas do cotidiano.

O senso comum, na consciência contemporânea, relaciona violência como a criminal e delinquencial. Ao mesmo tempo, este fenômeno não apresenta tolerância social, pois fere a moral fundamental de toda sociedade<sup>8</sup>.

A mídia, principalmente a televisiva, sempre mostra em seus telejornais o que mais aumenta a audiência, como assassinatos, sequestros, roubos, tráfico, usuários em drogas, entre outras atrocidades. Se repararmos as falas dos adolescentes, elas se relacionam mais a este tipo de brutalidade, pois está exposta aos nossos olhares e determina a construção de conceitos da população. Esta construção de conceitos acontece nas diversas instituições, como nas casas das pessoas, nas escolas, nos grupos nas ruas e até igrejas, fazendo parte da comunicação comum quando se fala no assunto.

Se perguntarmos aos adolescentes em geral, sobre outros tipos de violência como a violência simbólica, psicológica, contra o patrimônio ou um bem e até mesmo a verbal, uns não conhecerão, outros não lembrarão e outros, ainda, não concordarão que se trata também de violência.

Isto dá um tom do que a representação social trata, quando diz que dependerá do contexto, instituição e pessoas envolvidas para discernir a percepção que os grupos têm de determinado assunto. Ao mesmo tempo, mostra indícios de que as experiências dos adolescentes com a violência podem banalizar a sua prática e seus resultados. As representações sociais orientam a conduta do adolescente e a comunicação social que há em seus grupos, estabelecendo uma realidade sociocultural comum<sup>12</sup>.

### ***Possibilidade de “não ser violento” para o adolescente***

Outra discussão inerente à representação social de violência para o adolescente é quanto aos aspectos da percepção do que não é ser violento. Algumas falas são permeadas na diferenciação que eles conseguem fazer, por estarem ausentes da criminalidade há algum tempo, devido à privação de liberdade. É como se, literalmente, tivessem “tomado um banho” de condutas corretas, de fala adequada, de limites necessários à convivência em sociedade e que posturas precisam adquirir:

quando cê pára de usá a droga dá pro cê pensar melhor, seu raciocínio fica melhor, aí dá pro cê vê quando cê faz alguma coisa de errado... cê tem consciência de que cê tá fazendo as coisa... hoje em dia é desse jeito... porque antes eu ficava só envolvido com droga e hoje não... hoje em dia eu trabalho... A1

tô sóbrio hoje em dia... né... graças a Deus e... tipo assim... tô consciente do que eu faço... até aqui que eu... eu tô cumprino medida se eu bagunça cada vez mais vai piorar pra mim... A3

Nessas falas fica claro que a droga “tampa-lhes” a visão. Depois de um tempo afastado do vício e em contato com atividades que não permitem a ociosidade, como a escola, oficinas, educação artística e esporte no CSE suas concepções mudam.

De forma geral a violência “enquanto fenômeno social complexo que suscita representações deve ser compreendida a partir das condutas e práticas humanas que lhes dão suporte, em conjunto com os sistemas simbólicos que lhes conferem sentido”<sup>6:188</sup>. Portanto se o adolescente não tem suporte para permanecer no ato infracional, isso perde o sentido e sua representação social de violência pode mudar.

eu nem penso em... violência mais não... em morte... esses trem... tem isso mais não... ah... se ocê me perguntasse e eu tivesse doidão de cocaína... Nossa Senhora... eu tinha pirado... ficava doido... qualquer palavra que... eu não... comigo... eu pirava... A5

minha mãe descobriu que eu robava... falava... dava conselho pra mim... eu nem ligava... nem ligava não... que nem eles diz né? pra mim entrava numa orelha e saía na outra... ah... agora hoje em dia eu... eu parei pra pensá e vi né? que... o mundo do crime não compensa não... é que nem minha mãe falô... né? eu tenho sorte deu tá aqui e não tá dentro dum caixão... né? A9

Na percepção de alguns adolescentes da escola, não ser violento relaciona-se a alguns fundamentos que eles consideram como primordiais para que a pessoa tenha um “caminho correto” ao longo de sua vida. Eles conseguem fazer

uma representação do que pode evitar que um indivíduo tenha um percurso envolvido com a violência:

meu pai... minha mãe né? eles conversa muito comigo... meu vô... principalmente meu vô que... meu pai antigamente viajava... eu vivi... convivi praticamente a minha vida inteira com meu vô... e ele sempre falô que... isso era ruim... desde pequeno... aí eu... aí eu... entendeu... não gosto... meu tio... meu tio irmão da minha mãe... sempre falava comigo... E1

preocupá com estudo... essas coisa assim... igual... por causa que meu pai sempre falou pra mim... por causa que ele teve também uma boa... ele não teve assim ninguém pra ajudar ele... sabe? pra incentivar estudar... porque ele não tinha pai tamém... então hoje eu tenho né? então eu tenho que aproveitá o pai que eu tenho... E8

ah... porque assim... é... igual é... os professores são bom exemplo... né? os professor... às vezes traz uma pessoa aí que... tá formado... dão exemplo... igual um médico... né? então muita das vez aqueles que têm a cabeça certinha... procura ser alguma coisa na vida... E8

Esses adolescentes destacam a família e as orientações, a escola e os estudos como exemplos positivos e incentivos para não terem atitudes consideradas violentas.

A representação social pode ser um caminho rico para a apreensão das crenças e valores que, ao serem apreendidas e analisadas, podem orientar a conduta do adolescente <sup>29</sup>. Nesse sentido, outro dado apontado pelos adolescentes da escola são suas representações construídas para aquilo que pode determinar ações de violência e/ou uso de drogas, como a pobreza, família desestruturada, falta de apoio familiar, principalmente, por parte dos pais e alguns com exemplo negativo em relação à violência dentro de casa:

pode sê o pai mais a mãe que não dá muito auxílio à pessoa... pode sê tamém se o pai já foi violento... a mãe... tio... irmão... aí faz a pessoa ficá violenta tamém... ah... tamém tem muita violência na televisão que passa na televisão... no dia a dia da pessoa... aí faz a pessoa ficá violenta tamém... esse tipo de coisa... E9

eu acho que família muitas veze... a família... a baixa... a baixa estrutura assim... a pessoa... por exemplo... mais pobre... que tem mais... dificuldade... E11

Precisamos encarar a representação social da violência tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma, como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura <sup>16</sup>. Portanto, o adolescente ao mesmo tempo que se apresenta como um ser mais factível de influências do meio



externo devido às vulnerabilidades de sua fase, pode, facilmente, construir ou não a contextura da violência como algo natural para sua vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A representação social de violência construída pelos adolescentes desta pesquisa, apresenta diferenças mínimas de caracterização, mas com certas diferenças de intensidade. Os adolescentes da escola retratam a violência de uma forma mais ampla, abrangendo mais tipos de violência. Os adolescentes do CSE deixam claro que a violência está principalmente relacionada àquela de maior risco em que a morte pode estar presente. Talvez, estas diferenças sejam representadas pelo percurso de vida que cada grupo apresenta.

Pode-se se afirmar que o contexto de vida, como meio extrínseco, do adolescente infrator proporciona influência direta em seu comportamento violento. É a objetivação da violência, tornando o abstrato em concreto. Sua relação frágil com a escola e sua baixa escolaridade, a ociosidade e falta de trabalho, a família envolvida com a criminalidade, os amigos do uso e tráfico de drogas, os colegas que adquirem bens por meio do roubo e furto e a ausência paterna ou a família monoparental são realidades significativas no desenvolvimento do indivíduo, tendenciando-o para atitudes consideradas violentas.

Tanto para o adolescente infrator quanto para o adolescente da escola, a família desempenha papel fundamental na vida de seus membros, podendo exercer suporte emocional e social, auxiliando no desenvolvimento saudável de seus componentes, como também proporcionar risco, conflitos e estresse. Quando a família se apresenta ausente na vida da criança e do adolescente, estes podem ser mais facilmente influenciados por amigos, por adultos que administram o tráfico ou simplesmente pela rua, que aparecem como um convite para uma vida teoricamente mais fácil. É esta a possibilidade de ancoragem que o adolescente pode encontrar para tornar-se violento.

O adolescente em conflito com a lei que está em regime de internação em um CSE, ao apresentar sua representação de violência consegue, em sua maioria, distinguir seu comportamento, principalmente por se encontrar num local onde o

objetivo é reestruturar sua vida, traçando um caminho diferente do que vinha percorrendo.

Quando o adolescente do CSE recebe liberação permanente para casa, é necessário um programa de apoio e de logística e acompanhamento deste egresso para a construção de planos futuros, com envolvimento de sua família, o que deve acontecer desde o início da medida socioeducativa. Esta medida do Estado pode contribuir para que o que foi desenvolvido no CSE, seja continuado externamente, diminuindo a chance de reincidência do delito.

Em relação ao adolescente em risco e ainda não infrator, como por exemplo, os da escola, é necessário ser repensado, bem como a identificação precoce das famílias, que teoricamente, se mostram frágeis. Talvez, um setor que consiga identificar estas famílias e/ou seus componentes com fatores de risco para a infração, é o setor saúde, quando organizado. Se o sistema de saúde se organiza para identificar, precocemente, patologias para que distancie a chance de complicações futuras, ele também pode se organizar para conhecer as famílias e apontar o risco de violência. Além dos serviços de saúde, a escola pode ser uma aliada tanto na identificação de adolescentes em risco quanto na intervenção destes.

Os fatores de risco ou de proteção influenciam os adolescentes a apresentarem comportamentos agressivos ou os protege de tais comportamentos. Tais fatores poderiam acarretar infrações à lei, ou diminuí-las, sendo fundamental utilizá-los para propor projetos de intervenção e prevenção. A socialização de tais adolescentes e, principalmente, a prevenção do ato infracional são questões que urgem respostas e esforços <sup>25</sup>.

É importante salientar que apontar o risco é tarefa fácil, se comparada ao apontamento de soluções para evitar a violência. O que precisa ser revisto é o apoio social para que a criança não se torne infratora. O investimento em ocupação para a criança e empregabilidade da família, oportunidades gratuitas de abandono de vícios como o alcoolismo, tabagismo e drogas, escola integral e envolvida com a família para a determinação de limites, assim como alguma forma de vincular as famílias a não contradizerem todas estas questões, podem ser saídas que ajudem a despertar um desenvolvimento responsável em crianças e adolescentes.

## REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). *Adolescent health*. [site na internet]. 2010. [cited 2010 Jan 03]. Available from: [http://www.who.int/topics/adolescent\\_health/en/](http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/).
2. Brasil. Ministério da Saúde. *Lei 8069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente*. 3ª ed. [Série E. Legislação de Saúde]. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
3. Ramos FRS. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Adolescer: compreender, atuar, acolher. Projeto Acolher*. Brasília: Aben; 2001. p. 11-18.
4. Ozella S, Aguiar WMJ. Desmistificando a Concepção de Adolescência. *Cad Pesqui* 2008; 38(133): 97-125.
5. Priulli R, Moraes M. Adolescente em conflito com a lei. *Rev C S Col* 2007; 12(5): 1185-1192.
6. Guimarães SP, Campos, PHF. Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 2007; 20(2): 188-196.
7. Melo EM, Melo MAM, Pimenta SMO, Lemos SMA, Chaves AB, Pinto LMN. A violência rompendo interações. As interações superando a violência. *Rev Bras Saúde Matern Infant* 2007; 7(1): 89-98.
8. Minayo MCS. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. p. 9-43.
9. Paludo SS, Koller SH. Quem são as crianças que estão nas ruas: vítimas ou vitimizadoras? *Interação em Psicologia* 2005; 9(1): 65-76.
10. Abramovay M, Cunha AL, Calaf PP. *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: RITLA - SEEDF; 2009.
11. Ristum M, Bastos ACS. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. *Rev C S Col* 2004; 9(1): 225-239.
12. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. *Rev Panamericana de Saúde Pública* 2004; 16(1): 43-51.
13. Balista C, Basso E, Cocco M, Geib LTC. Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Rev Eletrônica Enfermagem* 2004; 6(3): 350-357.
14. Ribolla MB, Fiamenghi Jr GA. Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. *Rev Psicol Escolar Educ* 2007; 11(1): 111-121.

15. Minayo MCS, Souza ER. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde* 1998; 4(3): 513-531.
16. Moscovici S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.
17. Almeida SFC, Santos MCAB, Rossi TMF. Representações Sociais de Professores do Ensino Fundamental sobre Violência Intrafamiliar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2006; 22(3): 277-286.
18. Lima RCP. Mudança das Práticas Socio-Educativas na FEBEM-SP: as Representações Sociais de Funcionários. *Psicologia & Sociedade* 2006; 18(1): 56-62.
19. Moscovici S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes; 2005.
20. Peres F, Rosenburg CP. Desvelando a Concepção de Adolescência/Adolescente Presente no Discurso da Saúde Pública. *Saúde e Sociedade* 1998; 7(1): 53-86.
21. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 9ª ed. São Paulo: HUCITEC; 2006.
22. Turato ER. Decidindo quais indivíduos estudar. In: Turato ER. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 2008. p. 351- 368.
23. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
24. Assis SG, Constantino P. Perspectiva de prevenção da infração juvenil masculina. *Rev C S Col* 2005; 10(1): 81-90.
25. Gallo A, Willians L. Adolescentes em conflito com a lei: fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática* 2005; 7(1): 87-97.
26. Gallo A, Willians L. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cad Pesqui* 2008; 38(133): 41- 59.
27. Silva E, Guerese S. *Adolescentes em conflito com a lei: situação do atendimento institucional no Brasil*. [Texto para discussão nº 979]. Brasília: Ipea; 2003.
28. Roque EMST, Ferriani MGC, Silva MAI. A violência intrafamiliar e a justiça. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2008 [acessado 2009 Dez 01]; 16(5). Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-116920](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-116920)>.
29. Porto MSG. Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias* 2006; 8(16): 250-273.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a discutir a representação social de violência para adolescentes acautelados. Em parte, pretendeu-se também conhecer a mesma percepção de adolescentes que residiam em área de risco, mas que não eram considerados infratores. Além disto, os resultados permitiram a discussão de influências para o cometimento do delito por parte do adolescente infrator. Partiu-se do pressuposto de que o contexto de vida levaria os adolescentes a representarem a violência como algo concreto de suas vidas e, talvez, banalizado.

A partir da entrevista e da história de vida surgiram dados que permitiram a construção de três artigos. O tema violência está, frequentemente, presente no dia a dia das manchetes televisas, jornais e rádio como se sua presença banalizasse suas consequências. Todavia, pesquisar e ir a fundo neste tema com indivíduos que são protagonistas e/ou vítimas das mais diversas e perversas formas de violência, deixa-me ao mesmo tempo assustado e provocado.

O adolescente, seja infrator ou não, apresenta as características desta fase onde as mudanças físicas, psicológicas e de comportamento sempre trarão novidades positivas ou negativas que nem sempre serão controladas. Quando fui ao encontro do grupo de adolescentes do CSE para realizar a pesquisa não tive medo ao pensar que estava lidando com pessoas que já haviam cometido atos infracionais, mas, sim, receio de como eu seria recebido para discutir um tema que lhes era peculiar e ao mesmo tempo poderiam não querer se expor. Ao contrário do esperado, os diálogos durante as entrevistas fluíram naturalmente.

Outra observação importante é quanto às descrições dos adolescentes, tanto do CSE quanto da escola. Eram utilizadas muitas gírias que, por vezes, precisavam ser traduzidas pelos próprios participantes do estudo. Os discursos dos adolescentes também eram restritos, talvez, por conversarem sobre um assunto pouco atrativo, talvez, por estarem se expondo para uma pessoa desconhecida, talvez, pelo fato de ser característica desta faixa etária conversar com frases curtas e com respostas incompletas. Estas situações não diminuíram o valor dos resultados proporcionados pelas entrevistas. Outro ponto importante foi a história de vida coletada que proporcionou uma riqueza de informações e que ao mesmo tempo permitiu que o adolescente se descontraísse, lembrando sua trajetória.

Dentre as limitações da pesquisa podemos destacar que é necessário maior envolvimento do pesquisador no campo, de forma a permitir que estes sujeitos, teoricamente excluídos e discriminados pela sociedade tenham maior liberdade de expor suas histórias. Outra limitação a ser destacada é que o grupo de adolescentes acatados se encontra sob tutela do Estado. Isso aumenta os cuidados éticos ao se conduzir a pesquisa desde a solicitação para autorização da mesma até a descrição dos resultados.

A violência, envolvendo o adolescente, apresenta marcos que podemos destacar como influentes no seu comportamento. Verifica-se que ele começa como vítima e convive com exemplos em casa, na rua e na escola. Ele pode ser vítima da pobreza, do consumismo material da sociedade contemporânea, do vício em drogas, da agressão física, verbal, psicológica e simbólica nos diversos locais de convivência. Muitas vezes de vítima, e a partir de exemplos negativos, verifica-se que ele passa a agressor para superar, confrontar ou suprir o que vem experimentando desde sua infância.

A representação social de violência construída pelos adolescentes desta pesquisa, apresentou diferenças mínimas de caracterização, mas com certas diferenças de intensidade. Os adolescentes da escola retratam a violência de uma forma mais ampla, abrangendo mais tipos de violência, enquanto os adolescentes do CSE deixam claro que a violência está principalmente relacionada àquela de maior risco em que a morte pode estar presente. Talvez, essas diferenças sejam representadas pelo percurso de vida que cada grupo apresenta.

Percebemos que os atos de violência dos adolescentes do CSE são construídos pela representação social derivada de suas vivências desde a infância até os dias atuais no que tange à família e comunidade da qual fazem parte. Tanto o perfil dos adolescentes quanto seus discursos demonstram fatos de suas vidas que repercutem nesta representação. Esta percepção atenta para a riqueza das conversações do cotidiano destes adolescentes.

A partir dos relatos e análise dos discursos dos adolescentes entrevistados, podemos elencar os principais fatores que influenciaram a prática de violência e/ou uso de drogas, sendo eles: a necessidade do dinheiro para a subsistência devido à pobreza, pela falta de trabalho e, principalmente, para a compra de drogas; a via fácil da aquisição do dinheiro e bens materiais; o abandono

escolar; a influência de amigos; a falta de supervisão dos pais e a ausência paterna; e a família como exemplo negativo.

Neste estudo é observado que as necessidades e desejos materiais dos adolescentes que não apresentam amadurecimento e orientação para diferenciar os meios “corretos” para tais aquisições, passam a ser adquiridos de forma que ultrapassam as normas éticas da sociedade, sendo considerados como atos infracionais. Com o passar do tempo, ocorre uma banalização ou naturalização desses atos que passam a fazer parte do cotidiano do adolescente e às vezes até da sociedade de forma geral.

A falta de alcance pedagógico, socializador e, talvez, até humanizador da escola, família e sociedade na formação da criança e na transmissão das normas e valores gerais da sociedade contribui para que alguns adolescentes construam suas experiências sem um referencial do que se espera como certo ou errado para condutas.

Para os adolescentes já considerados infratores, em que a violência, atualmente, faz parte de seu dia a dia, medidas socioeducativas e o próprio centro socioeducativo podem contribuir positivamente na (re)socialização tendo como referência para eles a formação de um sistema simbólico que proporciona um novo olhar para o mundo. Isso inclui a escola, oficinas profissionalizantes, a convivência com limites, o esporte, acompanhamento psicológico e ocupacional entre outras atividades.

Pensando em políticas públicas, consideramos que, apesar de existir uma rede social formada, talvez precise ser revisto o apoio social para que o adolescente infrator encontre um ambiente melhor do que quando deixou sua casa ou a própria rua, antes da privação de liberdade. Se ele retornar à sua comunidade de origem e se deparar com os mesmos fatores que o levaram à situação de risco em que se encontrava e com os mesmos estímulos que o levaram a atos infracionais, provavelmente, voltará a cometer delitos recebendo nova medida socioeducativa ou uma punição criminal caso já tenha avançado a idade de 18 anos. Outra saída é encontrar pontos nos quais o adolescente possa se “agarrar” para encontrar motivos para sua recuperação. Talvez, essas considerações sejam saídas para o sucesso do adolescente considerado infrator. Como assinalado nesse estudo, alguns indícios são mostrados pelos participantes como motivacionais para a saída da vida da criminalidade, sendo eles o fortalecimento dos laços familiares, principalmente no



investimento materno e o combate aos problemas dos familiares e na melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

Ainda em relação às políticas públicas, se tratando do adolescente em risco e ainda não infrator, como por exemplo, os da escola, é necessário repensar e identificar, precocemente, as famílias que, teoricamente, se mostram frágeis. Talvez, um setor que consiga identificar estas famílias e/ou seus componentes com fatores de risco para a infração, é o setor de saúde, quando organizado. Se o sistema de saúde se organiza para identificar precocemente patologias para que distancie a chance de complicações futuras, ele também pode se organizar para conhecer as famílias e apontar o risco de violência. É importante salientar que apontar o risco é tarefa fácil, se comparada ao apontamento de soluções para evitar a violência. Novamente, reafirmo que precisa ser revisto o apoio social para que a criança não se torne infratora. O investimento em ocupação para a criança e empregabilidade da família, oportunidades gratuitas de abandono de vícios, como o alcoolismo, tabagismo e drogas, escola integral e envolvida com a família para a determinação de limites, assim como alguma forma de vincular as famílias a não contradizerem todas estas questões, podem ser saídas que ajudem a despertar um desenvolvimento responsável em crianças e adolescentes.

Enfim, a temática do adolescente infrator ocupa posição de destaque na agenda de inúmeros atores governamentais e não-governamentais, exigindo a atuação de agentes das políticas públicas para a infância e juventude e das políticas de assistência social. Esta ênfase na agenda social deve-se a diversos fatores, como o aumento de atos considerados graves pelos adolescentes, o direito da sociedade à segurança pública e a necessidade urgente de resolver, de forma efetiva, a aplicação das medidas de proteção e socioeducativas, determinando recursos e programas específicos para este fim. Somando-se a todos esses fatores urge a necessidade ético-legal de garantir às crianças e adolescentes, autores ou não de atos infracionais, condições e meios para avançar no seu processo de indivíduo em desenvolvimento.



**APÊNDICE A****Roteiro – Adolescentes do Centro Socioeducativo**

Entrevista nº \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Filhos: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Mora com quem: \_\_\_\_\_

Renda familiar: \_\_\_\_\_

- A) Alguém da sua família usa álcool ou outras drogas? Quem?
- B) Alguém da sua família já praticou alguma violência? Quem? Qual?
- C) Alguém da sua família já sofreu alguma violência? Quem? Qual? Quando?
- D) Antes de vir para este local qual era sua ocupação?
- E) Você faz ou já fez uso de drogas lícitas ou ilícitas? Se sim, o que o levou a usar?
- F) Para você, o que é violência?
- G) Você se considera uma pessoa violenta? Se sim, o que o levou a ser assim?
- H) Você já sofreu alguma violência? Qual? De quem? Quando?
- I) Se você pudesse mudar algo em sua vida, o que seria?
- J) O que você imagina para o seu futuro?
- L) Gostaria de acrescentar alguma coisa?

**Roteiro – Adolescentes da Escola**

Entrevista nº \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Filhos: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Mora com quem: \_\_\_\_\_

Renda familiar: \_\_\_\_\_

- A) Alguém da sua família usa álcool ou outras drogas? Quem? Qual?
- B) Alguém da sua família já praticou alguma violência? Quem? Qual?
- C) Alguém da sua família já sofreu alguma violência? Quem? Qual? Quando?
- D) Você faz ou já fez uso de drogas lícitas ou ilícitas? Se sim, o que o levou a usar?
- E) Você já praticou alguma violência?
- F) Você já sofreu alguma violência? Qual? De quem? Quando?
- G) Para você, o que é violência?
- H) Você se considera uma pessoa violenta? Se sim, o que o levou a ser assim?
- I) Se você pudesse mudar algo em sua vida, o que seria?
- J) O que você imagina para o seu futuro?
- L) Gostaria de acrescentar alguma coisa?

**APÊNDICE B****Roteiro para a História de Vida**

Você contará da forma que conseguir sua história de vida desde o momento em que se lembra da sua infância até os dias de hoje.

## APÊNDICE C – TCLE para Adolescente Acautelado e Responsável

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (13 A 17 ANOS - ADOLESCENTE)

Você está sendo convidado a participar e contribuir com a pesquisa cujo título é “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”. Este estudo será realizado no Centro Sócio Educativo com o consentimento da Secretaria de Estado de Defesa Social e em algumas escolas municipais, e tem por objetivo geral compreender as representações sociais que adolescentes acatueados têm sobre violência (o que você pensa sobre violência).

Caso você concorde em participar desta pesquisa, serão realizadas entrevistas com você, com perguntas sobre assuntos pertinentes ao tema. Também será colhida a sua história de vida através de seus relatos, ou seja, você irá descrever, da forma que conseguir, a sua história de vida desde as suas lembranças mais antigas até hoje. As respostas da entrevista e a história de vida serão transcritas, categorizadas e analisadas pelo pesquisador.

Esta pesquisa não apresenta riscos à sua integridade física, pois não será realizado nenhum tipo de procedimento invasivo e nem procedimento de avaliação ou tratamento. Caso ocorra qualquer tipo de problema você poderá procurar pelo pesquisador, por telefone ou carta. Quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados possam proporcionar no futuro, intervenções para os adolescentes acatueados e para aqueles em risco de acatueamento.

A sua participação na pesquisa é voluntária, sendo que a opção de não participação em nada afetará seu acesso, atividade ou tratamento no Centro Sócio Educativo. Os dados obtidos são sigilosos, não serão citados seus nomes, sendo que as informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Em qualquer momento, você poderá solicitar seu desligamento da pesquisa.

Durante toda a realização do trabalho, você tem o direito de esclarecer suas dúvidas sobre o procedimento ao qual está sendo submetido. Os pesquisadores estarão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.

Agradecemos à disponibilidade.  
Atenciosamente.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_  
aceito participar da pesquisa “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”, em acordo com as informações acima expostas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

De acordo.

Assinatura do participante-----

#### **Pesquisadores:**

Daniel Nogueira Cortez – Professor e Enfermeiro, mestrando em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (37) 3221-4318. End: Av. Paraná, 3001, Jardim Belvedere II.  
Alysson Massote Carvalho – (Orientador) Professor da pós graduação em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais

#### **Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG**

Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901. Tel. (31) 3409-4592 Fax: (31) 3409-4027

## APÊNDICE D – TCLE para Responsável do Adolescente Acautelado

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (13 A 17 ANOS - RESPONSÁVEL)

O adolescente sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar e contribuir com a pesquisa cujo título é “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”. Este estudo será realizado no Centro Sócioeducativo com o consentimento da Secretaria de Estado de Defesa Social e em algumas escolas municipais, e tem por objetivo geral compreender as representações sociais que adolescentes acautelados têm sobre violência (o que o adolescente pensa sobre violência).

Caso você concorde, serão realizadas entrevistas com o adolescente participante, com perguntas sobre assuntos pertinentes ao tema. Também será colhida a história de vida do adolescente através de relatos, ou seja, ele descreverá, da forma que conseguir, a sua história de vida desde as suas lembranças mais antigas até hoje. As respostas da entrevista e a história de vida serão transcritas, categorizadas e analisadas pelo pesquisador.

Esta pesquisa não apresenta riscos à integridade física do adolescente, pois não será realizado nenhum tipo de procedimento invasivo e nem procedimento de avaliação ou tratamento. Caso ocorra qualquer tipo de problema você poderá procurar pelo pesquisador, por telefone ou carta. Quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados possam proporcionar no futuro, intervenções para os adolescentes acautelados e para aqueles em risco de acautelamento.

A participação na pesquisa é voluntária, sendo que a opção de não participação em nada afetará o acesso, atividade ou tratamento do adolescente no Centro Sócioeducativo. Os dados obtidos são sigilosos, não serão citados nomes, sendo que as informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Em qualquer momento, você poderá solicitar o desligamento do adolescente da pesquisa.

Durante toda a realização do trabalho, você tem o direito de esclarecer suas dúvidas sobre o procedimento ao qual o adolescente está sendo submetido. Os pesquisadores estarão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.

Agradecemos à disponibilidade.

Atenciosamente.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_ CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, como responsável do adolescente \_\_\_\_\_, autorizo sua participação na pesquisa “Representação Social de Violência de Adolescentes Acautelados”, em acordo com as informações acima expostas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

De acordo.

Assinatura do participante-----

#### **Pesquisadores:**

Daniel Nogueira Cortez – Professor e Enfermeiro, mestrando em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (37) 3221-4318. End: Av. Paraná, 3001, Jardim Belvedere II.

Alysson Massote Carvalho – (Orientador) Professor da pós graduação em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais

#### **Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG**

Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901. Tel. (31) 3409-4592 Fax: (31) 3409-4027

## APÊNDICE E – TCLE para Adolescente não Acautelado e responsável

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (13 A 17 ANOS - ADOLESCENTE)

Você está sendo convidado a participar e contribuir com a pesquisa cujo título é “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”. Este estudo será realizado no Centro Sócio Educativo e na escola onde você estuda com o consentimento da Diretora da escola e tem por objetivo compreender as representações sociais que adolescentes têm sobre violência (o que você pensa sobre violência).

Caso você concorde em participar desta pesquisa, serão realizadas entrevistas com você, com perguntas sobre assuntos pertinentes ao tema. Também será colhida a sua história de vida através de seus relatos, ou seja, você irá descrever, da forma que conseguir, a sua história de vida desde as suas lembranças mais antigas até hoje. As respostas da entrevista e a história de vida serão transcritas, categorizadas e analisadas pelo pesquisador.

Esta pesquisa não apresenta riscos à sua integridade física, pois não será realizado nenhum tipo de procedimento invasivo e nem procedimento de avaliação ou tratamento. Caso ocorra qualquer tipo de problema você poderá procurar pelo pesquisador, por telefone ou carta. Quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados possam proporcionar no futuro, intervenções para os adolescentes acautelados e para aqueles em risco de acautelamento. A sua participação é importante para possibilitar a comparação entre adolescentes que estão em escolas e outros que estão acautelados e atingir os objetivos propostos.

A sua participação na pesquisa é voluntária, sendo que a opção de não participação em nada afetará o acesso e atividades desenvolvidas na escola. Os dados obtidos são sigilosos, não serão citados nomes, sendo que as informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Em qualquer momento, você poderá solicitar seu desligamento da pesquisa.

Durante toda a realização do trabalho, você tem o direito de esclarecer suas dúvidas sobre o procedimento ao qual está sendo submetido. Os pesquisadores estarão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.

Agradecemos à disponibilidade.  
Atenciosamente.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_ CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”, em acordo com as informações acima expostas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

De acordo.

Assinatura do participante-----

#### **Pesquisadores:**

Daniel Nogueira Cortez – Professor e Enfermeiro, mestrando em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (37) 3221-4318. End: Av. Paraná, 3001, Jardim Belvedere II.

Alysson Massote Carvalho – (Orientador) Professor da pós graduação em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais

#### **Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG**

Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901. Tel. (31) 3409-4592 Fax: (31) 3409-4027

## APÊNDICE F – TCLE para responsável do Adolescente não Acautelado

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (13 A 17 ANOS – PAIS OU RESPONSÁVEL)

O adolescente sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar e contribuir com a pesquisa cujo título é “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”. Este estudo será realizado no Centro Sócio Educativo e na escola onde ele estuda com o consentimento da Diretora da Escola, e tem por objetivo compreender as representações sociais que adolescentes têm sobre violência (o que o adolescente pensa sobre violência).

Caso você concorde, serão realizadas entrevistas com o adolescente participante, com perguntas sobre assuntos pertinentes ao tema. Também será colhida a história de vida do adolescente através de relatos, ou seja, ele descreverá, da forma que conseguir, a sua história de vida desde as suas lembranças mais antigas até hoje. As respostas da entrevista e a história de vida serão transcritas, categorizadas e analisadas pelo pesquisador.

Esta pesquisa não apresenta riscos à integridade física do adolescente, pois não será realizado nenhum tipo de procedimento invasivo e nem procedimento de avaliação ou tratamento. Caso ocorra qualquer tipo de problema você poderá procurar pelo pesquisador, por telefone ou carta. Quanto aos benefícios, acredita-se que os resultados possam proporcionar no futuro, intervenções para os adolescentes acautelados e para aqueles em risco de acautelamento. A participação do adolescente sob sua responsabilidade é importante para possibilitar a comparação entre adolescentes que estão em escolas e outros que estão acautelados e atingir os objetivos propostos.

A participação na pesquisa é voluntária, sendo que a opção de não participação em nada afetará o acesso e atividades desenvolvidas na escola. Os dados obtidos dos adolescentes são sigilosos, não serão citados nomes, sendo que as informações obtidas na pesquisa serão usadas exclusivamente em caráter científico. Em qualquer momento, o adolescente participante poderá solicitar seu desligamento da pesquisa.

Durante toda a realização do trabalho, você tem o direito de esclarecer suas dúvidas sobre o procedimento ao qual o adolescente está sendo submetido. Os pesquisadores estarão à disposição para qualquer esclarecimento necessário.

Agradecemos à disponibilidade.

Atenciosamente.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_ CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, como responsável do adolescente \_\_\_\_\_, autorizo sua participação na pesquisa “Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência”, em acordo com as informações acima expostas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

De acordo.

Assinatura do participante-----

#### Pesquisadores:

Daniel Nogueira Cortez – Professor e Enfermeiro, mestrando em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais. Tel. (37) 3221-4318. End: Av. Paraná, 3001, Jardim Belvedere II.

Alysson Massote Carvalho – (Orientador) Professor da pós graduação em Ciências da Saúde: Saúde da criança e do adolescente da Universidade Federal de Minas Gerais

#### Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG

Endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar Campus Pampulha Belo Horizonte, MG – Brasil CEP: 31270-901. Tel. (31) 3409-4592 Fax: (31) 3409-4027





## ANEXO A

## Carta de Autorização da pesquisa no Centro Socioeducativo



GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA SOCIAL  
Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas

Ofício DIP/SUASE/SEDS Nº 004/2009

Belo Horizonte, 20 de maio de 2009.

Para: **Daniel Nogueira Cortez**

Assunto: **Encaminha parecer definitivo sobre projeto de pesquisa**

Prezado Daniel,

Após análise da última versão do projeto de pesquisa "*Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência*" de sua autoria, enviada a estas Diretorias em 19 de maio de 2009, aprovamos, em consenso, o referido projeto.

Também fica autorizada a pesquisa de campo, compreendida por realização de entrevistas e técnica de história oral com alguns adolescentes, a ser realizada no Centro Socioeducativo de [REDACTED] (CSED), após datas e horários a serem acordados com a Direção Geral do referido Centro. Ressalte-se a obrigatoriedade de sigilo quanto aos nomes, tanto dos adolescentes, quanto da instituição, observando-se os requisitos legais e o termo de consentimento anteriormente firmado.

Lembramos que, após a conclusão do trabalho, uma cópia do mesmo deve ser enviado à Diretoria de Gestão da Informação de Pesquisa – DIP.

Atenciosamente,

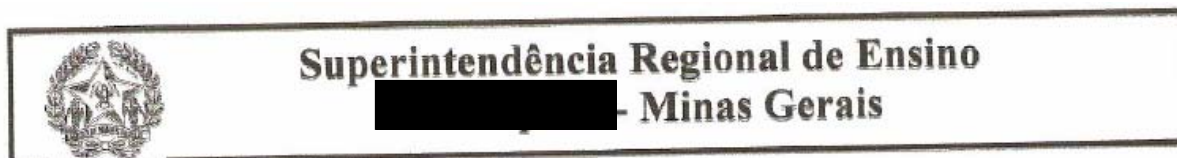
  
Mariana Porto Almeida

Diretoria da Gestão da Informação e Pesquisa – DIP

  
Viviane Coelho Albuquerque

Diretoria de Orientação Socioeducativa – DOS

## ANEXO B


**Carta de Autorização da pesquisa pela Diretora da Superintendência Regional de Ensino**

- AUTORIZAÇÃO -

Autorizamos o Sr. Daniel Nogueira Cortez, Mestrando em Saúde da Criança e do Adolescente a procurar a E.E. São Francisco de Paula a fim de solicitar a aprovação da Diretoria para fazer uma pesquisa sobre violência com os alunos desse estabelecimento

Divinópolis, 14 de maio de 2009.

Atenciosamente,

  
Vera Lúcia Soares Prado

Diretor - SRE - [REDACTED]

## ANEXO C

**Carta de Autorização da pesquisa na Escola**

**Escola Estadual São Francisco de Paula**  
Endereço: Av. Bela Vista nº 922, Bairro Icarai. [REDACTED] /MG

[REDACTED], 22 de maio de 2009

Autorizo o mestrando da Faculdade de Medicina da UFMG do programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde na área de concentração em Saúde da Criança e do Adolescente a realizar a pesquisa intitulada "*Representação Social de Adolescentes Acautelados sobre Violência*" nesta escola.

Irene Silva Brito Gontijo  
MaSP 871.3554  
Designação Diretor  
Ato nº 1000/2007



---

Irene Silva Brito Gontijo  
Diretora E.E. São Francisco de Paula

## ANEXO D

**Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

**Parecer nº. ETIC 319/09**

**Interessado(a): Prof. Joel Alves Lamounier**  
**Departamento de Pediatria**  
**Faculdade de Medicina - UFMG**

**DECISÃO**

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 16 de setembro de 2009, o projeto de pesquisa intitulado **"Representação social de adolescentes acutelados sobre violência"** bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

  
**Prof. Maria Teresa Marques Amaral**  
**Coordenadora do COEP-UFMG**

## ANEXO E

## NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

Adaptação das normas indicadas em: KOCK, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1997.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos.	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu.	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Entoação enfática.	Maiúsculas	porque as pessoas reTÊM
Tom de voz baixo.	Itálicas	até os médicos evitam a palavra...
Nomes de obras ou nomes comuns de estrangeiros.	Sublinhados	<u>Elizabeth Kübler Ross</u> em seu estudo com pacientes terminais...
Alongamento de vogal ou consoante.	: : podendo aumentar para : : : : ou mais	Ao emprestarem os... eh:::... dinheiro...
Silabação.	-	Por motivo de tran-sa-ção
Interrogação.	?	E o Banco Central... certo?
Repetição ou corte de palavras sem pausa.	/	... aí eu fui / fui e comecei a roubá
Indicação de pausas breves ou que represente o final de uma fala.	...	São três motivos... ou três razões...
Silêncio ou pausa longa.	(...)	Eu... (...) não pensava assim antes (...)
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação.	“aspas”	Pedro Lima escreve... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...
Superposição, simultaneidade de vozes.	Ligando as [ linhas	1. na casa da sua irmã 2. [sexta-feira ?
Comentário descritivo do transcritor.	((minúsculas))	((tossiu))

## Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos ou fases.
2. Fáticos: ah, eh, ahn, ehn, uhn, tá.
3. Números por extenso.
4. Não se indica frase exclamativa.
5. Não se anota o cadenciamento da frase.
6. Os sinais de transcrição podem ser combinados. (Ex.: oh::... alongamento e pausa).
7. Não se utiliza sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, vírgula. As reticências marcam *qualquer tipo de pausa*.